

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CEATEC - CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS, AMBIENTAIS E
DE TECNOLOGIAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO -
MESTRADO**

FERNANDA VIANA BUGA

**AS TEMPORALIDADES APRESENTADAS PELAS FORMAS
DE USO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES
PÚBLICOS: Um estudo de Poços de Caldas - MG**

Campinas

2017

FERNANDA VIANA BUGA

**AS TEMPORALIDADES APRESENTADAS PELAS FORMAS
DE USO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES
PÚBLICOS: Um estudo de Poços de Caldas - MG**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Denio Munia Benfatti

CAMPINAS

2017

t711.4 Buga, Fernanda Viana.

**B931t As temporalidades apresentadas pelas formas de uso e
apro-
riação dos espaços livres públicos: um estudo de Poços de
Caldas-**

MG / Fernanda Viana Buga. - Campinas, 2017.

120p.

Orientador: Denio Munia Benfatti.

FERNANDA VIANA BUGA

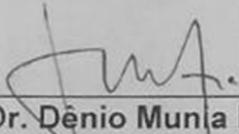
AS TEMPORALIDADES APRESENTADAS PELAS FORMAS DE USO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: Um estudo de Poços de Caldas - MG

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Área de Concentração: Urbanismo.

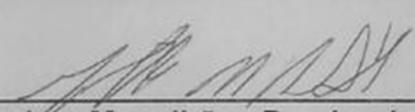
Orientador: Prof.Dr.Denio Munia Benfatti

Dissertação defendida e aprovada em 30 de Junho de 2017 pela Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:



Prof. Dr. Denio Munia Benfatti

Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Prof. Dr. Jonathas Magalhães Pereira da Silva

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof. Dr. Evandro Ziggiatti Monteiro

Universidade Estadual de Campinas

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família por todo o apoio e a paciência durante a realização desta pesquisa, em especial ao Júlio pelo incentivo e inspiração com os quais sempre pude contar;

Ao meu orientador Denio Munia Benfatti, pelas discussões enriquecedoras que tanto me abriram os olhos possibilitando que eu visse detalhes que me passavam despercebidos;

Aos grandes amigos que levo dessa jornada, Anderson Proença, Diógenes Souza e Luísa Trevisan (em ordem alfabética), pelo apoio, o incentivo, os questionamentos, discussões e os momentos de distração tão necessários nos períodos mais tensos. A trajetória ficou mais leve com vocês;

À todos os professores e colegas do POSURB pelo crescimento proporcionado tanto dentro das disciplinas como for delas;

Ao professor Luciano Bernardino da Costa pelo conhecimento transmitido nas aulas da graduação que suscitaram os questionamentos que fomentaram a temática desenvolvida nesse trabalho e também pelas contribuições acrescentadas durante a banca de qualificação;

À equipe NAU 2015/2016 pelo companheirismo e pelo aprendizado que cada um deixou;

Também aos amigos Carol Nassif, Leonardo Francisco e Lucas Dias que como membros da Secretaria de Planejamento, tanto auxiliaram a olhar e entender a cidade de Poços de Caldas e seus processos;

Ao POSURB e ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos.

Resumo

O trabalho visa compreender as diferenças nos usos e a existência de apropriação social dos espaços livres públicos de diferentes áreas na cidade de Poços de Caldas, considerando as diferentes temporalidades existentes no território. A cidade de Poços de Caldas se encontra nas bordas da megalópole do sudeste, sendo assim influenciada pelo modo de vida acelerado característico dos grandes centros urbanos. Além da velocidade, a mobilidade e a possibilidade de integração social com maior diversidade de culturas e pessoas é também característico do modo de vida dos grandes centros. Concomitantemente a cidade de Poços de Caldas mantém o caráter de cidade pequena, onde a noção de pertencimento ao território ainda influi nos usos e intensidade de apropriação dos espaços livres públicos. Para a realização da pesquisa foi elaborado um levantamento dos espaços livres públicos existentes na cidade levantando os usos atribuídos a cada um deles, e aprofundou as análises através de três estudos de casos em áreas que representam diferentes intensidades da influência dos modos de vida contemporâneo sendo a área central, a COHAB e o Bairro da Vila Cruz em ordem do que apresentam maiores influências para os menos intensos.

Palavras-chave: espaço livre público de lazer; usos dos espaços livres públicos; temporalidades; Poços de Caldas.

Abstract

The aim of this study is to understand the differences in uses and the existence of social appropriation of public spaces in different areas of the Poços de Caldas city, considering the different temporalities that exist in the territory. The city of Poços de Caldas is located on the edges of the *megalópole do sudeste*, and is thus influenced by the accelerated way of life characteristic of the urban metropolis. Besides the acceleration, the mobility and possibility of social integration with a greater diversity of cultures and people is also characteristic of the way of life of the great centers. Concomitantly, the city of Poços de Caldas maintains the character of a small city, where the notion of community and belonging to the territory still influence the uses and intensity of appropriation of public spaces. In order to carry out the research, an inventory of the public spaces available in the city was drawn up, raising the uses attributed to each one of them, and deepened the analysis through three case studies in areas that represent different intensities of the influence of contemporary lifestyles. Central area, COHAB and Bairro da Vila Cruz in order of which they present greater influences for the less intense ones.

Keywords: public space; Uses of public spaces; temporalities; Poços de Caldas.

Índice de Figuras

| | |
|--|-----------|
| FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS NO ESTADO DE MINAS GERAIS E CIDADES LIMÍTROFES. FONTE: MAPA DESENVOLVIDO PELA AUTORA, 2016. | 34 |
| FIGURA 2 - MAPA APRESENTANDO A INTRUSÃO ALCALINA SEMICIRCULAR ONDE SE LOCALIZAM PARTE DAS CIDADES DE POÇOS DE CALDAS, ANDRADAS E ÁGUAS DA PRATA; E O MAPA HIDROGRÁFICO QUE CONDICIONOU A OCUPAÇÃO AO LONGO DOS VALES. | 35 |
| FIGURA 3 - C. 1920. O ANTIGO LARGO PASSA A SER UMA GRANDE PRAÇA AJARDINADA, PRAÇA SENADOR GODOY, C. 1900. CONFLUÊNCIA DOS RIBEIRÕES A ESQUERDA DA FIGURA. | 37 |
| FIGURA 4 - PLANTA DE MELHORAMENTOS DA ÁREA CENTRAL COM PROPOSTAS PARA AS ÁREAS AJARDINADAS, 1917. | 39 |
| FIGURA 5 - DESENHO DO PAISAGISTA REYNALDO DIERBERGUER QUE APRESENTA O PROJETO DO PARQUE JOSÉ AFFONSO JUNQUEIRA (A ESQUERDA) E PRAÇA PEDRO SANCHES (A DIREITA). | 40 |
| FIGURA 6 - MAPA DE DESENVOLVIMENTO URBANO. | 44 |
| FIGURA 7 - MAPA INDICANDO A LOCALIZAÇÃO SUGERIDA PARA A INSTALAÇÃO DO CENTRO DE NEGÓCIOS. | 46 |
| FIGURA 8 - FOTO AÉREA DO BAIRRO CONJUNTO HABITACIONAL DR. PEDRO AFFONSO JUNQUEIRA ANTES DE SUA INAUGURAÇÃO, EM 1980. | 50 |
| FIGURA 9 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS. | 52 |
| FIGURA 10 - MAPA DE EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS – LAZER. | 54 |
| FIGURA 11 - MODELO DA FICHA ELABORADA PARA A INSERÇÃO DOS DADOS COLETADOS EM CADA UM DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE POÇOS DE CALDAS. | 54 |
| FIGURA 12 - MAPA DA CIDADE DE POÇOS DE CALDAS LOCALIZANDO OS ESPAÇOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE E LEVANTAMENTO. | 55 |
| FIGURA 13 - FOTOGRAFIA DE TRECHO DA RUA PERNAMBUCO (115), ILUSTRANDO A DINÂMICA ENCONTRADA NAS RUAS DO SERVIÇO DURANTE OS FINAIS DE SEMANA. | 57 |
| FIGURA 14 - FOTOGRAFIA DE TRECHO DA RUA PARAÍBA (116), ILUSTRANDO A DINÂMICA ENCONTRADA NAS RUAS DO SERVIÇO DURANTE OS FINAIS DE SEMANA. | 57 |
| FIGURA 15 - FOTOGRAFIA DE TRECHO DA RUA MARECHAL DEODORO (114), ILUSTRANDO A DINÂMICA ENCONTRADA NAS RUAS DO “CAMINHO CAIPIRA”. | 58 |
| FIGURA 16 - FOTOGRAFIA DE TRECHO DA RUA CORONEL VIRGÍLIO SILVA (124), ILUSTRANDO A DINÂMICA ENCONTRADA NAS RUAS DO “CAMINHO CAIPIRA”. | 58 |
| FIGURA 17 - FOTOGRAFIA DE TRECHO DA AVENIDA EDUARDO LUCIANO MARRAS (130) ILUSTRANDO A DINÂMICA ENCONTRADA NAS RUAS DE ABASTECIMENTO DE BAIRRO. | 59 |
| FIGURA 18 - FOTOGRAFIA DE TRECHO DA RUA GAMA CRUZ (119) ILUSTRANDO A DINÂMICA ENCONTRADA NAS RUAS DE ABASTECIMENTO DE BAIRRO. | 59 |

| | |
|--|-----------|
| FIGURA 19 - MAPA DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA ÁREA CENTRAL. | 60 |
| FIGURA 20 - MAPA DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA ZONA OESTE. | 61 |
| FIGURA 21 - MAPA DESTACANDO OS ESPAÇOS CITADOS (38, 39, 40 E 41). | 62 |
| FIGURA 22 - MAPA DESTACANDO A LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS MENCIONADOS (27, 28, 29, 30 E 31). | 64 |
| FIGURA 23 - MAPA DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA ZONA LESTE. | 64 |
| FIGURA 24- FOTOGRAFIA DA DINÂMICA DA PRAÇA 17. | 65 |
| FIGURA 25 - FOTOGRAFIA DA DINÂMICA DO PARQUINHO INFANTIL, ACADEMIA AO AR LIVRE E MINA D'ÁGUA (18). | 65 |
| FIGURA 26 - FOTOGRAFIA DO PARQUINHO E QUADRA DE AREIA DO ESPAÇO 79. | 65 |
| FIGURA 27 - FOTOGRAFIA DO PARQUINHO E ACADEMIA AO AR LIVRE DO ESPAÇO 79. | 65 |
| FIGURA 28 - MAPA DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA ZONA SUL. | 66 |
| FIGURA 29 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS 50, 51, 52, 55 E 56. | 67 |
| FIGURA 30 - FOTOGRAFIA DO ESPAÇOS 56. | 67 |
| FIGURA 31 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS 60, 61, 62, 63 E 64. | 67 |
| FIGURA 32 - FOTOGRAFIA DO ESPAÇO 61. | 67 |
| FIGURA 33 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS 48 E 53. | 67 |
| FIGURA 34 - FOTOGRAFIA DA DINÂMICA DO ESPAÇO 48. | 67 |
| FIGURA 35 - PRAÇA MARTINHO DE FREITAS MOURÃO (01) COM EVENTO. | 68 |
| FIGURA 36 - PRAÇA MARTINHO DE FREITAS MOURÃO (01) SEM EVENTO. | 68 |
| FIGURA 37 - PRAÇA DA IGREJA DE SÃO BENEDITO (20) EM PERÍODO DE FESTA. | 69 |
| FIGURA 38 - EVENTO RUA VIVA 2016. | 69 |
| FIGURA 39 - ESPAÇOS DEFINIDOS PARA ESTUDO DA ÁREA CENTRAL. | 70 |
| FIGURA 40 - PRAÇA TEOTÔNIO VILELA (3). | 71 |
| FIGURA 41 - PRAÇA DOS IMIGRANTES (4). | 71 |
| FIGURA 42 - PRAÇA GETÚLIO VARGAS (2), RELÓGIO FLORAL. | 72 |
| FIGURA 43 - PRAÇA GETÚLIO VARGAS (2), PONTOS DE CHARRETE. | 72 |
| FIGURA 44 - FOTOGRAFIA DAS DINÂMICAS IDENTIFICADAS NO PARQUE JOSÉ AFFONSO JUNQUEIRA. | 73 |
| FIGURA 45 - FOTOGRAFIA DAS DINÂMICAS IDENTIFICADAS NO PARQUE JOSÉ AFFONSO JUNQUEIRA. | 73 |
| FIGURA 46 - PRAÇA PEDRO SANCHES EM DIAS DE SEMANA. | 74 |
| FIGURA 47 - PRAÇA PEDRO SANCHES EM FINAIS DE SEMANA. AO FUNDO APRESENTAÇÃO DE GRUPO DE SERTANEJO DE RAIZ. | 74 |
| FIGURA 48 - PRAÇA PEDRO SANCHES EM DIAS DE ATIVIDADES EVENTUAIS ANUAIS COMO JULHO FEST. | 75 |
| FIGURA 49 - PRAÇA PEDRO SANCHES COM ATIVIDADES EVENTUAIS LIGADAS A CULTURA HIP HOP. | 75 |
| FIGURA 50 - PRAÇA ELISÁRIO JUNQUEIRA DURANTE A TARDE EM DIAS DE SEMANA. | 75 |

| | |
|--|-----------|
| FIGURA 51 - PRAÇA ELISÁRIO JUNQUEIRA EM FINAIS DE SEMANA COM USOS SOBREPOSTOS DA MÚSICA E DANÇA E A FEIRA DE ARTESANATOS. | 75 |
| FIGURA 52 - MAPA LOCALIZANDO OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DISPONÍVEIS NA VILA CRUZ. | 78 |
| FIGURA 53 - DINÂMICA DA PRAÇA EM DIAS DE FEIRA LIVRE. | 80 |
| FIGURA 54 - OCUPAÇÃO DA PRAÇA POR ATIVIDADES INFANTIS SOB SUPERVISÃO DOS ADULTOS. | 80 |
| FIGURA 55 - AV. CHAMPAGNAT, OS PRODUTOS EXPOSTOS NAS CALÇADAS. | 82 |
| FIGURA 56 - PESSOAS REUNIDAS OCUPANDO AS CALÇADAS. | 82 |
| FIGURA 57 - DIVISÃO DE ÁREAS CONFORME PROJETO APROVADO PARA O LOTEAMENTO CONJUNTO HABITACIONAL DOUTOR PEDRO AFFONSO JUNQUEIRA COM DEMARCAÇÃO DOS ITENS MENCIONADOS. | 84 |
| FIGURA 58 - MAPA LOCALIZANDO OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DISPONÍVEIS NA COHAB. | 85 |
| FIGURA 59 - IMAGEM APRESENTANDO A “PRAÇA DA PISTA DE SKATE” E SEU ENTORNO IMEDIATO. | 87 |
| FIGURA 60 - OCUPAÇÃO DA PISTA DE SKATE. | 88 |
| FIGURA 61 - OCUPAÇÃO DA PISTA DE SKATE. | 88 |
| FIGURA 62 - OCUPAÇÃO DA QUADRA ESPORTIVA NA PRAÇA DA PISTA DE SKATE. | 88 |
| FIGURA 63 - CANTEIRO DA AVENIDA PRINCIPAL. | 89 |

Índice de Siglas

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

APP – Área de Preservação Permanente;

COHAB - Conjunto Habitacional;

ELP – Espaço Livre Público;

PD - Plano Diretor;

PDI – Plano de Desenvolvimento Integrado;

PIB - Produto Interno Bruto;

PMPC – Prefeitura Municipal de Poços de Caldas;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais;

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal;

SEL – Sistema de Espaços Livres;

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO I - ESPAÇOS PÚBLICOS | 16 |
| 1.1. ESPAÇO PÚBLICO COMO ESFERA PÚBLICA | 16 |
| 1.2. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS | 18 |
| 1.3. O REFLEXO DOS MODOS DE VIDA NAS FORMAS DE USO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS | 21 |
| CAPÍTULO II - SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE POÇOS DE CALDAS | 34 |
| 2.1 FORMAÇÃO | 36 |
| 2.2 DESENVOLVIMENTO | 41 |
| 2.3 SITUAÇÃO ATUAL | 52 |
| CAPÍTULO III – POÇOS COMO PONTO FOCAL: ESTUDOS DE CASO | 53 |
| 3.1 ÁREA CENTRAL | 70 |
| 3.2 VILA CRUZ | 77 |
| 3.3 CONJUNTO HABITACIONAL DR. PEDRO AFFONSO JUNQUEIRA – COHAB | 83 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 91 |
| BIBLIOGRAFIA | |
| APENDICE | |
| ANEXOS | |

INTRODUÇÃO

A sociedade está em constante processo de transformação, contudo, por diversos fatores, as transformações não despontam homoganeamente sob todo território, gerando a sobreposição de camadas com diferentes características temporais. Dentro de uma mesma cidade determinadas áreas podem ser mais afetadas pelas transformações sociais em curso, ocasionando não só as alterações dos espaços físicos, mas também dos modos de vida cotidiano da população.

Nas antigas cidades onde o acesso a veículos era menor, assim como as distâncias diárias a serem percorridas, o contato entre os moradores era mais intenso, os comerciantes produziam o material que vendiam e conheciam seus consumidores, podendo assim realizar um atendimento personalizado, com mais sentimento. As informações circulavam em menor quantidade, condicionadas a quantidade de habitantes e também ao acesso aos meios de disseminação de informações. Os habitantes se conheciam, conversavam e possuíam vínculos afetivos possibilitados pelo ritmo mais lento das atividades cotidianas (quando comparado com o ritmo encontrado atualmente). Tais características, apresentadas por Georg Simmel¹ como características referentes às cidades pequenas por volta de 1900 podem ser rebatidas em áreas de todas as cidades brasileiras atuais, da Grande São Paulo à pequenas cidades no interior do nordeste, demonstrando como a mesma realidade, em muitos casos considerada atual, pode pertencer a situações do Século XIX.

Ao longo dos séculos as cidades cresceram, tendo a área urbana e a quantidade de habitantes ampliadas. A inserção em um contexto metropolitano, onde tem-se a disposição maior quantidade de informações altera o modo de vida dos habitantes, isso já se dava por volta dos anos 1900 como descrito por Georg Simmel, atualmente, o desenvolvimento tecnológico tem, a cada dia mais, acelerado o cotidiano de quase todos os indivíduos. Presencia-se uma cultura marcada pela velocidade das mudanças, o aumento das distancias percorridas diariamente, pelo transitório, pelo grande volume de informações disponíveis, o enfraquecimento das relações humanas e a multiplicação de contatos simplificados.

¹ As Grandes Cidades e a Vida do Espírito IN (CHOAY, 2013).

Esse modo de vida contemporâneo, mais agitado e veloz, não se apresenta de maneira uniforme sobre o território, em geral, as grandes cidades – metrópoles - apresentam seus efeitos com maior intensidade, ainda assim, dentro de uma mesma cidade o acesso aos instrumentos de comunicação e locomoção limitam as transformações de modos de vida na cidade como um todo. Dessa forma criam-se em uma mesma área dinâmicas temporais distintas. A dualidade entre os modos de vida apresentados coexistem em todos os lugares dentro do território analisado e podem ser identificados, dentre outras maneiras, através das formas de utilização e níveis de apropriação dos espaços livres públicos.

A cidade de Poços de Caldas nasce através da exploração medicinal e turística das águas termais e mantém o turismo como principal atividade econômica até meados da década de 1940, quando a proibição dos jogos de azar coloca fim nos períodos de veraneio ocorridos na cidade. As dinâmicas encontradas na cidade, mesmo com a intensa presença dos habitantes das metrópoles, por conta da atividade turística, ainda era pautada no estilo de vida das pequenas cidades interioranas. A partir de 1946, a cidade passa a contar com a mineração e a industrialização para o desenvolvimento econômico. A demanda de tecnologia e mão de obra qualificada para o desenvolvimento das atividades industriais exige relações mais intensas com os polos distribuição de informações e tecnologias, sendo, no caso, os mais próximos Campinas (aproximadamente 170 km) e São Paulo (aproximadamente 260 km), dessa forma Poços de Caldas se insere, ainda que nas “bordas”, na megalópole do sudeste e passa a receber maior influência das tecnologias e modos de vida característicos das regiões metropolitanas.

O desenvolvimento dos temas mencionados se estruturou, nesta dissertação, em três capítulos. O primeiro capítulo, “Espaços Públicos”, apresenta as conceituações referentes aos temas que delinearão o olhar sobre o território e embasaram as argumentações contidas neste trabalho. Inicia-se discorrendo sobre as várias definições do termo “Espaço Público”, suas funções, a quem pertence, qual o tipo de uso comporta, a quem serve, dentre outros. São desenvolvidos também os conceitos de “Esfera da Vida Pública” e “Espaços Livres Públicos”, termos esses que, frequentemente, são denominados pela terminologia “Espaço Público”. São também apresentadas as questões mais atuais referentes às alterações sofridas nos espaços públicos por influência da expansão urbana e

aumento de velocidade da vida cotidiana. Abertas essas discussões, os próximos capítulos seguem aproximando-as do estudo de caso, os espaços livres públicos de Poços de Caldas – MG.

O segundo capítulo, “O Sistema de Espaços Livres Públicos de Poços de Caldas”, apresenta um breve histórico da formação e desenvolvimento da cidade de Poços de Caldas, desde o pequeno vilarejo termal até os dias atuais, como polo regional e parte da megalópole do sudeste. Com o histórico busca-se situar o leitor nos períodos de desenvolvimento da cidade apontando os principais fatores que influenciaram na formação do sistema de espaços livres públicos e as diferenças encontradas entre as zonas oeste, leste, sul e central.

Após o entendimento do desenvolvimento urbano e das principais características das diferentes áreas da cidade, é apresentado o Levantamento de Espaços Livres Públicos de Poços de Caldas, trabalhado no terceiro capítulo “Poços como ponto focal - Estudos de Caso”. O levantamento visa identificar os espaços livres públicos da cidade, suas características espaciais, usos e usuários de cada um dos espaços disponíveis na cidade. Com base no levantamento, foram eleitas três áreas para aproximação do estudo de caso. Estas são representantes das diferentes intensidades de influências da contemporaneidade, além de serem os espaços que apresentaram maior complexidade de vivências públicas através da diversidade de usos e apropriação pela sociedade. A área central representa a região sob maior influência do estilo de vida metropolitano, onde a utilização fragmentada por diversos grupos, que sobrepõe suas atividades nos mesmos espaços em dias e horários alternados, o frágil contato entre comerciantes e fregueses, a agitação e maior fluxo de pessoas circulando. O Conjunto Habitacional Dr. Pedro Affonso Junqueira – COHAB representa a mescla entre os deslocamentos diários, as dificuldades das periferias urbanas e a vivência de comunidade das pequenas cidades de interior. A última área a ser aprofundada é o bairro da Vila Cruz, área distante 2,5 km da região central, que apresenta, em diversos trechos, uma vivência de cidade de interior com pontos comerciais familiares especializados em atividades rurais, sorveterias caseiras, quitandas e minas de água que são ponto de encontro e abastecimento da comunidade local, ou seja, uma forte representação dos centros comerciais das pequenas cidades.

CAPÍTULO I - ESPAÇOS PÚBLICOS

O termo “Espaço Público” é composto por inúmeros entendimentos. A palavra espaço é comumente utilizada para tratar de dimensão, área, volume, extensão, tempo, intervalos, entre outros (HOUAISS, 2001), possui enorme multiplicidade de significados.

O próprio termo “público” também apresenta multiplicidade de significados. Habermas (1984), se refere à alguns deles:

Chamamos de públicos certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um – assim como falamos de locais públicos ou casas públicas. Mas já falar de ‘prédios públicos’ não significa apenas que todos tem acesso a eles; eles nem sequer precisam estar liberados à frequência pública; eles simplesmente abrigam instituições do Estado e, como tais, são públicos. O Estado é o ‘poder público’. Ele deve o atributo de ser público à sua tarefa de promover o bem público, o bem comum a todos os cidadãos. – A palavra já tem um outro significado quando se fala de ‘recepção pública’; em tais ocasiões se desenvolve uma força de representação, em cuja ‘natureza pública’ logo entra alguma coisa de reconhecimento público (HABERMAS, 1984, p. 14).

Apesar da quantidade de significados distintos ainda não foi incluído o sentido de “esfera pública”, que tem como sujeito o portador da opinião pública (HABERMAS, 1984).

O termo “espaço público” é utilizado com duas conceituações, uma trata por “espaço público” o espaço físico relacionado à propriedade, ao uso e ao acesso; a outra trata por “espaço público” todo espaço - seja ele físico ou virtual - que permite o encontro, o convívio, a livre comunicação entre diferentes indivíduos, sem restrições, ou seja, a “esfera pública”.

Para a compreensão da forma como se relacionam os dois conceitos do termo “espaço público” é necessário desenvolver cada um deles. A seguir estão abordados separadamente cada uma das conceituações apresentadas auxiliando na definição do recorte desse trabalho.

1.1. ESPAÇO PÚBLICO COMO ESFERA PÚBLICA

Na concepção de Hannah Arendt (1958/1997), a conceituação de *vita activa* é composta por três atividades humanas, sendo o labor – que diz respeito às necessidades biológicas do corpo, que sustentam as funções vitais (comer, dormir,

etc); o trabalho - que constrói a materialidade do mundo e seria o responsável por sua duração além da mortalidade da vida humana (atividades que produzem materiais impactando as gerações posteriores àquelas que as desenvolveram); e a ação – atividades que envolvem diretamente o homem, sem mediação de coisas materiais, ou seja, a “esfera Pública”. O termo “público” reflete tudo aquilo que se torna público, que pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. “A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos, garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDT, 1958/1997, p. 60). Portanto, uma vez que a percepção da realidade depende da aparência, só se enquadra no campo da realidade aquilo que se torna público, que ultrapassa as barreiras da esfera privada e pode ser vista e comentada por outros.

A “esfera pública”, portanto, é aquela que reúne os homens na companhia uns dos outros sob situações semelhantes, criando um “mundo comum”. Fazem parte das manifestações da esfera pública a produção cultural, construção de cidadania, interesse público e formação da noção de comunidade quando são realizados nos espaços públicos, onde, segundo Arendt (1958/1997, p. 67), “ser visto por outros é importante pelo fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes”. Portanto, algo público, significa algo “do mundo”, que é comum a todos. Este seria o significado de vida pública.

Arendt (1958/1997), ao propor o conceito de “esfera pública”, dá ênfase a participação política e a consciência cidadã – como na Grécia e Roma antigas – e, assim como Sennett (1974/1988), defende que houve a desvalorização da “esfera da vida pública”, que até então, se dava através de discussões políticas envolvendo apenas uma pequena parcela da sociedade². O processo chamado de “desvalorização” consistiu na substituição da vida pública pela vida privada onde o foco passou a ser direcionado às energias emocionais e religiosas, esvaindo a esfera pública do comportamento enérgico necessário.

Habermas (1984), trabalha com um conceito mais complexo de “esfera pública” que pode ser definido como “esfera da vida social”, ou apenas “esfera social”, que seria caracterizada pelas relações econômicas de mercado, pelo mundo dos negócios e teria surgido com a decadência do sistema feudal e ascensão da

² Deve-se atentar para a limitação da participação política da época, apenas os homens livres tinham direito a participação política e democrática.

burguesia capitalista. Habermas (1984), vê a importância do crescente público leitor, do surgimento dos jornais, e até dos cafés parisienses enquanto espaços da “esfera social”.

No século XX, a “esfera social” foi influenciada pelo consumo, sobretudo de bens asseguradores de status urbano. Sendo assim, nas sociedades democráticas capitalistas ser cidadão é ter seus direitos de consumidor, tendo inclusive o direito à alienação política. Portanto, o reconhecimento da “esfera social” de Habermas ampliou a complexidade da “esfera pública” de Arendt. “A vida pública *bios politikos*, não é, no entanto, restrita a um local: o caráter público constitui-se na conversação [...]” (HABERMAS, 1984, p. 15). Para Habermas, a esfera pública é a dimensão das trocas sociais, independente da noção de espaço físico. As novas tecnologias são, em sua visão e seu tempo (jornais impressos, rádio e televisão), mais adequadas ao discurso político. Atualmente, foram acrescentadas às tecnologias as novas mídias de informação, e comunicação como a internet.

Habermas apresenta um conceito de esfera pública que Silvio Macedo (et al, 2011), denomina de “esfera pública geral” por considerar tanto a esfera pública política de Hannah Arendt quando a esfera pública da auto representação.

Neste trabalho adota-se como “esfera pública” o conceito de “esfera pública geral” que inclui todo o convívio público, sendo esse de caráter político, ou não. A definição do recorte deste conceito será utilizada para refinar o olhar direcionado aos espaços físicos.

1.2. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

O termo espaço público, no sentido urbanístico, é uma designação relativamente nova. Nos séculos XVII, XVIII e XIX, em oposição à vida privada, familiar, tinha-se a rua, a praça, o mercado, as feiras, entre outros, mas não se utilizava um termo genérico que abrangesse todos os espaços de uso público. O termo passou a ser utilizada na França em meados dos anos 1970, e ganhou força a partir de então (ASCHER, 1998).

Espaço público é comumente apresentado como aquele que permite o livre acesso de todos os indivíduos de forma igualitária e não excludente (ALEX, 2011;

BALULA, 2010). Na área da sociologia, Zygmunt Bauman (2009), apresenta a definição de “espaço público” como um espaço livre de restrições.

Um espaço é ‘público’ à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem que precisem ser previamente selecionados. Nenhum passe é exigido, e não se registram entradas e saídas. Por isso a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros, assim como são desconhecidos os empregados da manutenção. Os espaços públicos são os lugares nos quais estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e, por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos (BAUMAN, 2009, p. 69-70).

Portanto, é através da observação das formas de uso dos espaços públicos que se pretende compreender a intensidade da influência da velocidade nos modos de vida, onde todos os indivíduos podem se encontrar e agir de forma espontânea, é o espaço da mais completa expressão da convivência humana onde se expressam os costumes e modos de vida urbano, ainda sem menção ao espaço físico propriamente.

O espaço público é visto, ainda, como espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, da educação, da intersubjetividade - que relaciona sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos (SERPA, 2014; HUET, 2001).

A menção ao termo espaço público, normalmente, associa a esfera pública ao espaço físico onde esta toma lugar. O espaço público como espaço físico, é pertencente à malha urbana juntamente com os espaços privados e suas variações. Com o intuito de refinar o olhar para elencar os espaços públicos de Poços de Caldas dentre os espaços existentes na malha urbana, as questões relacionadas aos espaços físicos estão apresentadas a seguir.

A malha urbana se divide em espaços edificados e espaços livres de edificação. Os espaços livres de edificação, em grande maioria, são conectados, formando um Sistema de Espaços Livres – SEL, sendo integrantes desse sistema os quintais, jardins, praças, ruas e qualquer outra área que não possua edificações - a ideia de sistema é constituída pela funcionalidade dos espaços, já que, fisicamente somente os espaços públicos são conectados entre si, através das vias (MACEDO et al., 2011 (CHIESA, BARNABÉ, *et al.*, 2012).

Os espaços livres de edificação podem ser classificados de acordo com a estrutura fundiária, podendo pertencer ao poder público ou privado – esse podendo ser propriedade particular ou coletiva (MACEDO et al., 2011). Os espaços livres públicos, como também os privados - subsistemas do SEL - são essenciais na existência das cidades, pois auxiliam no desempenho da vida cotidiana, da constituição da esfera pública e privada (MACEDO et al., 2011); são fundamentais na constituição da paisagem urbana, trazendo consigo a história, memória e identidade dos habitantes; abrigam estruturas importantes de drenagem do solo e inúmeros ecossistemas, já que neles estão inclusos os rios, florestas, lagos e matas. Devem ainda atender as demandas de circulação e acesso aos pedestres; circulação, acesso e parada de veículos; áreas de convívio e lazer; manifestações públicas; áreas de conservação e preservação e áreas de trabalho e produção.

Além das subdivisões relacionadas à estrutura fundiária existem as subdivisões relacionadas ao acesso dos espaços urbanos. Os acessos se dividem em espaços de uso coletivo e uso privado. Os espaços de propriedade pública de uso coletivo são espaços adequados à organização de atividades coletivas, acessíveis ao público em geral – praças, parques, bosques, ruas, entre outros; há também os espaços de propriedade privada e uso coletivo como alguns estabelecimentos comerciais, shopping centers e empreendimentos de uso múltiplos que mesclam escritórios, comércios e residências - nesse caso o acesso é coletivo, mas pode haver restrições quanto a sua utilização. Já os espaços de acesso restrito são aqueles que possuem restrições quanto a quem os utiliza, os de propriedade pública são escolas, creches, hospitais, edifícios dedicados à administração pública, entre outros; os espaços de propriedade privada e acesso restrito são, em grande maioria, residências (MACEDO et al., 2011; REIS, 2006).

Em Poços de Caldas, os espaços livres de edificação e uso coletivo, ainda são, em sua maioria, de propriedade pública e livre acesso, portanto, para a elaboração deste trabalho, delimitou-se o entendimento de espaços livres públicos como aqueles espaços livres de edificações, de propriedade pública, localizados em área intra-urbana que estimulem a esfera pública disponibilizando livre acesso à utilização e a apropriação coletiva.

1.3. O REFLEXO DOS MODOS DE VIDA NAS FORMAS DE USO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

O adensamento urbano, o aumento das distâncias percorridas diariamente, o avanço tecnológico que ampliou as formas de comunicação e disseminação de informações, geraram consequências sociais e alterações no ritmo dos modos de vida da sociedade. Nos grandes centros urbanos, onde o acesso à esses fatores ocorre com maior facilidade, a vida cotidiana foi modificada, acelerada, se distanciando do estilo de vida levado nas cidades do interior que possuem características de um cotidiano mais lento. As consequências sociais desses diferentes tempos podem ser observadas na forma como os espaços livres públicos são utilizados. O presente capítulo discorrerá um pouco mais sobre as diferenças dos ritmos dos modos de vida característico das grandes e pequenas cidades de forma a introduzir as discussões que serão aplicadas no território poços-caldense.

Na obra intitulada “O Urbanismo” de Françoise Choay, no capítulo dedicado a Camillo Sitte, é apresentada a seguinte fala:

Os locais públicos (fórum, mercado, etc.) não servem, atualmente, nem para grandes festas populares nem para a vida de todos os dias. Sua única razão de ser consiste em proporcionar mais ar e mais luz e em romper a monotonia dos oceanos de casas. [...] As praças eram então uma necessidade de primeira ordem, pois foram o teatro das principais cenas da vida pública, que ocorrem hoje nas salas fechadas. [...]

A praça do mercado, que era um segundo centro da atividade dos nossos antepassados, subsistiu, é verdade, até nossos dias. Mas tende, cada vez mais, a ser substituída por grandes mercados igualmente fechados. E quantas cenas da vida pública não desapareceram completamente? (SITTE, 1889 IN CHOAY, 2015: 206-7).

Já no Século XIX, Camillo Sitte apontava para o processo de modificação das funções realizadas nos espaços públicos. As compras, a convivência e o atendimento das necessidades cotidianas, como o abastecimento de água, estavam se deslocando dos espaços públicos e se apropriando de espaços de propriedade privada e uso coletivo como os grandes mercados apontados na citação acima. Sitte prossegue indicando algumas das atividades que se davam nos espaços públicos tradicionais que estavam se transformando. Os acontecimentos que antes eram anunciados em público passaram a ser publicados nos jornais, os mercados abandonam as praças e se fecharam em construções “de aspecto pouco artístico”³

³ Expressão utilizada por Camillo Sitte, presente na obra de CHOAY, 2013: 214

ou para transformar-se em vendas a domicílio, a população se afastava das fontes por conta da canalização da água (SITTE, 1992:112 apud ABRAHÃO, 2008). Essas informações que se referem as alterações de usos sofridas pelos espaços públicos, caberiam perfeitamente a uma crítica aos dias atuais, onde o antigo mercado virou shopping center; as vendas a domicilio e a disseminação das notícias passaram a ser feitas virtualmente, sem necessidade de contato com outras pessoas, como o vendedor, o jornalista ou o bibliotecário; as moradias passaram a se localizar mais distantes das áreas centrais possibilitadas pela facilidade proporcionada pela locomoção motorizada e a expansão da infraestrutura urbana.

Georg Simmel, em um texto publicado em 1900 se refere ao processo de metropolização das cidades europeias apontando como as diferenças das cidades grandes em relação às pequenas estavam alterando o espírito dos habitantes, ou seja, estabelecendo as diferenças entre os modos de vida característicos das cidades grandes e pequenas. Para Simmel, os habitantes da cidade pequena, ou antiga, são sensíveis a cada passo dados na rua, isso é possível devido ao ritmo mais lento, costumeiro e regular que permeia a vida cotidiana que é fundamentada nos sentimentos e laços afetivos que se desenvolvem no inconsciente e na regularidade dos hábitos. O contato entre os habitantes é mais intenso, o comerciante produz e vende seus produtos a um freguês que conhece, podendo personalizar tanto a mercadoria quanto o atendimento.

Já a cidade grande provoca um ritmo mais acelerado de vida cotidiana por ser sede da economia monetária e receber a diversidade e concentração de trocas que não seria possível em uma cidade menor. Uma maior aglomeração de pessoas produz e oferece informações em uma sequência rápida e ininterrupta deixando o habitante em um estado constante de alerta. O habitante, por sua vez cria mecanismos para se distanciar dos efeitos causados pelas informações, racionalizando e participando da esfera pública com menos ânimo e sentimento. O habitante da cidade grande possui contato menos intenso com seus vizinhos, clientes e fregueses, não produz mais o produto que vende e raramente conhece seu consumidor, no geral as relações se tornam racionalizadas. Fruto da racionalização surge o medo do outro, estranhamento, e assim intensifica-se o isolamento (SIMMEL, 1900).

As questões apresentadas por Simmel (1900), servem de base tanto ao trecho apresentado de Camillo Sitte, como a situação vivenciada no Século XXI. No trecho apresentado, Camillo Sitte comenta a transição da vida pública da cidade pequena à cidade grande, o comércio que sai da rua e passa a acontecer nas galerias, a redução de contato entre os cidadãos proporcionados pelo desenvolvimento de abastecimento de água, a mudança dos teatros públicos para salas fechadas, todas essas informações são processadas de forma racional pelos habitantes das novas metrópoles, retirando da esfera pública o sentimento envolvido em cada contato pessoal.

Quando comparadas com o período atual, as características pertencentes às grandes cidades foram, em diversos casos, intensificadas com o desenvolvimento das tecnologias de transporte e comunicação. Se por volta dos anos 1900 os habitantes das grandes cidades já desenvolviam mecanismos psicológicos para bloquear o recebimento da quantidade de informações disponíveis, os habitantes das metrópoles atuais tiveram de aprimorar as técnicas, tornando-se praticamente ignorantes e apáticos em relação ao ocorrido fora do seu universo cotidiano.

O despontar do capitalismo financeiro e mercantil exigiu o desenvolvimento das técnicas de transmissão de informações de forma a torná-las mais rápidas e precisas, beneficiando as trocas de longa distância (HABERMAS, 1984). O trem revolucionou as formas de locomoção, os carros, motos, ônibus e aviões as aprimoraram; o telefone possibilitou a comunicação em tempo real com qualquer parte do mundo, desprendendo-a dos espaços físicos, o telefone móvel e a internet ampliaram as possibilidades comunicacionais, permitindo maior velocidade nas trocas sociais e comerciais (ASCHER, 2010b). O rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet massificaram o acesso à informação, alterando as noções de esfera pública e privada, ampliando as possibilidades de relacionamentos à escala mundial, refletindo nas formas de utilização dos espaços livres públicos.

No Brasil, por volta dos anos 1970, com a popularização das televisões houve o deslocamento das formas de entretenimento para dentro das residências, possibilitando às pessoas de todas as faixas de renda que deixassem de sair às ruas em busca dessa atividade (REIS, 2006). Dessa forma o cinema teve sua importância reduzida, deixa de ser uma atividade eventual que propiciava o

encontro, a possibilidade de ver e ser visto, e passa, cada dia mais a substituir as ruas pelo interior dos shoppings centers, onde a esfera pública, o ver e ser visto, acontece entre indivíduos semelhantes que buscam segurança nessas “zonas de uniformidade” (BAUMAN, 2009). Mais recentemente com a possibilidade de *download* e *streaming*, o entretenimento proporcionado pela televisão e pelo cinema, se tornou *a la carte*, atendendo aos desejos de todos nos momentos mais adequados a cada um. O que antes era uma atividade social que proporcionava o encontro e as conversas passou a poder acontecer no interior das residências, sem nenhum tipo de contato social.

Em Poços de Caldas a internet banda larga atinge todos os bairros ainda que com grande heterogeneidade de velocidade de banda. De qualquer forma, a possibilidade de contemplar a arte cinematográfica de forma “*a la carte*” com as ferramentas de *streaming* e *download* é uma realidade para grande parte da população, assim como nas grandes cidades. Contudo, a atividade de ir ao cinema, ver e ser visto em público, persiste na dinâmica social urbana dos poços-caldenses, dos quatro cinemas que existiram na cidade, dois permanecem em funcionamento, sendo um na área central e o outro no *shopping* da zona oeste, único *shopping* da cidade. Portanto, mesmo com o acesso as tecnologias de informação a esfera pública ainda apresenta persistências de outros tempos.

Os avanços tecnológicos ampliaram o acesso às informações e a comunicação social de forma desprendida do espaço físico, absorvendo parte das funções dos espaços livres públicos. Na esfera pública ocorre ainda - em alguns casos de forma mais intensa - os contatos sociais, a publicização de informações e até mesmo a exposição pública de pessoas e ideias, o que altera é que ela não se dá mais em espaço físico comum e sim no virtual. Nesse sentido, observa-se também um estreitamento das definições de esfera pública e privada, considerando que no interior das residências ocorriam a esfera privada, e atualmente com a internet, qualquer pessoa fisicamente isolada pode estar ativa na vida pública através das redes de comunicação virtuais. A programação televisiva como forma de entretenimento e disseminação de informações absorveram as conversas nas bancas de jornal, o contato com os vizinhos durante os momentos livres dessa forma também introduziram a esfera da vida pública no interior dos espaços antes destinados à vida privada, reduzindo a intensidade das mesmas nos espaços livres

públicos. Em Poços de Caldas, a facilidade das compras virtuais absorveu o mercado de compra e venda de livros, jornais e revistas ocasionando o fechamento de grande parte das livrarias e bancas de jornal existentes na cidade. Na área central apenas uma das livrarias tradicionais permanecem em funcionamento, com ponto comercial menor e localizada em ponto comercial de menor destaque. Portanto, entre a pequena e a grande cidade, alguns elementos da vida pública persistem e resistem, como no caso dos cinemas, enquanto outros, como as livrarias, encontram menos resistência e tendem ao desaparecimento.

Os últimos parágrafos apresentam situações que ocorrem com maior ou menor intensidade dependendo do acesso da população aos serviços referidos. Cidades menores ou mais distantes dos grandes centros urbanos ainda hoje não possuem recepção de sinal 3g que facilita e intensifica a comunicação instantânea. Nesses casos, a velocidade da comunicação é mais lenta pois apresenta maior dependência da territorialidade, intensificando os encontros presenciais e reduzindo a oportunidade dos contatos sociais com um número maior de diferentes indivíduos, seja de forma virtual ou encontros presenciais organizados através da tecnologia. Já o acesso ao transporte individual também está relacionado com a faixa de renda da população de cada área e a necessidade de percorrer maiores distâncias. Localidades onde as necessidades cotidianas podem ser atendidas em um raio de poucos quarteirões, tendem a manter uma rede mais ativa de relações interpessoais, fortalecendo a economia local, a noção de comunidade, o pertencimento ao território e o sentimento de segurança, o que garante a apropriação social dos espaços livres públicos, que podem ser identificados na forma como a população os utiliza.

No período entre os anos 1950 e 1980, se intensificou no Brasil a migração de pessoas do campo para as cidades em busca de melhores oportunidades de emprego e qualidade de vida, causando o adensamento e expansão urbana (REIS, 2006). A expansão urbana foi resultado da necessidade de acomodação dos estrangeiros⁴, viabilizada pelo avanço tecnológico que possibilitou a distribuição de infraestrutura urbana expandindo as redes de abastecimento de água, coleta de esgoto e oferta de energia elétrica a áreas mais distantes dos centros da cidade que em outros tempos não tinham acesso à esses serviços característicos de áreas

⁴ Imigrantes no sentido atribuído por Bauman como aquele que vem de fora.

urbanas centrais, como mencionado por Sitte ao dizer que a população se afastava das fontes de água (ASCHER, 2010b). No Brasil, a expansão urbana acontece mesmo sem a implantação de todas as infraestruturas mencionadas por Ascher, elas existem, possibilitam a expansão urbana mas, principalmente nas periferias das grandes cidades, onde as distâncias a serem vencidas para o fornecimento dos serviços demandam alto valor de investimento, as infraestruturas são precárias ou mesmo inexistentes. Em muitos casos, como é também o de Poços de Caldas, o Estado leva infraestrutura para uma área mais distante do centro, valorizando as glebas existentes em todo o percurso e incentivando a especulação imobiliária. Dessa forma os loteamentos vão surgindo desordenadamente, sem continuidade, tendo como acesso, muitas vezes, apenas às avenidas de trânsito rápido que margeiam as glebas. Os bairros vizinhos podem vir a ser formados décadas depois, mantendo grandes vazios urbanos e criando uma malha urbana fragmentada.

As periferias foram ocupadas tanto pela população de baixa renda que não consegue arcar com a moradia em áreas mais centrais, como pela população de alta renda que se encontra em condomínios fechados, cercados por muros altos e contínuos que intensificam a segregação sócio espacial, criam situações desfavoráveis à presença de pessoas e propiciam ocorrências de ações criminais (QUINTANA, 2013). Esse tipo de urbanização fragmentada e desconexa reduz as opções de percursos a serem percorridos no caminhar, inibe o contato com o espaço público prejudicando o convívio entre os moradores, dificultando a aproximação e a criação de vínculos de confiança entre os mesmos (REIS, 2006).

Poços de Caldas apresenta as situações mencionadas acima em escala compatível ao tamanho da cidade. Em parte da região oeste⁵ estão localizados a maioria dos condomínios fechados destinados às faixas de renda mais altas, em geral, são condomínios estritamente residenciais e unifamiliares em que os moradores se deslocam em seus carros pelas avenidas de trânsito rápido até o centro de cidade para realizar as atividades cotidianas ou até cidades como Campinas e São Paulo para o atendimento de necessidades mais específicas, ou mesmo aquisição de produtos não disponíveis no mercado poços-caldense. Já os loteamentos destinados às faixas de renda mais baixas estão localizados nas zonas

⁵ A região oeste é a região da cidade que faz divisa com o estado de São Paulo, sendo assim possui melhores estradas e acesso mais rápido às rodovias, portanto não por acaso a região vem se intensificando como área destinada às faixas de renda mais altas.

leste e sul distando no máximo 10Km da área central. Por conta da precariedade do transporte coletivo, o menor acesso a aquisição de veículos individuais, somado a distância a ser percorrida para o consumo de produtos e serviços na área central, as duas regiões – leste e sul – se fecharam em torno de si mesmas buscando autonomia, portanto a atividade comercial de bairro se apresenta mais intensa, assim como maior utilização das ruas para a realização da esfera pública, o que permite maior contato entre os moradores gerando uma identidade comum que alimenta o sentimento de comunidade (GUERRA, 2003), com destaque⁶ para o bairro da COHAB na região sul. Isabel Guerra apresenta como esses sentimentos impactam na utilização dos ELPs.

Esse sentimento [de identificação] alimenta um sentido de pertença com impactos positivos não apenas nas formas de apropriação individual e familiar mas também no investimento social e coletivo na vida local. Tal como diria Lefebvre, “o direito à cidade” é o direito à diferença e todos têm de sentir ter um lugar central na produção do urbanismo cotidiano (GUERRA, 2003, p. 241).

As mudanças ocasionadas pelo maior acesso às novas tecnologias de mobilidade e comunicação, somado às alterações nos modos de vida da sociedade alteraram as formas de uso e de produção dos espaços destinados a receber a esfera pública. As gerações atuais passam por um período de descobertas dos limites e possibilidades proporcionadas pela locomoção e acesso aos espaços urbanos. Esse processo de mudança, mais característico de grandes áreas urbanas, provoca nos cidadãos um estranhamento da cidade o que, em alguns indivíduos, se apresenta como oportunidades de conhecer e transitar por diversas áreas e culturas e em outros se apresenta como o medo do desconhecido, podendo também fortalecer a noção de pertencimento à determinado espaço por este trazer a segurança de controle e previsibilidade. Bauman (2009), atribui à esses fenômenos o nome de mixofilia e mixofobia, sendo a mixofilia o desejo de se misturar com diferentes pessoas e a mixofobia o medo do novo, do estrangeiro, aquele que não se sabe quem são, como se comportam, os riscos que oferecem, se são criminosos ou quais crimes podem vir a cometer. Simmel (1900), faz também referência ao que Bauman denomina “mixofilia” como fruto das consequências da vida na grande cidade.

⁶ A COHAB foi elencada como um dos estudos de caso pertencentes a este trabalho, portanto as questões específicas desta localidade se encontram melhor desenvolvidas no capítulo III.

A “mixofobia”, da forma apontada por Bauman (2009), tem sua gênese no adensamento urbano, onde ocorre a expansão urbana, o aumento da escala das cidades, características das cidades do século XXI, onde se inicia o processo da perda do referencial de vizinhança, dos limites e o domínio dos acontecimentos. Em cidades menores a mixofobia ocorre de forma diferente, ocasionando a perda da referência familiar. Através dos sobrenomes era possível que se identificasse a linhagem familiar ao qual pertencia determinada pessoa, o que dava indícios de seu histórico familiar, índole, status social, comportamento, entre outros, como no caso de Poços. Com o adensamento urbano e a inserção de inúmeros estrangeiros, perdeu-se a noção de familiaridade com os locais de convívio. Não se consegue mais reconhecer os novos sobrenomes e quando são passíveis de reconhecimento podem ou não fazerem parte da mesma linhagem que se tem como referência.

O medo de misturar-se com o novo incentivou a criação de núcleos de homogeneidade intensificando a segregação, gerando a falsa noção de segurança (BAUMAN, 2009). Os condomínios fechados, shoppings centers e veículos individuais ao oferecerem segurança e segregação, passam a ser opção para receber as esferas públicas antes ocorridas nas ruas, que passam a ser segmentadas e fragmentadas, fruto do desenho urbano já mencionado. Nota-se que as medidas apresentadas para atenuar a “mixofobia” não são voltadas para a solução do problema em si, são ações paliativas que privatizam os espaços de vivência associando-os a espaços particulares, de caráter coletivo e gestão privada e reduzindo os espaços de convivência e uso público, adequados para a consciência social e a formação da consciência cívica (CARLOS, 2007).

O sociólogo francês Françoise Ascher (2010a), define a nova sociedade por “sociedade do hipertexto” e ilustra dizendo que nas antigas comunidades rurais e medievais os indivíduos possuíam vínculos fortes, sólidos e multifuncionais uns com os outros, pois passavam suas vidas ao lado das mesmas pessoas. Na sociedade atual, há a possibilidade de se relacionar com um leque muito maior de indivíduos, o que gera poucas afinidades com cada um deles, ainda que com uma variedade muito maior – fruto da mixofilia. A sociedade se estrutura como uma série de redes interconectadas que passam a ser comparadas ao hipertexto, onde, a mesma palavra tem significados diferentes em cada um dos textos em que se insere, assim como as funções de cada indivíduo em cada grupo ao qual pertence.

O adensamento urbano aliado ao maior acesso a locomoção propicia a parte da população que transite entre as diferentes áreas e se relacione com diferentes grupos de pessoas, o que é refletido nos espaços públicos por usos de grupos distintos em cada período do dia. Os usuários não são membros da comunidade local, eles podem pertencer cada um a uma região da cidade, ou mesmo de outras cidades, se encontram e utilizam os espaços, muitas vezes escolhidos por se localizarem em locais com amplo acesso aos meios de locomoção, e ao findar da atividade o grupo se dissolve sem deixar rastros de sua ocupação. Portanto, tal forma de uso está, em geral, associada as dinâmicas dos grandes centros urbanos onde há um maior número de indivíduos buscando interação com outros de interesses comuns e tendo em mãos maiores opções de locomoção.

O modo de vida mais agitado e com menores vínculos territoriais é notada mais fortemente nas áreas pertencentes as macro metrópoles onde a disseminação de informações, as distancias e velocidades são, geralmente, superiores as demais regiões. Poços de Caldas – MG, cidade onde se dá o estudo de caso se encontra nas franjas da macrometrópole do sudeste (QUEIROGA e BENFATTI, 2007), onde as distancias diárias percorridas já ultrapassam os limites da cidade, principalmente direcionadas as cidades do Estado de São Paulo. Os fatores apresentados ocorrem com menor intensidade quando comparado as áreas metropolitanas, mas ainda sim alteram a forma como a população se apropria do SEL.

Já as características remetidas as pequenas cidades do interior estão relacionadas a um ritmo de vida cotidiano mais lento em áreas onde o contato social ainda é realizado pessoalmente, nas ruas, praças, casas, e pontos em comum frequentados pelas mesmas pessoas. Esse ritmo de vida não pertence exclusivamente às cidades do interior, ela é fruto da falta de acesso, ou mesmo da negação, às tecnologias que possibilitaram um ritmo de vida mais acelerado e maior influência de diferentes culturas e ideias. Portanto, localidades com grande quantidade de pessoas idosas, áreas onde o acesso as tecnologias ainda não se tornou uma realidade comum, áreas com concentração de pessoas de baixa renda, entre outras situações, possuem características semelhantes às das cidades interioranas.

Os modos de vida característicos de cidades pequenas podem ser comparadas às antigas comunidades rurais e medievais descritas por Ascher (1998), onde existiam vínculos mais fortes com uma quantidade restrita de pessoas de forma que os pensamentos e opiniões se assemelham formando grupos sociais que associados a um território comum, fomentam a noção de comunidade e pertencimento.

Outro fator que reforça a noção de comunidade e pertencimento são as distancias a serem percorridas para o atendimento das necessidades cotidianas. Normalmente, em locais com forte noção de pertencimento existe um forte comercio local que atende a demanda da população, gera emprego e renda e evita grandes deslocamentos gerando uma sucessão de encontros triviais que criam redes sociais de pertencimento estimuladas pelo convívio comum (BALULA, 2010).

A densidade, multifuncionalidade e o equilíbrio entre a quantidade de habitações e ofertas de emprego são benéficas ao proporcionarem a relação entre as mesmas pessoas, reforçando as redes de pertencimento, além de criar um ambiente seguro onde as necessidades cotidianas podem ser atendidas (GUERRA, 2003).

O encontro diário e a participação nos mesmos eventos históricos geram na população um sentimento de identidade, pertencimento ao território comum e também segurança. Esses são importantes elementos para a apropriação social dos espaços públicos pois proporcionam liberdade em intervir nos espaços criando ambientes que atendam a demanda da comunidade (GUERRA, 2003; BAUMAN, 2009; HOSPERS, 2003).

Carlos Nelson Santos (1985), ao estudar o bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro – RJ apresenta uma definição de comunidade:

Todo grupo social tem uma versão de si mesmo, uma imagem que cultiva e difunde. Nossos amigos do Catumbi, aqueles a quem, afinal, devemos o aprendizado do seu modo de vida, de um estilo urbano, também nos apresentaram a sua autoimagem predileta. No seu discurso o bairro aparece reiteradamente como “uma grande família”. Um lugar “onde todos se conhecem”. Uma “comunidade”. Acentuavam a solidariedade, o auxílio que se prestavam mutuamente nas ocasiões de precisão, a afeição que os unia entre si e ao bairro. O morar lado a lado definia-os todos como vizinhos (SANTOS, 1985, p. 84).

Ou seja, a noção de comunidade é relativa à noção de auxílio mutuo. Silvio Macedo et. al. (2011), expõe que as ruas dos bairros de alta renda são, em geral,

abandonadas por seus moradores mesmo que bem mantidas pelo poder público⁷. Angelo Serpa (2014), complementa dizendo que as relações de vizinhança nas cidades contemporâneas são, ainda, muito condicionadas pelas diferenças sociais. Nos bairros de renda mais baixa a limitação de oportunidades, o isolamento relativo, o medo e a insegurança fortalecem, o que ele chama de, relações familiares, ou seja, noção de comunidade.

A apropriação é o ato ou efeito de apropriar-se, de se tornar próprio, ocupar, adequar, entre outros (HOUAISS, 2001). Odete Seabra (1996), analisando as obras de Lefebvre aponta a diferença entre apropriação e propriedade. A apropriação inclui o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo e o prazer, caracterizando o homem como ser espontâneo dotado de energia vital, estando essa relacionada a qualidades; ao passo que a propriedade está relacionada à quantitativos, ao dinheiro, à restrição ao uso e a não apropriação.

A noção de comunidade influi no pertencimento e portanto na apropriação social dos espaços livres públicos. Nas áreas com características de modos de vida mais lentos os espaços públicos, diferentemente das áreas com características contemporâneas, são utilizados pelos próprios moradores, que ao se sentirem próprios dos espaços dedicam maior cuidado a sua manutenção (GUERRA, 2003). A forma de utilização também se diferencia por extrapolar os limites dos espaços pontuais, como praças, quadras e academias. O sentimento de pertencimento intensifica a liberdade na utilização das ruas e calçadas para o comércio, exposição de produtos, o caminhar e o brincar.

Carlos Nelson Santos (1985), ao analisar o bairro do Catumbi aponta todos as características desse modo de vida mais lento, isso se dá por se tratar do modo de vida ocorrido nos anos 1980, antes da disseminação do acesso a virtualidade e a velocidade de trocas.

Em Poços de Caldas dois bairros apresentam com maior intensidade as características desse modo de vida mais lento, cada um com suas peculiaridades. A Vila Cruz possui uma comunidade histórica que habita a região há gerações e participou do processo de formação da região. Hospers (2003) cita que cidades

⁷ Situação de se deriva da manutenção do valor da paisagem-mercadoria das localidades em questão (MACEDO et. al., 2011)

criativas⁸ não se formam do nada, elas se ancoram na história do local. Já o bairro da COHAB, a noção de comunidade e pertencimento surge da carência de infraestrutura e serviços que Angelo Serpa (2014) aponta mencionando o auxílio mútuo na construção da confiança e pertencimento. Os dois bairros foram elencados para o aprofundamento dos estudos de caso, justamente por apresentarem uma intensa utilização dos ELPs, principalmente das ruas e calçadas, além da apropriação social que insere no desenho do espaço traços da identidade de seus frequentadores.

Estas afirmações não se apresentam como consenso, até mesmo por conta da distribuição e caracterização bastante desigual dos espaços públicos pelo território nos diferentes contextos sociais e econômicos (BENFATTI, QUEIROGA, SILVA, 2010). As características da sociedade atual, mencionadas neste item, se apresentam de formas distintas até mesmo dentro de uma cidade ou bairro, algumas áreas incorporam mais rapidamente os novos costumes, outras apresentam permanências de estilos de vida de vários outros tempos. O espaço recebe o tempo em camadas, onde os diferentes períodos se sobrepõem.

Ao considerar as funções do SEL tradicional e compara-las com as atividades realizadas no mesmo atualmente, observa-se que, principalmente nas regiões metropolitanas os espaços públicos vêm sofrendo um processo de redução de complexidade, fruto de uma progressiva substituição pelos espaços privados (REIS, 2006) e mais recentemente, também pelo virtual. Sergio Abrahão (2008), cita um artigo desenvolvido em 1989, pelo arquiteto Michael Brill onde o argumento central é o mesmo, a ideia de que nas cidades norte-americanas, a redução da vida pública nos espaços públicos tradicionais - ruas, parques e praças - estava sofrendo empobrecimento, contudo era um empobrecimento distinto do apontado por SENNET (1974/1988) e por Hannah Arendt (1958/1997), que se referiam à substituição da vida pública pela vida privada, ou seja, a redução de vida pública e não à substituição do local onde esta acontece. Do ponto de vista de Brill, a vida pública estava passando por uma transferência para o que ele identificou como “canais de comunicação”, isto é, os novos meios de comunicação e disseminação de informações (BRILL, 1989).

⁸ Cidades criativas são aquelas em que a população tem liberdade e segurança para realizar atividades criativas nos espaços públicos, extrapolando as atividades propostas pelo desenho urbano (HOSPERS, 2003).

Portanto, seria mais adequado dizer que, em determinados locais, a esfera pública vem passando por um contínuo processo de alterações, migrando dos espaços livres públicos para os espaços privados de uso coletivo, e mais recentemente para os espaços virtuais. A forma como se dá a esfera pública, a conformação dos grupos sociais, os locais de encontro e até mesmo a intensidade de comunicação e diversidade de assuntos abordados, se modificaram, e continuam se modificando ao longo dos tempos em consequência das dinâmicas urbanas e das novas possibilidades de relacionamentos.

CAPÍTULO II - SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE POÇOS DE CALDAS

A cidade de Poços de Caldas está localizada no sudeste do Estado de Minas Gerais, abrange uma área de 544 km², sendo 85km² de área urbana. Faz divisa, ao norte com as cidades de Botelhos e Bandeira do Sul; a leste, Caldas e Campestre; ao sul, Andradas e a oeste, onde faz divisa com o Estado de São Paulo, Águas da Prata, Caconde, Divinolândia e São Sebastião da Grama.

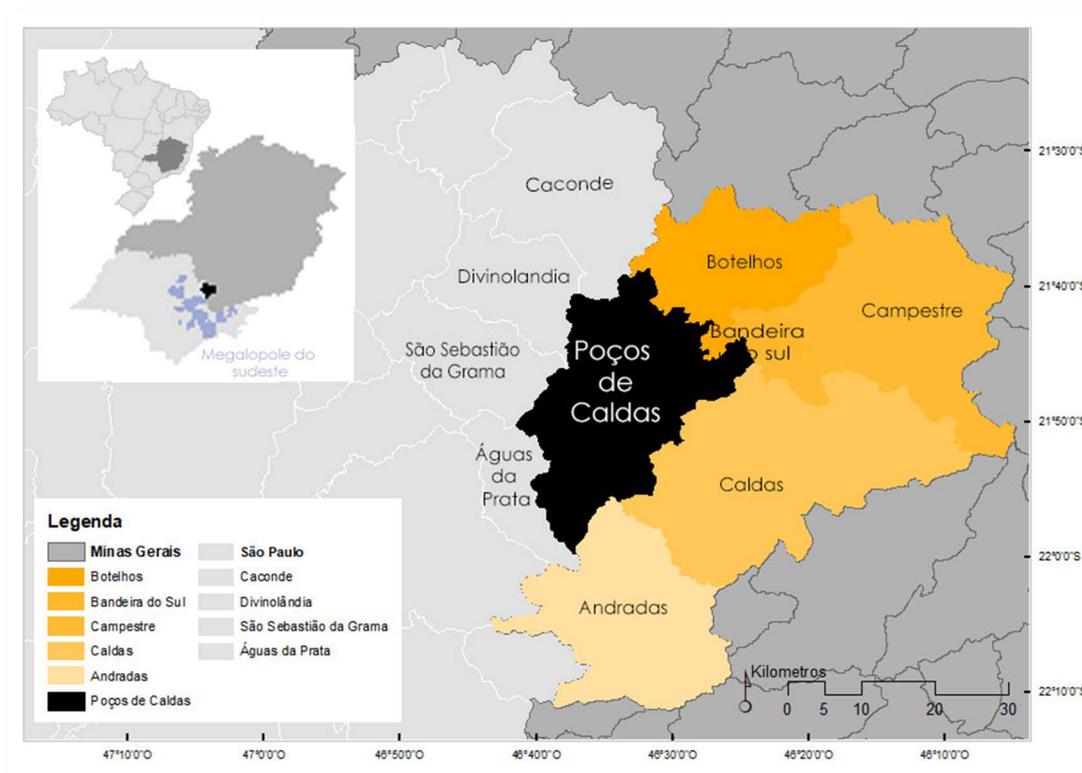


Figura 1 - Localização do município de Poços de Caldas no Estado de Minas Gerais e cidades limítrofes.
Fonte: Mapa desenvolvido pela autora, 2016.

No contexto regional, partes das cidades de Poços de Caldas, Andradas e Águas da Prata, estão inseridas em uma intrusão alcalina semicircular de caráter vulcânico com cerca de 800 km² (TINÓS, 2011). O centro dessa intrusão apresenta uma topografia de morros e colinas com desníveis que raramente ultrapassam os 150m, contudo, “as serras que envolvem o Planalto de Poços de Caldas alcançam 1630m no morro do Cristo Redentor, enquanto que o interior se nivela em aproximadamente 1300m” (CAVALCANTE et al, 1979).

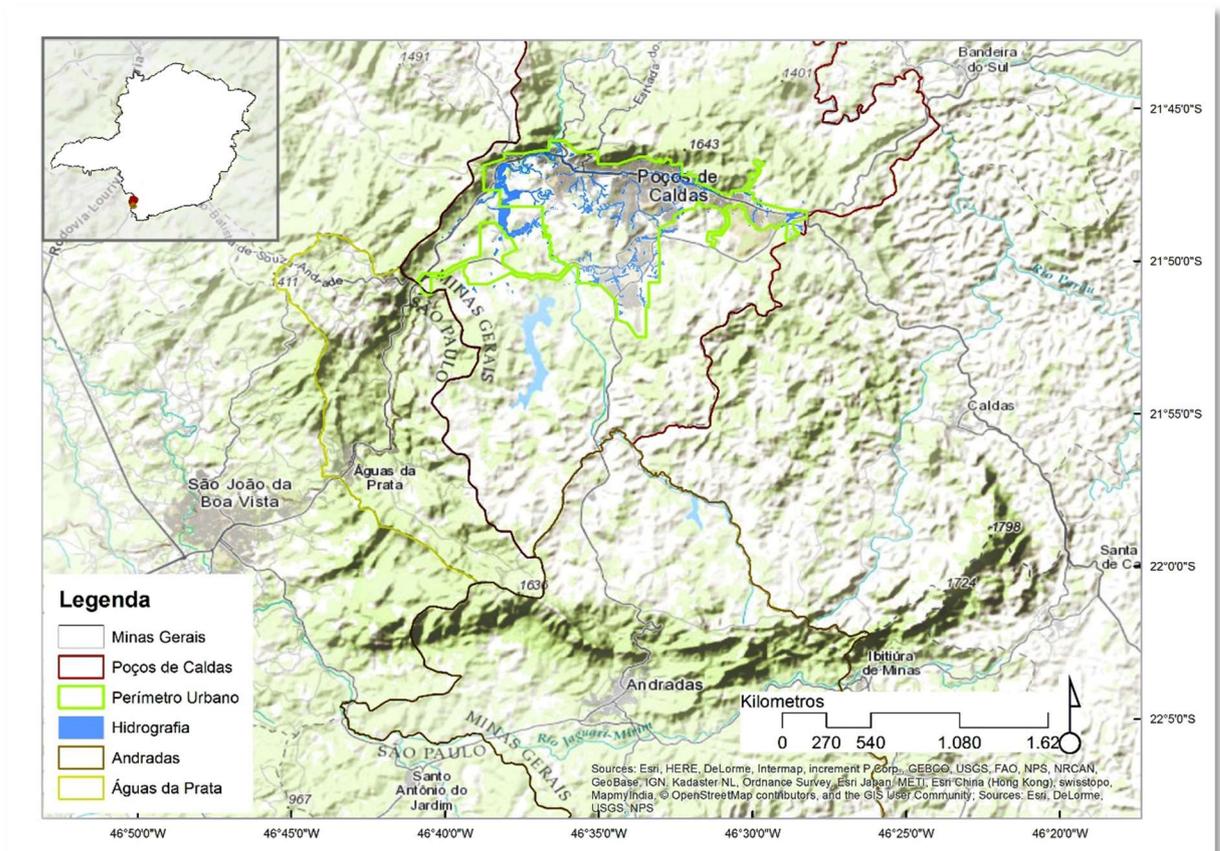


Figura 2 - Mapa apresentando a intrusão alcalina semicircular onde se localizam parte das cidades de Poços de Caldas, Andradas e Águas da Prata; e o mapa hidrográfico que condicionou a ocupação ao longo dos vales.

Fonte: a autora, 2016.

Segundo Flávio Villaça (1998), “Cidades em vales tendem a crescer mais no sentido do vale do que transversalmente a ele.” (VILLAÇA, 1998, p. 85). Poços de Caldas segue a regra, expandindo-se nos vetores leste, sul e oeste, sendo limitada ao norte pela Serra da Mantiqueira, assumindo o formato “T”, como pode ser visto na Figura 2 e comentado por Elias Oliveira (2014):

Em função das dificuldades impostas pela topografia acidentada, a expansão urbana orientou-se principalmente pelos cursos d’água que cortam o planalto, como o Ribeirão da Serra, o Córrego Vai-e-volta, o Ribeirão de Caldas e o Ribeirão de Poços, devido às maiores facilidades de ocupação dos vales (OLIVEIRA, 2014, p. 106)

O clima da cidade se enquadra no subtipo “tropical de altitude” com temperatura média de 19,9°C e pluviosidade por volta de 1500 mm. A estação seca se estende do mês de maio ao mês de setembro com temperaturas por volta dos 18°C. No mês de julho registra-se o maior índice de tempo seco, assim como as menores temperaturas, tendo como mínima absoluta o registro de -6°C. O verão representa o período com maiores precipitações, com destaque para o mês de janeiro, quando o total de chuvas pode atingir dez vezes mais do que o mês de julho

(TINÓS, 2011). As variações de temperatura, assim como a intensidade das precipitações, interferem na forma como a população se apropria dos ELP ao longo do ano.

2.1 FORMAÇÃO

Águas que fundam cidades, assim se remontam as origens de Poços de Caldas. Os primeiros registros datam de 1765, quando o então governador da capitania de São Paulo, Morgado de Mateus, enviou uma tropa para desbravar e abrir novos caminhos na região de onde saiam rumores de haver uma pequena quantidade de ouro. O ouro era pouco, não despertou o interesse em explorar as terras, mas, as águas com cheiro de ovos podres despertaram a curiosidade, atraindo pessoas que afirmavam sobre seu poder de cura tendo no ano de 1799, 652 habitantes no entorno dos poços de água sulfurosa, conforme registrado pelo Comandante Manoel de Almeida (OTTONI, 1960).

Ao Governo interessou a fundação de uma estância balneária para realizar a exploração medicinal e turística das águas. Os primeiros contatos com os proprietários das terras foram realizados com intuito de negociar a desapropriação de uma área com tamanho suficiente para a fundação de uma freguesia. Em novembro de 1872, os proprietários da sesmaria assinaram o termo de doação, entregando ao Estado a área requerida e entrando para a história como os benfeitores que possibilitaram a fundação da mesma.

Ainda durante o período de negociação das terras o Estado já havia encomendado um levantamento apontando a situação da região dos poços, onde havia o interesse da desapropriação. Portanto, logo após o recebimento das terras já havia uma primeira proposta de urbanização que visava a transformação do território ainda rural em uma área passível de receber os turistas das grandes cidades. O projeto constava de uma malha de vias ortogonais com direção norte/sul, leste/oeste.

O desenho do SEL, em Poços de Caldas não partiu do largo da igreja. As primeiras edificações foram se formando ao redor dos poços de água sulfurosa. A Igreja só vem a aparecer de fato em 1913, instalada em uma das ruas centrais, entre as edificações existentes, ou seja, sem o adro. O espaço destinado ao encontro e as

trocas sociais, nesse período é o largo que começava a ser delimitado a partir da construção do primeiro balneário, juntamente com o “Hotel da Empresa”. Posteriormente, o largo foi redesenhado dando lugar à primeira praça ajardinada, Praça Senador Godoy, Figura 3. Uma carta anexa na obra de Mourão descreve a estância balneária no início de sua formação:

Tem uma grande praça cuja área talvez seja de 350 sobre 200 metros, e algumas ruas. É naquella que se achão os edificios principaes ocupados por hotéis, e casas de negocio. Nestas também se encontrarão algumas casas boas, armazéns, etc. A sua população fixa é de 1500 habitantes. Não possui nenhum templo! Não ha comercio, industrias, e nem lavoura (Carta datada de 1884. MOURÃO, 1960: 123).



Figura 3 - C. 1920. O antigo largo passa a ser uma grande praça ajardinada, Praça Senador Godoy, C. 1900. Confluência dos ribeirões a esquerda da figura.

Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, 2014.

A inauguração do ramal da ferrovia Mogiana, em 1886, contribuiu com o desenvolvimento urbano ao adensar os fluxos de turistas e imigrantes que traziam novas técnicas, conhecimentos e investimentos, aprimoraram o diagnóstico médico, o desenvolvimento das melhoras sanitárias, os desenhos arquitetônicos e urbanísticos e a execução de obras, realizando grandes avanços no território.

Junto aos imigrantes trazidos pela ferrovia estavam dois técnicos europeus⁹ que revisaram a proposta de arruamento elaborada em 1872 sugerindo a inclinação de 22° a oeste para melhores condições de insolação e ventilação. O período compreendido entre o final do Séc. XIX e início do Séc. XX, difundiu-se, tanto no

⁹ Giovanni Baptista Pansini, italiano e Carlos Antonio Maywald, alemão.

Brasil como na Europa, grande preocupação com os miasmas, causadores de doenças, epidemias e inúmeras mortes. Poços de Caldas, por se tratar de uma área alagada e entre montanhas a preocupação sanitária era primordial, portanto, o arruamento deveria ser bem planejado, de forma a evitar epidemias. Seguindo as teorias do urbanismo sanitário, os rios foram retificados, “os terrenos drenados, as ruas com cruzamentos ortogonais continham 20 metros destinados ao tráfego de veículos e 5 metros de calçadas” (MOURÃO, 1998, p. 139), não havendo ruas estreitas ou sinuosas. Os espaços livres públicos foram projetados com dimensões abundantes, inclusive as ruas, que para o período eram superdimensionadas.

A Figura 4 é datada de 1917 e já apresenta uma nova proposta morfológica para o antigo largo central. As ruas, assim como o desenho retificado dos ribeirões constam da revisão do plano de 1872. O projeto foi realizado de forma a atender a vocação turística para o qual a estância termal foi fundada, sendo assim, os principais elementos do traçado deveriam ser os ELPs que embelezariam a estância e proporcionariam lazer aos turistas. As exceções a ortogonalidade do plano derivaram das condições geográficas, ruas que tangenciavam morros e rios que contornaram as praças e jardins, delimitando o traçado.

Com a importação de novos materiais, possibilitada pela ferrovia, as edificações foram modernizadas, passaram a ser mais altas e detalhadas, como pode ser observado nas imagens seguintes, de cerca dos anos 1900. As alterações nas edificações, assim como a implantação de jardins e áreas públicas alterou a forma como a população se relacionava com o espaço. A vida pública ganhou locais mais adequados incentivando o convívio social da população pertencente a todas as faixas de renda, os encontros e passeios passaram a acontecer nos jardins, nas ruas, no mercado e nos cassinos. As funções da cidade também se transformaram. Antes uma estância de tratamento, neste período (entre 1886 até 1946), uma estação de descanso, destinada aos prazeres (MARRICHI, 2015). Jussara Marrichi diz o seguinte a respeito desse período:

Portanto, para pensarmos na remodelação urbana desse tipo específico de cidades e compreendermos a apropriação e construção desses espaços que surgiram reinterpretados por uma simbologia do passado; [...] Veremos que o que se tornou comum na construção dos diferentes tipos de cidades hidrominerais brasileiras foi acima de tudo e, sobretudo, a ocupação de espaços com vegetação nativa, locais inóspitos e considerados insalubres pelos médicos que reclamavam conforto e higiene para tratamento dos curistas. Foi, portanto, do difícil acesso a esses locais, permeados de lendas diabólicas, que a água termal generalizou espaços particulares (balneários e hotéis) e organizações originais (buvettes) configurando-se

como importante processo civilizador dentro de um grupo muito específico da sociedade brasileira. Assim, a cidade termal como cidade de cura e como cidade do prazer, possibilitou a invenção de novas práticas que se viram moldadas em uma natureza teatralizada, a partir da criação de espaços funcionais e hierarquizados que se materializaram na concepção de vias, praças e jardins e também na construção de alguns espaços privados, como nas salas de espera e nas cabines individuais, caminho indispensável para a prática do banho termal e para a afirmação de alguns signos específicos do prestígio social (MARRICHI, 2015, p. 167-8).



Figura 4 - Planta de melhoramentos da área central com propostas para as áreas ajardinadas, 1917.
Fonte: Coordenação de Patrimônio Tombado e Construído, 2014.

Por volta de 1920, o governador do Estado, notando a crise econômica que assolava a região por conta da drástica queda dos preços do café, ordenou a

remodelação da estância balneária, dessa forma esperava ele movimentar a economia local com as contratações e aquisições de materiais, além de proporcionar novos espaços de contemplação e lazer, adequando as edificações aos novos padrões de construção e incentivando o turismo.

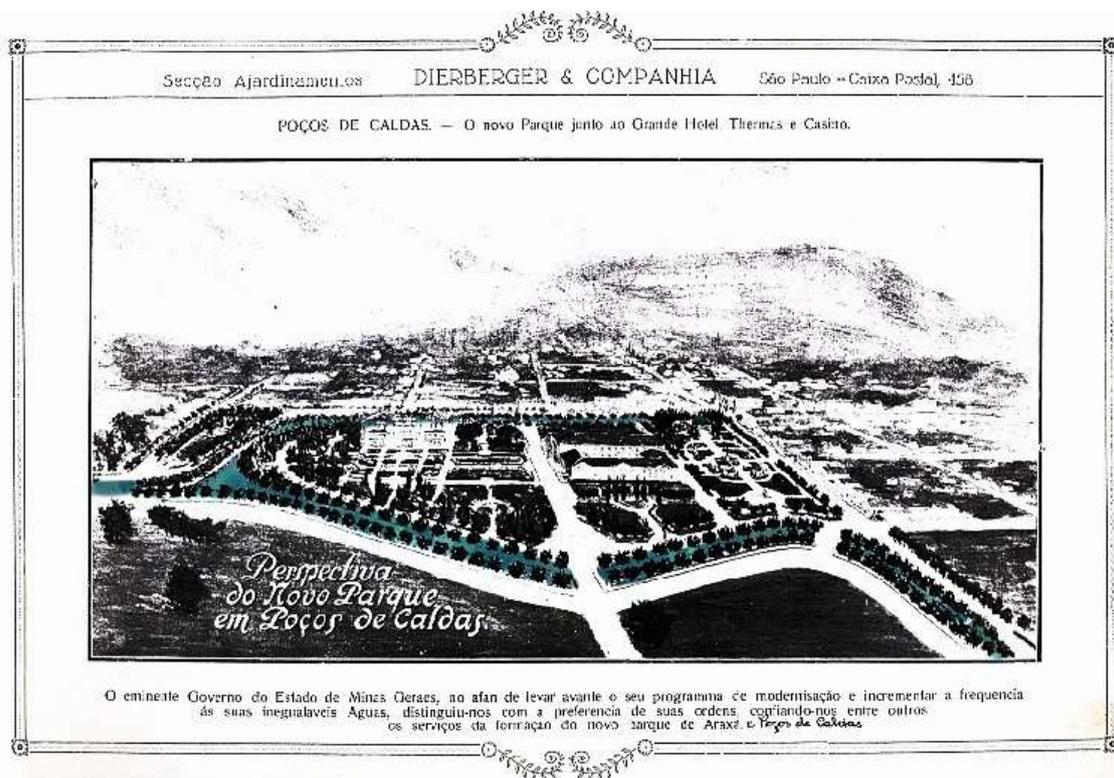


Figura 5 - Desenho do paisagista Reynaldo Dierberguer que apresenta o projeto do Parque José Affonso Junqueira (a esquerda) e Praça Pedro Sanches (a direita).

Fonte: Acervo Fazenda Citra, 2014.

Foram construídas as Thermas Antônio Carlos, Palace Hotel e Palace Casino – as três grandes obras - envoltas em praças desenhadas pelo paisagista Reynaldo Dierberguer. A Praça Pedro Sanches, nova denominação de um trecho da antiga Praça Senador Godoy, passou a ser utilizada como o local da troca social e política onde casais de turistas e moradores da elite passeavam, conversavam e saíam para serem vistos. A praça passou a ter um coreto que recebia apresentações musicais diariamente, incentivando a população a dançar ao seu redor o que animou a vida pública da estância, tornando-a mais alegre e informal. O Parque José Affonso Junqueira possui ao centro uma fonte luminosa, vegetação mais alta e densa do que a Praça Pedro Sanches - detalhe que acabou lhe dando a identificação de jardim - uma biblioteca e o cassino. O Parque José Affonso Junqueira possuía um uso mais

formal, voltado ao cortejo, que com a vegetação mais alta, proporcionava privacidade aos frequentadores.

Foi também na segunda metade dos anos 1920, que Saturnino de Brito analisou a cidade de Poços de Caldas e propôs projetos de abastecimento de água e drenagem urbana. Entre suas recomendações estavam a adoção de vias de trânsito às margens dos rios de forma a minimizar a poluição dos mesmos, assim foi feito em parte do Ribeirão de Caldas, Ribeirão da Serra e no Ribeirão de Poços que se forma através da confluência dos dois anteriores. Sugeriu também a instalação de uma barragem na zona sul, que represaria a água evitando que o grande volume das chuvas viesse a causar as enchentes na região central. A represa foi inaugurada em 1936, levando o nome de Saturnino de Brito. A represa, ainda hoje não se encontra em entorno densamente urbanizado, distando cerca de 6 km da área central.

Os investimentos realizados na infraestrutura, embelezamento e novas opções de hospedagem e lazer mantiveram o interesse dos turistas por pouco tempo e ainda na década de 1930 a “Semana de Caldas” começa a sair de moda passando a perder importância no cenário social nacional. Com a proibição dos jogos de azar pelo Decreto-Lei 9.215, durante o governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra em 30 de abril de 1946, a cidade entrou em um período de grande decadência econômica, estagnação de crescimento e de melhorias urbanas (POÇOS DE CALDAS, 1968). Com a falência dos grandes hotéis a arrecadação municipal passou a ser insuficiente para realizar a manutenção dos pontos turísticos¹⁰ que entram em estado de abandono atraindo cada vez menos turistas, sendo os que ainda frequentavam a estância de menor poder aquisitivo do que os turistas de períodos anteriores (POZZER, 2001).

2.2 DESENVOLVIMENTO

Até a segunda metade da década de 1940, as funções da cidade giravam em torno do turismo, sendo assim, a malha urbana deveria ser limpa, organizada e

¹⁰ Os pontos turísticos da época eram: Cristo Redentor, Praças e Jardins Centrais, Fonte dos Amores, Cachoeira Vêu das Noivas e Cascata das Antas.

contar com um sistema de espaços livres públicos destinados ao caminhar e apreciar a contemplação da paisagem.

Em 1935, foi aprovado o Ato Municipal 58, primeiro documento a legislar sobre a abertura de loteamentos e definir critérios para a abertura de vias e divisão de lotes. Os interessados em lotear qualquer área deveriam procurar os técnicos da prefeitura que traçariam as principais vias do loteamento, realizando a conexão dessas com as demais vias existentes (POÇOS DE CALDAS, 1935). Essa medida evitou a falta de comunicação entre as áreas a serem urbanizadas e o todo já existente, criando áreas contínuas com diversas opções de trajetos, multiplicando os contatos informais e favorecendo a criação de redes de vizinhança.

Em relação as áreas públicas deveriam ser destinadas, da área total a ser loteada, o mínimo e 20% aos logradouros públicos e 6% à construção de praças e jardins, caso área se encontrasse em área urbana. Observa-se que a legislação aponta somente para as tipologias de praças e jardins, tipos de espaços característicos do início do século XX que atendiam a função contemplativa, demonstrando a preocupação em estender aos bairros as mesmas características da área central, disponibilizando locais de encontro, descanso e contemplação.

Poucos foram os loteamentos aprovados nos anos seguintes que atenderam aos critérios do Ato Municipal 58. Até meado dos anos 1960, o adensamento urbano ainda era suportado pela área já urbanizada na região central e as áreas loteadas, em geral, eram realizadas na ilegalidade.

O declínio da atividade turística e o enfraquecimento da glamourização em torno da vida social, ocorrido na década de 1940, colocou em evidencia à atividade mineradora que já vinha se tornando significativa na economia a partir dos anos 1935, quando iniciaram as buscas por zircônio, bauxita e manganês na região¹¹. Na década de 1940, a atividade mineradora se torna a principal geradora de renda da cidade, empregando os poços-caldenses e atraindo habitantes das cidades vizinhas.

Durante a década de 1940 foi inaugurado o primeiro bairro classificado como “bairro operário”. O Bairro Nossa Senhora Aparecida é considerado o marco da transformação da cidade, onde passou-se a “...olhar para os seus próprios

¹¹ Revista de Poços de Caldas, 10 de fevereiro de 1935 IN POZZER, 2001.

habitantes e trabalhadores, que estavam produzindo novas riquezas e traçariam um novo rumo para a economia local (POZZER, 2001, p. 65). No final da década referida também se iniciou a infra estruturação do Bairro da Vila Cruz – existente desde os anos 1920 -, onde foram instaladas uma igreja, uma escola e uma praça em terrenos doados por Sebastião da Gama Cruz.

Na década de 1950 foi inaugurado um grande número de loteamentos influenciados pelo desenvolvimento da atividade mineradora e pelo processo migratório em direção à cidade. A malha urbana se expandia de forma fragmentada, com maior incidência de loteamentos nos eixos leste e oeste além verticalização da área central e da urbanização dos morros ao longo da margem sul do Ribeirão da Serra. Os critérios do Ato Municipal 58 já não eram mais levados em consideração para a aprovação dos novos loteamentos já que a preocupação deixou de ser a paisagem.

Durante a década de 1960, a cidade, assim como todo o país, passou pela intensificação do processo de industrialização, com a instalação de indústrias de refratários, alimentos, confecções, perfumarias e cristais, entre outras, atraindo muitos habitantes da área rural e também das cidades vizinhas em busca de oportunidades de emprego. A cidade que em 1940 contava com 19.872 habitantes, passa em 1960, a contar com 38.843, chegando a quase dobrar o número de moradores.

Como toda cidade brasileira, motivada talvez pelo efeito demonstração em relação as grandes cidades, Poços de Caldas não foge à regra geral, sendo acelerada a verticalização na zona central da cidade onde existem oito edifícios de mais de 10 pavimentos, destinando-se os mesmos para fins residenciais e comerciais. [...]. Segundo se apurou na cidade, a maioria dos proprietários das unidades desses edifícios não reside em Poços de Caldas. São pessoas que a ela afluem apenas em finais de semana ou em época de temporada (POÇOS DE CALDAS, 1968, p. II - 158).

A expansão urbana se dava de forma acelerada e fragmentada, os novos loteamentos eram desenhados sem conexão viária uns com os outros e, dessa forma, os deslocamentos dependiam das avenidas que cortam a cidade. Os moradores mais antigos passaram a reclamar das mudanças que se davam na estética da cidade, por conta dos novos bairros mal planejados, nos morros e com edificações mais simples, e também das novas atividades econômicas que sujavam e faziam buracos para extração de minérios por toda a cidade (POÇOS DE CALDAS, 1968).

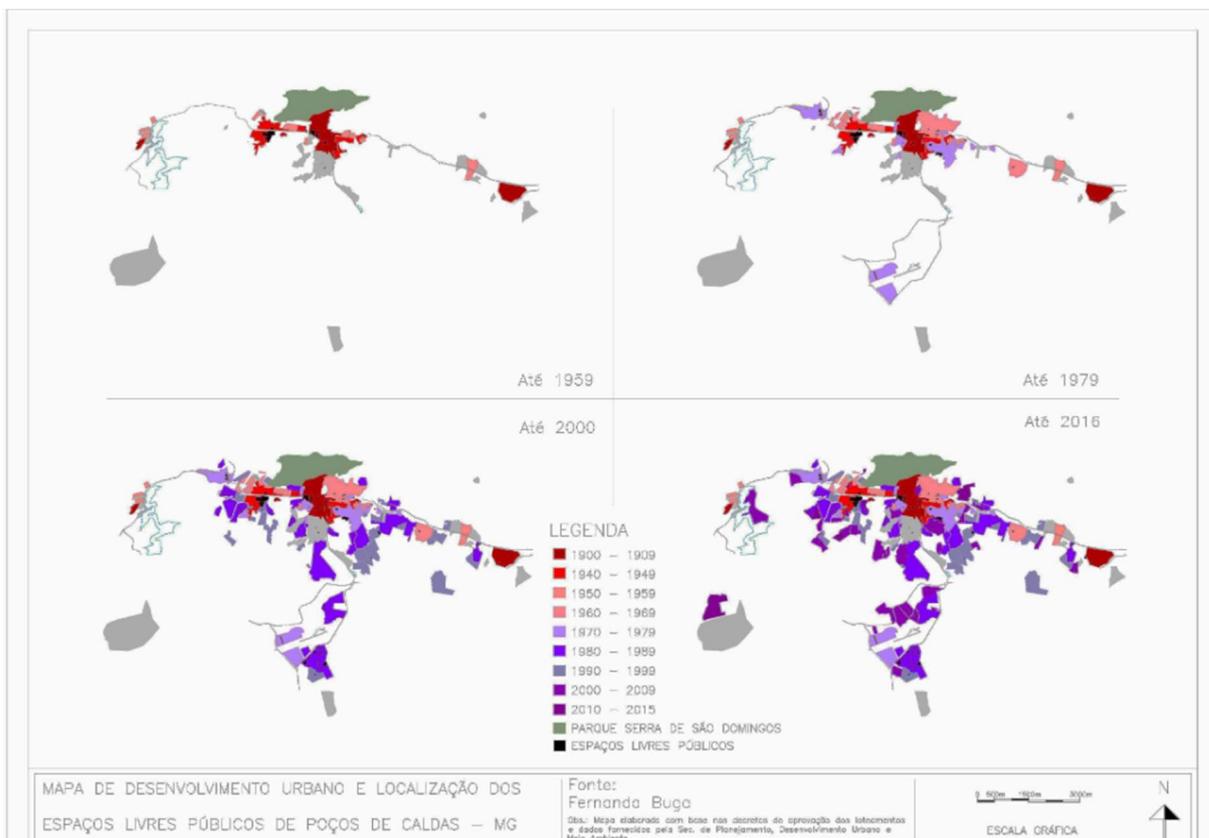


Figura 6 - Mapa de desenvolvimento urbano.

Fonte: a autora, 2016.

No mapa apresentado acima pode-se observar que os loteamentos realizados até os anos 1950 possuem mais vias de interligação uns com os outros, já os realizados nos anos seguintes, principalmente na região leste, tem como principal acesso as avenidas de trânsito rápido raramente interligando-se com os bairros vizinhos.

Em busca de obter um panorama real da cidade para poder traçar novos rumos, foi encomendado um Plano de Desenvolvimento Integrado - PDI que foi apresentado à população em audiência pública em março de 1969.

O Plano de Desenvolvimento Integrado (POÇOS DE CALDAS, 1968) elaborado pela empresa CONSULTEC, descrevia a economia municipal como mista abrangendo "...diversos tipos de desenvolvimento, quais sejam: recursos minerais extensos, turismo, zona agrícola vasta, industrialização, comércio bem servido."¹² O PDI discutia ainda a necessidade da criação de novas centralidades que promovessem a desaceleração da ocupação comercial no núcleo central; criticava a expansão urbana na direção norte, recomendando as direções sul, leste e oeste. A

¹² Diário de Poços de Caldas, 09 de março de 1969.

direção norte deveria ser preservada por conta da dificuldade de urbanização em terrenos tão íngremes e principalmente, em busca de sempre oferecer beleza paisagística aos turistas, preocupação que estava em segundo plano no momento da elaboração do plano. Já a zona oeste era apontada como área com maior potencial de desenvolvimento das atividades comerciais, considerando-a um eixo de ligação entre centro da cidade e o sistema rodoviário (BR 267) que dá acesso ao Estado de São Paulo (POÇOS DE CALDAS, 1968).

Para incentivar a expansão urbana na direção oeste o PDI propunha o fortalecimento do comércio e serviços dessa região, tornando-a uma nova centralidade. Para tal foi proposta a construção de um centro de negócios¹³ que deveria ser instalado no antigo campo de golfe, uma gleba de 78.107m² circundada pela Av. João Pinheiro, Rua Salgado Filho, Rua Gama Cruz e Rua São José (POÇOS DE CALDAS, 1968). O centro de negócios não chegou a ser implantado - em seu lugar foi feito um parque municipal que permanece em funcionamento - contudo, a proposta de instalação do centro comercial foi elemento catalisador, estimulando o adensamento da atividade comercial ao redor da Praça Pedro Affonso Junqueira, principal praça do bairro Vila Cruz, que se localiza na margem oposta do Ribeirão de Caldas, em frente ao local proposto para a implantação do centro.

¹³ O programa do Centro de Negócios compreendia o atendimento das atividades turísticas, serviços públicos e privados, cultura e religião. Sendo projetados um centro de convenções, Paço Municipal, centro de serviços públicos estaduais e federais, hotéis, museus, rodoviária, comércio, bares, conjunto bancário, uma igreja católica e um templo ecumênico (PDI, 1968)

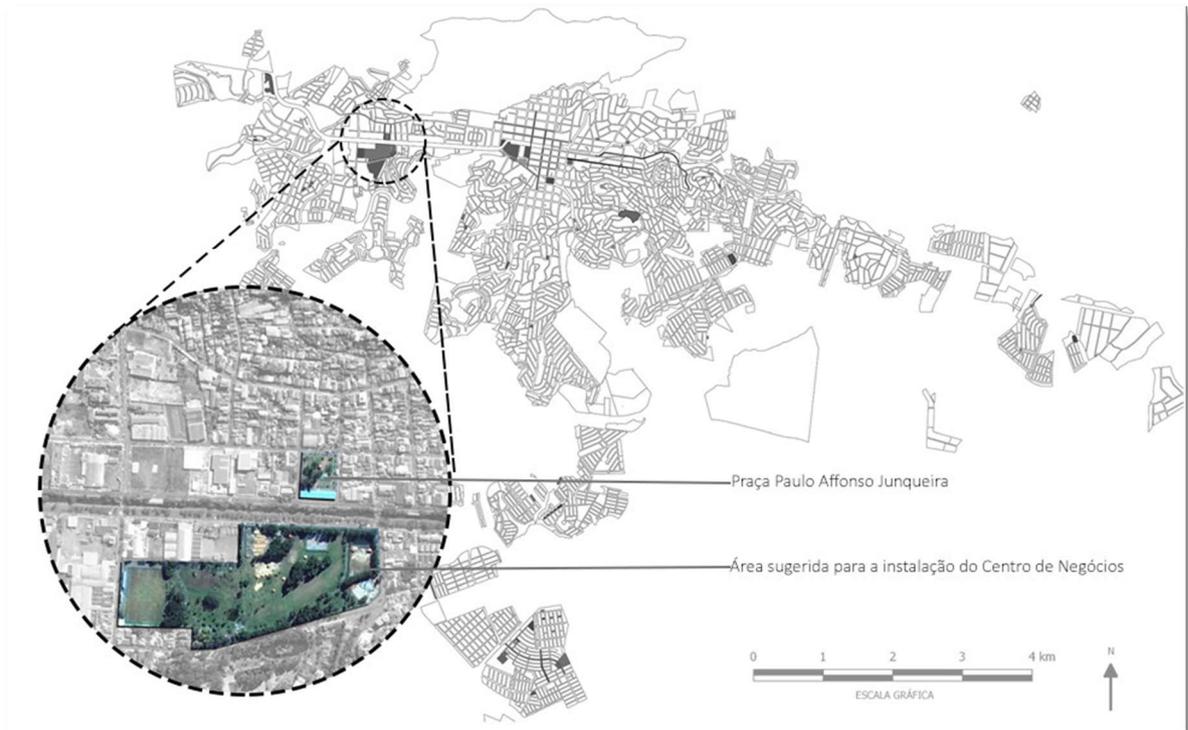


Figura 7 - Mapa indicando a localização sugerida para a instalação do Centro de Negócios.

Fonte: a autora, 2017.

No PDI foram sugeridas outras propostas para o ordenamento do crescimento urbano, já que o Ato Municipal 58 não estava mais em vigência e inúmeros loteamentos eram construídos na ilegalidade sem reserva de áreas públicas de lazer ou destinadas a instalação de equipamentos urbanos.

[...] deveria a Prefeitura Municipal regulamentar a matéria (aprovação dos loteamentos), manter um técnico de larga experiência para analisar os loteamentos projetados e deveria também sustar a execução ou aprovação dos que forem destituídos dos requisitos técnicos, pois se assim não o fizer ficará o plano diretor fadado ao insucesso (POÇOS DE CALDAS, 1968, p. II - 159).

Em relação aos ELP especificamente, o diagnóstico é o seguinte:

Deixa a cidade muito a desejar no tocante às áreas verdes nos bairros, pelo fato de que a maioria deles é totalmente destituída de praças e parques, e naqueles onde existem lugares próprios para descanso e passatempo, estão os mesmos necessitando de conservação mais intensa e eficaz (POÇOS DE CALDAS, 1968, p. II - 159).

Em relação às propostas, o PDI cita somente a preservação da Serra de São Domingos que deve ter “incrementada sua arborização” (POÇOS DE CALDAS, 1968, p. I - 7); A presença do “Parque do Palace” com seu conjunto botânico e a proteção das áreas adjacentes às represas. Posteriormente, ressalta a necessidade da implantação, do que denomina de equipamentos urbanos, incluindo praças e parques, em todos os novos bairros da cidade, de forma a oferecer aos moradores maiores oportunidades de acesso a serviços e lazer.

Nas décadas de 1970 e 1980, o déficit habitacional, que já era considerável foi intensificado provocando o aumento dos alugueis das moradias e a formação de favelas (POZZER, 2001). Os morros, opostos a Serra de São Domingos, continuavam a ser ocupados, muitas vezes de forma ilegal e sem planejamento, deixando a cidade com aspecto bagunçado e sujo. Muitos foram os loteamentos inaugurados na década de 1970 que procuravam beneficiar-se do déficit habitacional por oferecer uma alternativa viável para a grande massa de imigrantes que habitava a cidade. A população que em 1960 era de 38.843 habitantes, passa para 57.565 em 1970 e 86.972 em 1980; Um aumento de cerca de 44% da população no período de 20 anos.

Tabela 01 – Comparativo de Crescimento Populacional

| Década | População | % de crescimento |
|--------|-----------|------------------|
| 1940 | 19.872 | |
| 1960 | 38.843 | 51,15% |
| 1970 | 57.565 | 63,47% |
| 1980 | 86.972 | 66,18% |

Em Dezembro de 1979, com a promulgação da Lei Federal 6.766 que Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências, passou-se a exigir a disponibilização de no mínimo 35% da área dos novos loteamentos para áreas públicas, considerando áreas institucionais para instalação de equipamentos públicos e áreas de lazer. Essas não poderiam estar situadas em terrenos com mais de 30% de declividade ou em áreas alagadiças.

A Lei 6766 define também que o sistema viário, a implantação de equipamento urbano e comunitário, bem como a espaços livres de uso público, devem ser proporcionais à densidade de ocupação prevista pelo plano diretor ou aprovada por lei municipal para a zona em que se situem.

Em Poços de Caldas, pode ser observado que parte dos loteamentos realizados após a promulgação da referida legislação, as áreas de lazer permanecem inexistentes, isso se dá porque durante o processo de aprovação as áreas são genericamente demarcadas como “área institucional”, sendo a propriedade, assim como a responsabilidade se sua destinação e qualificação transferidos à Prefeitura.

A produção dos espaços livres públicos de lazer passam a atender a lógica de cumprimento de legislação, portanto são destinados a eles terrenos inclinados, áreas residuais como trevos e rotatórias, áreas em que o traçado do desenho viário reduzia o valor de venda da terra por produzir lotes com ângulos acentuados que dificultam a construção de edificações padrões ou ainda eram localizados nas margens das glebas, muitas vezes fazendo fronteira com áreas rurais. Dessa forma, os ELPs deixaram de estar entre os fluxos peatonais que estimulam sua frequência e um maior contato entre os moradores e usuários.

Foi nesse período – após anos 1980 – que se intensificam em Poços de Caldas a instalação de quadras poliesportivas e praças destinadas ao lazer ativo. Os espaços que recebiam projetos arquitetônicos, em geral, eram compostos por praças contemplativas seguindo o traçado eclético ou quadras poliesportivas que mesmo localizadas em áreas remanescentes atendem à uma função de interesse popular e raramente entram em estado de abandono.

Tabela 02 - Loteamentos aprovados Sob a vigência do Ato 58 – Até 1979

| | Central | Leste | Oeste | Sul | Total |
|--|---------|-------|-------|-----|-------|
| Quantidade de loteamentos aprovados. | 7 | 19 | 23 | 3 | 52 |
| Quantidade de espaços livres públicos qualificados (Destinada ao lazer contemplativo). | 12 | 5 | 4 | 2 | 23 |
| Quantidade de espaços livres públicos qualificados (Destinada ao lazer ativo). | 1 | 4 | 2 | 0 | 7 |

Tabela 03 - Loteamentos aprovados Sob a vigência da Lei Federal 6766 – de 1980 à 1999

| | Central | Leste | Oeste | Sul | Total |
|---|---------|-------|-------|-----|-------|
| Quantidade de loteamentos aprovados | 2 | 26 | 18 | 18 | |
| Quantidade de espaços livres públicos qualificados (Destinada ao lazer contemplativo) | 0 | 2 | 5 | 4 | |
| Quantidade de espaços livres públicos qualificados (Destinada ao lazer ativo) | 0 | 4 | 6 | 6 | |

Tabela 04 - Loteamentos aprovados Sob a vigência da Lei Complementar 18 – 2000 até 2016

| | Central | Leste | Oeste | Sul | Total |
|--|---------|-------|-------|-----|-------|
| Quantidade de loteamentos aprovados. | 2 | 7 | 16 | 15 | 40 |
| Quantidade de espaços livres públicos qualificados (Destinada ao lazer contemplativo). | 0 | 1 | 0 | 1 | 2 |
| Quantidade de espaços livres públicos qualificados (Destinada ao lazer ativo). | 0 | 1 | 0 | 2 | 3 |

Nos anos 1980, em parceria com a COHAB-MG a cidade inaugura o Conjunto Habitacional Pedro Affonso Junqueira dotado de 1551 unidades habitacionais, localizado à 10km ao sul da cidade, forçando uma expansão urbana para toda a área no intermédio entre a área central e o conjunto. As terras localizadas nesse intervalo entre a área central e o conjunto habitacional receberam acesso, instalações elétricas e hidráulicas, rede de esgoto, coleta de lixo e todo o tipo de infraestrutura urbana, passando a integrar os limites urbanos da cidade. Sendo assim, ocorreu uma rápida valorização dos terrenos, e conseqüentemente, o surgimento do interesse em loteá-los para a população de rendas baixa e média.

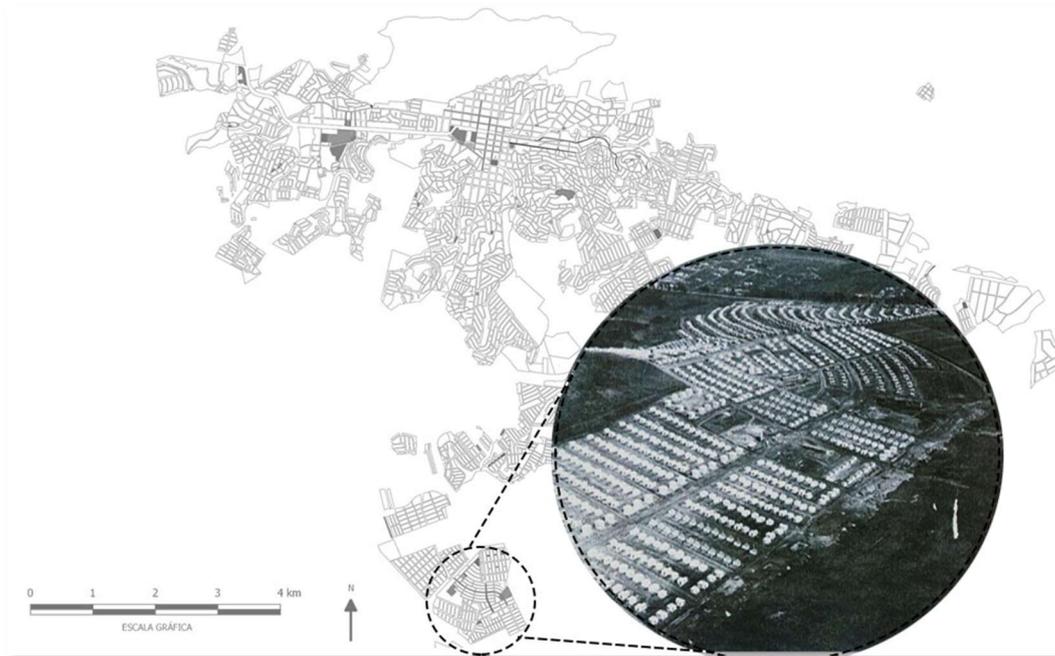


Figura 8 - Foto aérea do Bairro Conjunto Habitacional Dr. Pedro Affonso Junqueira antes de sua inauguração, em 1980.

Fonte: A autora, 2017.

No decorrer da década de 1980, notou-se que lotes ofertados no Bairro da COHAB não foram suficientes para amenizar o déficit habitacional. O congelamento dos valores de aluguel, reflexo da implantação do Plano Cruzado, fez com que muitos proprietários pedissem a desocupação de moradias, fato que agravou ainda mais o problema do déficit habitacional local com muitos inquilinos buscando um local para morar. A Prefeitura passou a executar diversos loteamentos de pequeno porte espalhados pela malha urbana existente (POÇOS DE CALDAS, 1992). Durante os anos 1990 e 2000, os loteamentos destinados a população de baixa renda foram abertos na zona leste e sul, sendo os da zona sul mais segregados por conta do difícil acesso através da rodovia BR146 (POÇOS DE CALDAS, 2006).

Nos anos 2000 a municipalidade regulamenta as definições da Lei Federal 6766 através da Lei Complementar 18 que “Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano do Município de Poços de Caldas e dá outras Providencias”. A Complementar 18 define alguns critérios para a destinação de áreas institucionais à Prefeitura, sendo esses aplicáveis a pelo menos 50% das áreas e o restante estando a critério dos loteadores.

Do total da área a ser parcelada, no mínimo 12% deverão ser destinadas às áreas verdes, sendo 50% localizada pela prefeitura de forma a se situar em um único perímetro; situar-se em áreas com declividade máxima de 40%; ter testada mínima de 20,00 metros voltada para logradouro público com acesso direto do sistema viário; a área deve ter área suficiente para poder ser inscrito um círculo com raio de 10,00 metros; e não poderá ser localizada nas áreas “non aedificandi”, áreas de

preservação permanente ou ambiental. Os outros 50% serão localizados pelos loteadores e aprovados pelos órgãos competentes.

A legislação impactou positivamente na elaboração de ELPs nos novos loteamentos, esses se tornaram maiores, portanto, poderiam receber projetos mais elaborados ou ao menos atender um programa de necessidades mais completo criando áreas multifuncionais que atraem indivíduos distintos em todos os horários do dia.

Os anos 2000, até o ano vigente 2017, reafirmam a zona oeste como a extensão das funções da área central. Loteamentos destinados as faixas de renda mais altas foram abertos nessa região, assim como o Shopping Poços de Caldas, único shopping center da cidade, o novo hospital da rede Climepe, supermercados, agencias bancarias, universidades, entre outros empreendimentos. As atividades comerciais dessa região se concentram ao longo de três vias: Av. João Pinheiro, Rua Nico Duarte e Av. Champagnat. As duas últimas possuem dinâmicas sociais intensas da comunidade do entorno com comércios e serviços voltados a venda de materiais de construção, mobiliários usados, venda de peças e acessórios automotivos e pequenas empresas e mercadinhos pertencentes aos moradores da comunidade. A maior movimentação é feita pelos moradores da região através de caminhadas ou de consumidores de toda a cidade que acessam as ruas através de veículos em busca de produtos específicos. Já a Av. João Pinheiro, que margeia o Ribeirão de Poços, possui uma oferta de comercio e serviços voltada ao atendimento de outros serviços, como lojas de suvenires para turistas, moveis e artigos de decoração, faculdades, agências bancárias, entre outras atividades destinadas ao público de toda a cidade que utiliza, principalmente o automóvel para realizar os percursos até estes pontos.

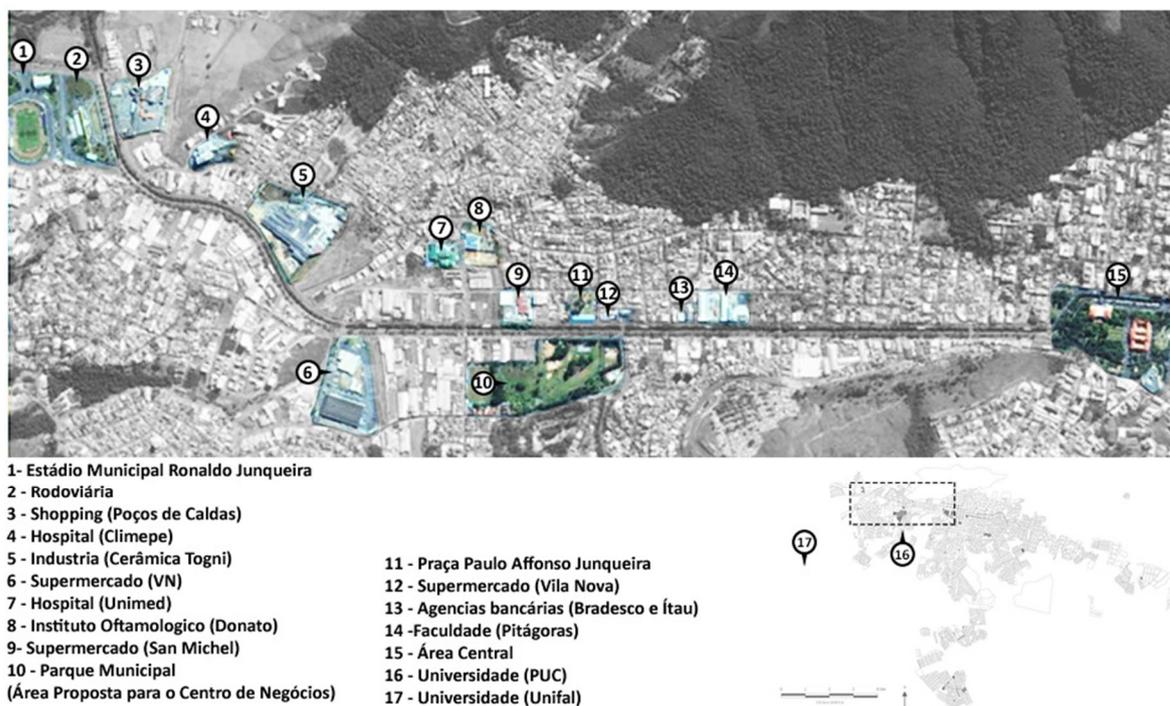


Figura 9 - Mapa de localização dos equipamentos.

Fonte: A autora, 2017.

2.3 SITUAÇÃO ATUAL

O município de Poços de caldas tem estimado para o ano de 2016, cerca de 164 mil habitantes, sendo considerada pelo IBGE como cidade de médio porte¹⁴, possui uma economia baseada em atividades mistas – turismo, serviços e indústria. A educação apresentou expressivo desenvolvimento, com a instalação de várias unidades de curso superior. A ampliação deste conjunto de atividades teve como resultado a consolidação de Poços de Caldas como um polo regional.

Os loteamentos continuam sendo realizados de forma descontínua, mesmo quando em meio a áreas mais urbanizadas. Os loteamentos fechados destinados as faixas de renda mais altas se localizam na zona oeste, ao sul da Av. João Pinheiro.

A zona sul teve adensada sua área entre a COHAB e a área central. Já a zona leste se expande no sentido da rodovia, cada vez mais longe da área central.

¹⁴ Cidades com mais de 100.000 habitantes passam a ocuparem a classificação de médio porte (IBGE).

CAPÍTULO III – POÇOS COMO PONTO FOCAL: Estudos de Caso

Os ELPs de Poços de Caldas, assim como da grande maioria das cidades brasileiras, possuem diferentes formatos, entornos, contextos e portanto, usos. Para iniciar o estudo dos usos dos espaços públicos de Poços de Caldas, afim de entender as diferentes temporalidades existentes, foi necessário realizar um levantamento, catalogando cada um dos espaços e registrando em fichas individuais as atividades realizadas, faixa etária, horários de maior índice de atividade, entre outros dados.

O levantamento tomou como base o “Mapa de Equipamentos Comunitários de Lazer¹⁵” disponível nos anexos do PD de 2006. O mapa em questão foi selecionado por ser o mais recente levantamento oficial dos espaços livres públicos do município, onde são identificados e localizados as praças, áreas verdes e áreas de lazer, campos de futebol e quadras esportivas da cidade. Contudo, por datar dos anos 2000, e apresentar inúmeros equívocos relacionados a localização e categorização dos equipamentos de lazer, o mapa foi refeito e atualizado. Para a atualização do levantamento foi utilizado o software QGis, com auxílio do Google Maps que tornou possível identificar e demarcar todos os espaços livres públicos urbanos.

No universo dos espaços existentes constam 2032 espaços, categorizados e quantificados em 1928 Ruas¹⁶ e 93 espaços como praças (de lazer ativo e contemplativo), parques, minas d’água, entre outros. Para a coleta de dados em campo foi desenvolvida uma ficha de identificação contendo as informações necessárias a compreensão dos espaços.

¹⁵ Nos anexos do DP de 2006 o mapa se encontra com o seguinte título: “mapa 1-2-equip_comun_lazer”. Neste trabalho, o mapa se encontra em anexo.

¹⁶ Informação concedida pelo Departamento de Desenvolvimento Urbano (DDU) de Poços de Caldas, no dia 03/10/2016.

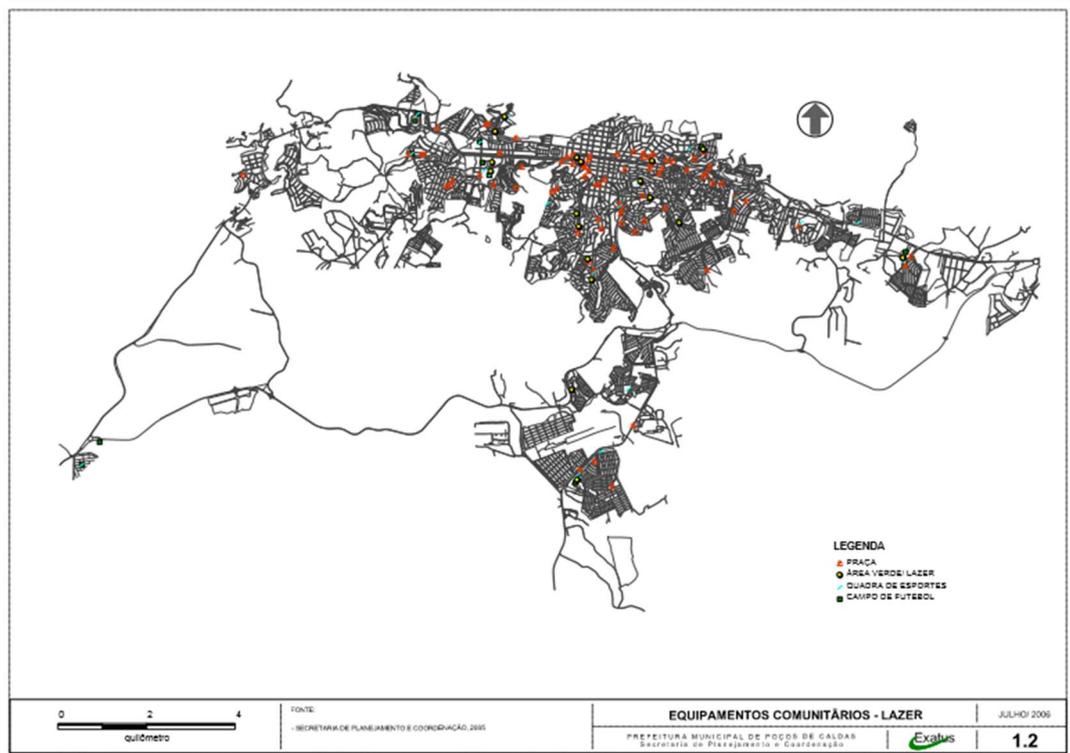


Figura 10 - Mapa de Equipamentos Comunitários – Lazer.
 Fonte: PMPC - Plano Diretor, 2006.

Ficha de Identificação dos Espaços Públicos de Poços de Caldas

CÓDIGO NOME

ZONA ENDEREÇO

TAMANHO M² TIPO

COORDENADAS GEOGRÁFICAS Imagem de localização

FAIXA ETÁRIA DOS USUÁRIOS 0 - 5 21 - 40
 6 - 15 41 - 60
 16 - 20 60 - ∞

PERÍODO DE MAIOR MOVIMENTAÇÃO Manhã
 Tarde
 Noite

CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS

ATIVIDADES REALIZADAS

CARACTERÍSTICAS DE ENTORNO

OBSERVAÇÕES GERAIS

IMAGENS

Figura 11 - Modelo da ficha elaborada para a inserção dos dados coletados em cada um dos espaços livres públicos de Poços de Caldas.
 Fonte: A autora, 2016.

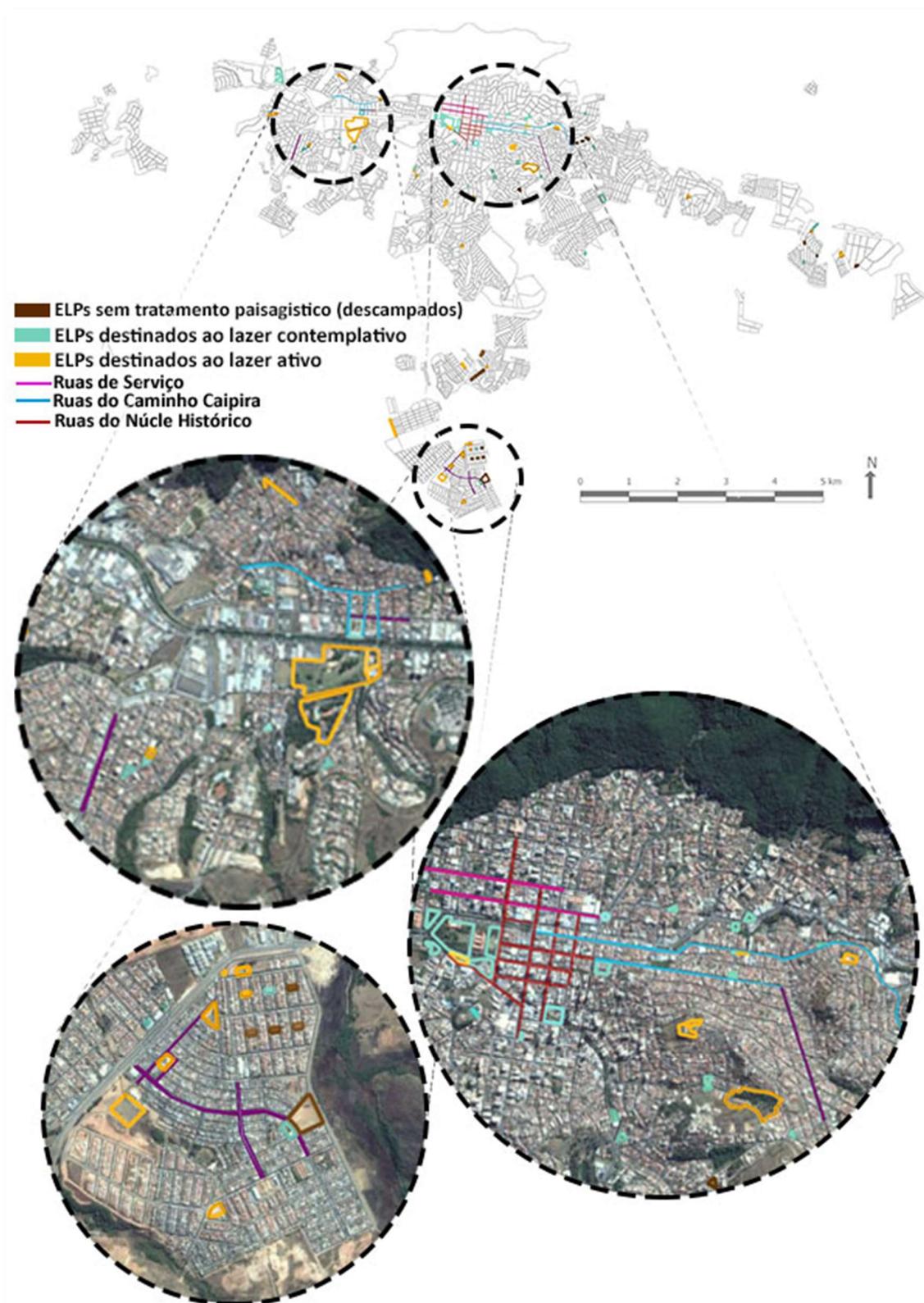


Figura 12 - Mapa da cidade de Poços de Caldas localizando os espaços selecionados para análise e levantamento.
 Fonte: a autora, 2017.

Para o elenco das ruas a serem analisadas foi utilizado como base de dados um levantamento disponibilizado pela Secretária Municipal da Fazenda – Divisão de Cadastro Imobiliário, no qual constam as ruas e a quantidade de pontos comerciais ou de serviços existentes em cada uma delas. Foram selecionados os trechos onde há maior incidência de uso misto. Os trechos foram analisados através de imagem via satélite e Google Street View, os que apresentam maior quantidade de veículos e pessoas, foram visitados afim de verificar se são locais onde há uma maior aglomeração de pessoas utilizando as atividades ofertadas, justificando sua inserção no levantamento.

Foram selecionados 27 trechos de ruas, localizados e identificados. Os trechos de ruas foram agrupados de acordo com as situações encontradas em cada uma, são elas o núcleo histórico, as ruas de serviços, o caminho caipira e as ruas de comércio de bairro.

Na área central encontram-se três situações de ruas com características distintas. Existe o núcleo histórico onde as ruas são mais largas, retilíneas, com calçadas amplas e faixa de mobiliário bem definida, fruto do planejamento urbano ocorrido nos tempos da fundação da cidade em 1872. Em geral, essas ruas são voltadas as atividades de comércio e serviços, atendendo toda a população da cidade e também os turistas. O intenso uso do período diurno é reduzido com o findar do horário comercial, a baixa densidade populacional (em média de 104 habitantes por hectare¹⁷) faz com que a movimentação das ruas no período noturno esteja condicionada aos bares, restaurantes e aos trajetos entre diversos pontos da cidade. A Rua Assis Figueiredo é a principal via desta área, cruza a cidade de norte a sul e é perpendicular as avenidas que dão acesso as demais zonas da cidade (leste, oeste e sul), possui os espaços comerciais de maior relevância e o maior fluxo de pessoas.

A segunda situação, é referente a duas ruas ao norte do núcleo histórico com foco na atividade de serviços. As Ruas Pernambuco e Paraíba possuem muitos imóveis voltados a atividade de serviços, como: escolas de ensino infantil e fundamental, laboratórios, clinicas e consultórios, escritórios, cartórios, entre outros.

¹⁷ Para o cálculo foi considerado 4 habitantes por unidade habitacional.

Durante o horário comercial a movimentação é intensa, porém, ao cair da noite ou durante os finais de semana, o fluxo de pessoas é drasticamente reduzido.



Figura 13 - Fotografia de trecho da Rua Pernambuco (115), ilustrando a dinâmica encontrada nas ruas do serviço durante os finais de semana.

Fonte: a autora, 2016.



Figura 14 - Fotografia de trecho da Rua Paraíba (116), ilustrando a dinâmica encontrada nas ruas do serviço durante os finais de semana.

Fonte: a autora, 2016.

A outra situação presente na região central, assim como na zona leste e oeste, são trechos de ruas com comércios e serviços mais simples e tradicionais, aqueles que foram transferidos das principais ruas de comércio. Voltados ao comércio rural (casas agropecuárias pequenas), lojas de materiais de construção, marcenarias, funileiros, pequenas farmácias, lojas de armarinhos, açougues, quitandas, sorveterias artesanais familiares, lojas de moveis usados, entre outras atividades que trazem à essas ruas a lembrança do “caminho caipira”, o passado com cara de pequena cidade interiorana. Os usos nessas ruas são principalmente diurnos, possuem uma rede de comerciantes que compartilham a mesma vizinhança por décadas, portanto apresentam fortes laços, vigiam a rua e movimentam as calçadas com conversas e visitas. Essas ruas possuem também uma densidade populacional maior (154 habitantes por hectare), com vários imóveis assobradados de uso misto que mantêm alguma movimentação no início do período noturno.



Figura 15 - Fotografia de trecho da Rua Marechal Deodoro (114), ilustrando a dinâmica encontrada nas ruas do “caminho caipira”.

Fonte: a autora, 2016.



Figura 16 - Fotografia de trecho da Rua Coronel Virgílio Silva (124), ilustrando a dinâmica encontrada nas ruas do “caminho caipira”.

Fonte: a autora, 2017.

Nas demais regiões existe uma outra dinâmica de rua, são as ruas de comércio e serviços que suprem as necessidades na escala dos bairros. Estas ruas apresentam pequenos comércios e serviços de propriedade dos moradores dos bairros onde estão instalados. Os funcionários destes estabelecimentos, em geral, também pertencem a comunidade ou a família dos empregadores. São bares, mercados, cabelereiros, petshops, auto mecânicas, lojas têxtis, papelarias, gráficas rápidas, entre outros estabelecimentos de pequeno porte.



Figura 17 - Fotografia de trecho da Avenida Eduardo Luciano Marras (130) ilustrando a dinâmica encontrada nas ruas de abastecimento de bairro.

Fonte: Fernanda Buga, 2017.



Figura 18 - Fotografia de trecho da Rua Gama Cruz (119) ilustrando a dinâmica encontrada nas ruas de abastecimento de bairro.

Fonte: Fernanda Buga, 2017.

Os demais 93 espaços da cidade, com exceção aos pontos turísticos, são, em grande maioria, pequenas praças destinadas ao lazer contemplativo com canteiros gramados, poucas árvores e alguns bancos; Praças e parques destinados ao lazer

ativo, com pequenos parques infantis, quadras poliesportivas descobertas, cercadas com alambrado e academias ao ar livre; ou ainda áreas descampadas sem qualificação paisagística, a maioria, fruto dos loteamentos realizados após a aprovação da Lei Complementar 18.

Tabela 05 – Ralação dos Espaços Livres Públicos de Poços de Caldas

| | Descampados | Lazer Contemplativo | Lazer Ativo | Total |
|--------|-------------|---------------------|-------------|-------|
| Oeste | 0 | 9 | 9 | 18 |
| Centro | 0 | 12 | 1 | 13 |
| Leste | 7 | 15 | 9 | 31 |
| Sul | 11 | 4 | 16 | 31 |

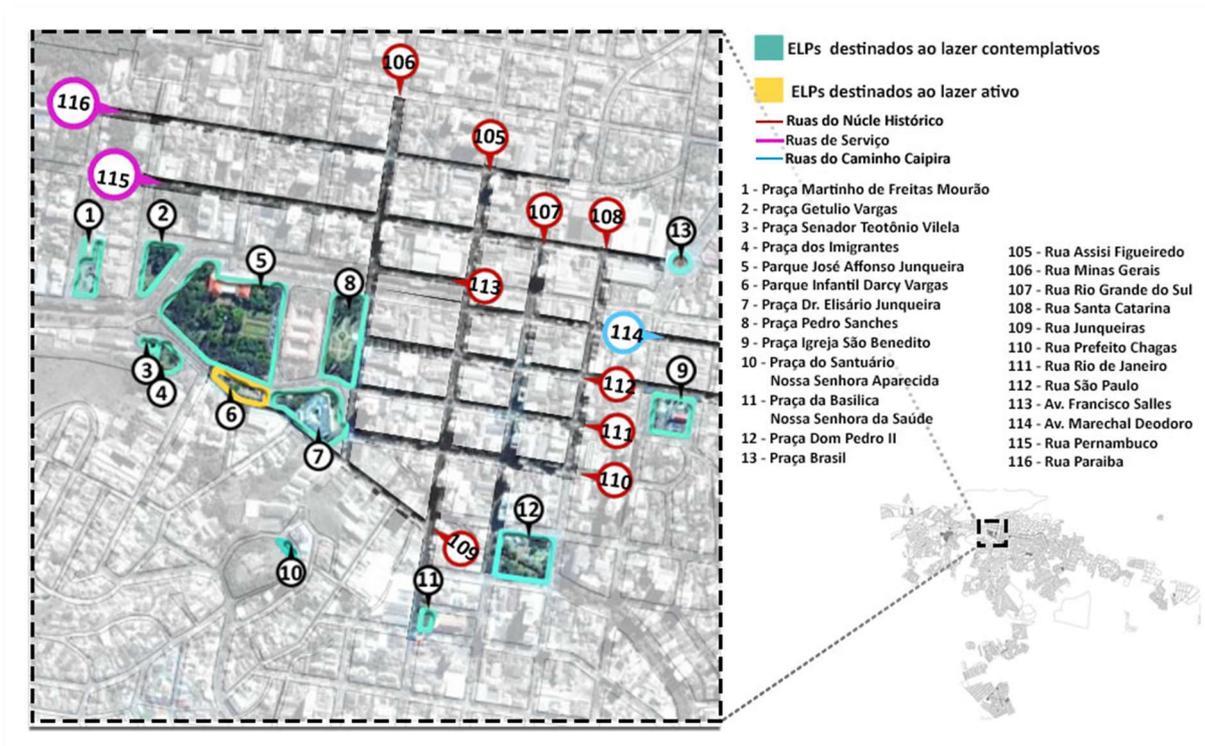


Figura 19 - Mapa dos Espaços Livres Públicos da Área Central.

Fonte: a autora, 2017.

Os espaços livres públicos de lazer da área central, são, em grande maioria, espaços projetados por volta dos anos 1872 (data de fundação da cidade), portanto possuem sofisticado tratamento paisagístico e dimensão suficiente para a realização de atividades variadas, sendo os espaços com maior movimentação, principalmente aos finais de semana quando é intensificada a presença dos turistas. Os espaços dessa região recebem grande parte das atividades culturais da cidade, como apresentações de músicos locais, peças teatrais, quermesses, festivais, entre outros.

Como pode ser observado na Figura 19, os espaços livres públicos centrais que apresentam maior ocupação estão interligados por ruas voltadas à atividade comercial e de serviços, portanto, o fluxo de pessoas que perpassam entre as praças é intenso, o que aumenta a probabilidade de ocupação. Outro fator que influencia na utilização dos espaços da área central é o formato de “T” em que a cidade se desenvolve, dessa forma a área central é também o centro geográfico para onde todas as pessoas e atividades convergem, reunindo diferentes grupos que se formam virtualmente e utilizam o centro como ponto de encontro.

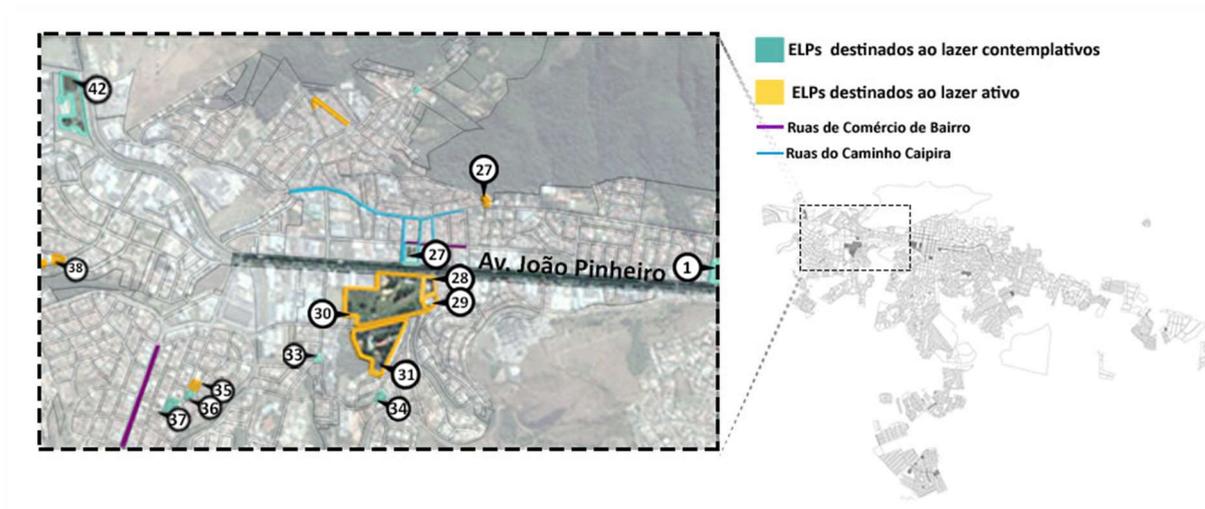


Figura 20 - Mapa dos Espaços Livres Públicos da Zona Oeste.
Fonte: a autora, 2017.

A zona oeste possui espaços muito variados em relação ao tamanho, tratamento paisagístico, densidade demográfica do entorno e intensidade de ocupação dos espaços inventariados, isso se dá, entre outros fatores, por conta das diferentes faixas de renda que ocupam a região e, conseqüentemente, aos investimentos realizados nas glebas para atender as demandas do público alvo de consumidores. Os espaços inseridos em entornos estritamente residenciais se assemelham no desenho e na baixa ocupação, estão distantes dos fluxos de pessoas que muitas vezes se deslocam através de carros ou transporte coletivo, já que nas proximidades não existem muitas ofertas de atividades a serem realizadas, com exceção as faces da Av. João Pinheiro e ao Bairro Vila Cruz.

Nem mesmo os espaços destinados à atividade de lazer ativo que se encontram inseridos próximos à escolas, pequenas lojas e bares/mercearias, como o caso apresentado na Figura 21, possuem ocupação com atividades variadas.

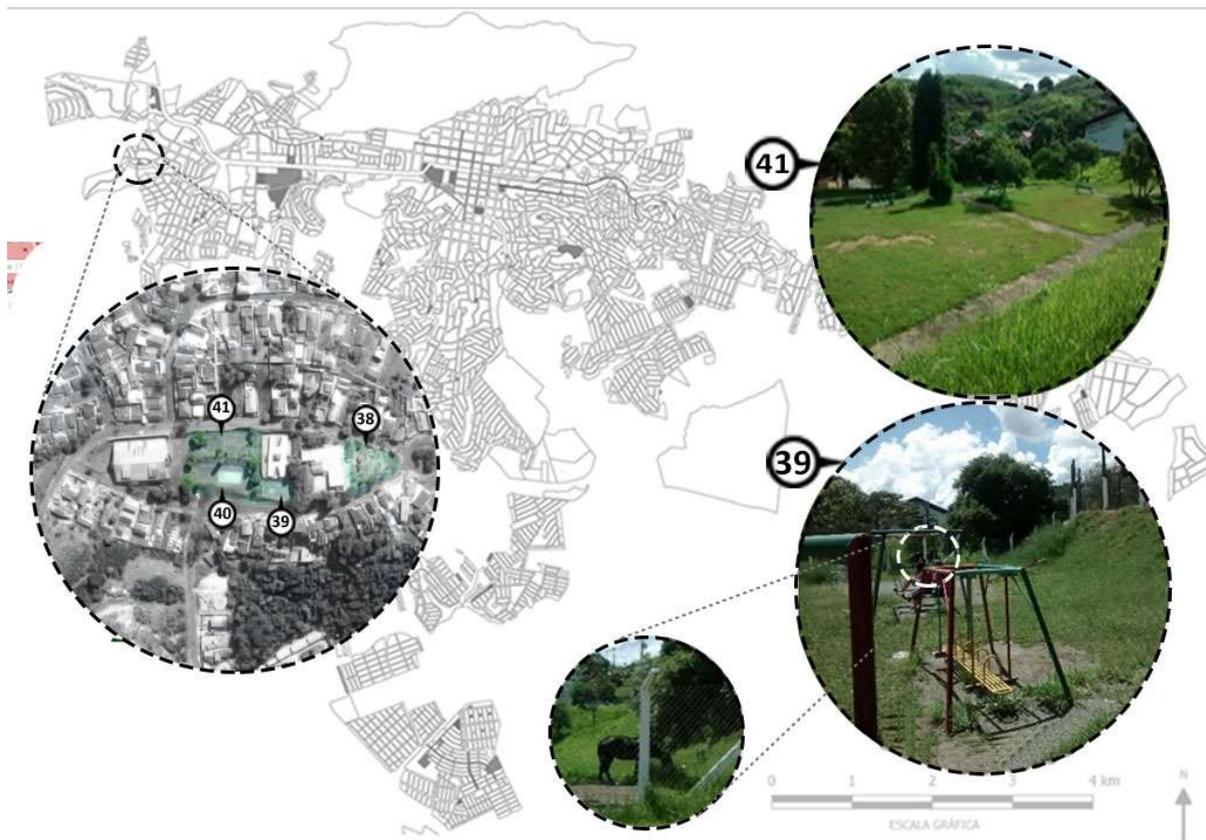


Figura 21 - Mapa destacando os espaços citados (38, 39, 40 e 41).
Fonte: a autora, 2016.

Os alunos da escola inserida no quarteirão utilizam o campinho de futebol (40), a praça¹⁸ (41) e o parquinho (39) durante o horário de atividades letivas, tendo como inibidor de uso a presença constante de cavalos e outros animais. No período noturno esses espaços são utilizados pelos traficantes e usuários de drogas que se aproveitam da pouca visibilidade propiciada pelo desnível do terreno e da falta de movimentação do entorno.

Através das imagens pode-se observar que a área destinada aos espaços livres públicos e área institucional consta de um quarteirão com alta declividade e quase no limite com a área rural. A localização dos espaços não estimula o fluxo de pessoas, nem se aproveita de um fluxo existente. O desnível do terreno impossibilita que os passantes possam fazer a vigilância desta área, incentivando a apropriação por usuários de drogas e inibindo a utilização pelos demais moradores do entorno, principalmente crianças.

¹⁸ No gramado da praça foram feitas as marcações para a realização de atividades esportivas, adaptando um espaço de lazer contemplativo sub-utilizado.

A data de aprovação do loteamento é da década de 1980, portanto já estava sob vigência da Lei Federal 6766. Como já mencionado no Capítulo II, tal legislação não exigia a separação das áreas a serem passadas para o domínio público, sendo assim, foi transferida uma grande área em um quarteirão com terreno acidentado e quase nos limites do loteamento, obviamente, não o melhor local para a instalação de áreas públicas.

Ainda na zona oeste, os espaços que se diferem dos apresentados anteriormente são os parques Antônio Molinari (30) e Country Clube (31) os campos de futebol (28) e a pista de skate (29) localizadas na lateral leste do parque municipal e a praça Paulo Junqueira (27). Os parques apresentam grande movimentação de pessoas durante todo o dia pois ofertam grande quantidade de atividades recreacionais à pessoas de todas as idades, estes são os dois maiores parques da cidade, ponto de encontro para realização de atividades diversas, além de receberem, atividades eventuais como festa do dia do trabalhadores, festivais de música, competições, entre outras. A pista de skate foi reformada e reinaugurada no dia 23 de outubro de 2016, nos dois dias de inauguração o espaço recebeu diversos eventos relacionados a cultura hip hop como competições de skate, batalha de rap, batalhas de b-boys, entre outros, no cotidiano ela passou a representar um ponto de encontro para as pessoas pertencentes à essa tribo urbana, atraindo pessoas de diversas áreas da cidade, como também das cidades do entorno.

A praça localizada no outro lado a avenida João Pinheiro, Praça Paulo Junqueira, possui grande movimentação durante todos os dias. Em seu entorno se encontram a rua Nico Duarte (118) que faz parte das ruas de comércio de bairro, no trecho que margeia a praça, a rua possui restaurante, igreja e quadra esportiva. As demais ruas que margeiam a praça possuem escola, bares, casas lotéricas, residências, farmácia e outros pequenos comércios. Nas quartas-feiras a Rua Nico Duarte e parte da praça recebem a feira. A praça possui grande movimentação de crianças brincando, andando de bicicletas e patins, idosos conversando, jogando cartas, xadrez e outros e há ainda moradores de rua que ocupam o coreto central da praça mas que não inibem os demais tipos de utilização do espaço.



Figura 22 - Mapa destacando a localização dos espaços mencionados (27, 28, 29, 30 e 31).
 Fonte: a autora, 2017.

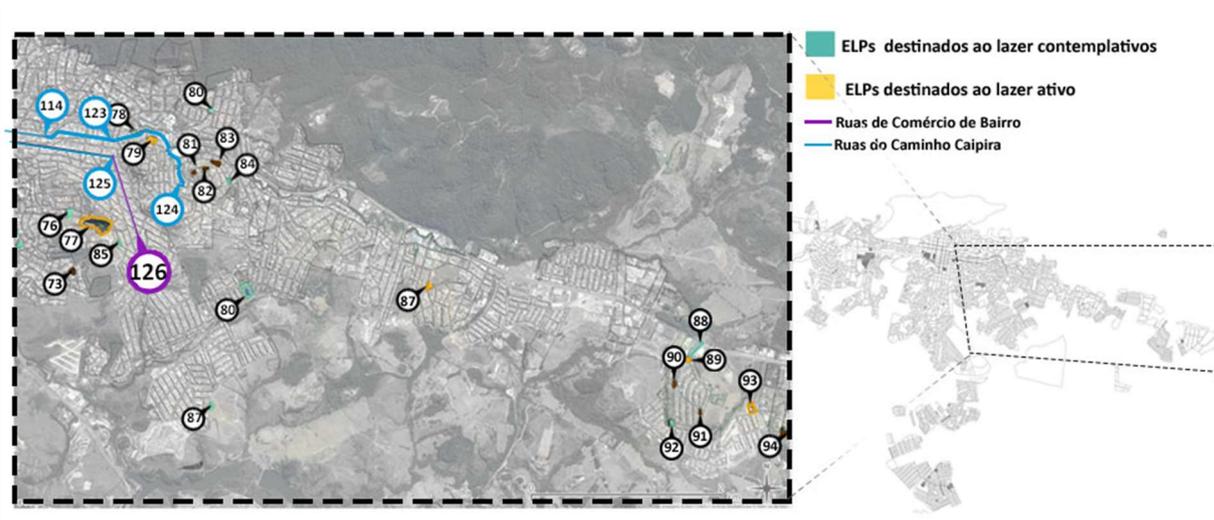


Figura 23 - Mapa dos Espaços Livres Públicos da Zona Leste.
 Fonte: a autora, 2017.

A zona leste é caracterizada por loteamentos desconectados interligados através de uma avenida de trânsito rápido, portanto, seus espaços livres públicos, com exceção as ruas, são dispersos e distantes uns dos outros. As praças são, muitas vezes, trevos ou rotatórias com bancos, árvores, mesas e acessos dificultados pelos veículos que as circulam, além da pouca dimensão que impossibilita a variedade de atividades. As praças dessa região estão, quase em sua

totalidade, ocupadas pelos traficantes e usuários de drogas. Os espaços mais utilizados pela população em geral são os parques infantis, as quadras esportivas e as academias ao ar livre, esses possuem tamanho padrão, com manutenção de baixo custo e que satisfazem as necessidades da população proporcionando um espaço de lazer ativo para variadas faixas etárias. As quadras e parquinhos que se destacam por sua intensa utilização são aqueles que se encontram próximos uns dos outros, como no caso dos espaços 17 e 18 (Figura 24) que se caracterizam por uma pequena praça, um parquinho, uma academia ao ar livre e uma mina d'água, margeados por uma rua comercial movimentada e já destacada anteriormente (Rua Dr. Mário de Paiva – 123), o espaço 83 (Figura 26) também segue os padrões de quadra esportiva, parquinho infantil e academia ao ar livre um ao lado do outro. Esses dois espaços permanecem ocupados durante todo o dia com atividades diferentes a cada período, os pais assistem aos filhos pequenos enquanto realizam exercícios físicos na academia, os jovens se encontram para conversas ou partidas de vôlei, futebol e outros esportes, os idosos jogam damas, xadrez, conversam e se exercitam.



Figura 24- Fotografia da dinâmica da Praça 17.
Fonte: a autora, 2016.



Figura 25 - Fotografia da dinâmica do parquinho infantil, academia ao ar livre e mina d'água (18).
Fonte: a autora, 2016.



Figura 26 - Fotografia do parquinho e quadra de areia do espaço 79.
Fonte: a autora, 2016.



Figura 27 - Fotografia do parquinho e academia ao ar livre do espaço 79.
Fonte: a autora, 2016.

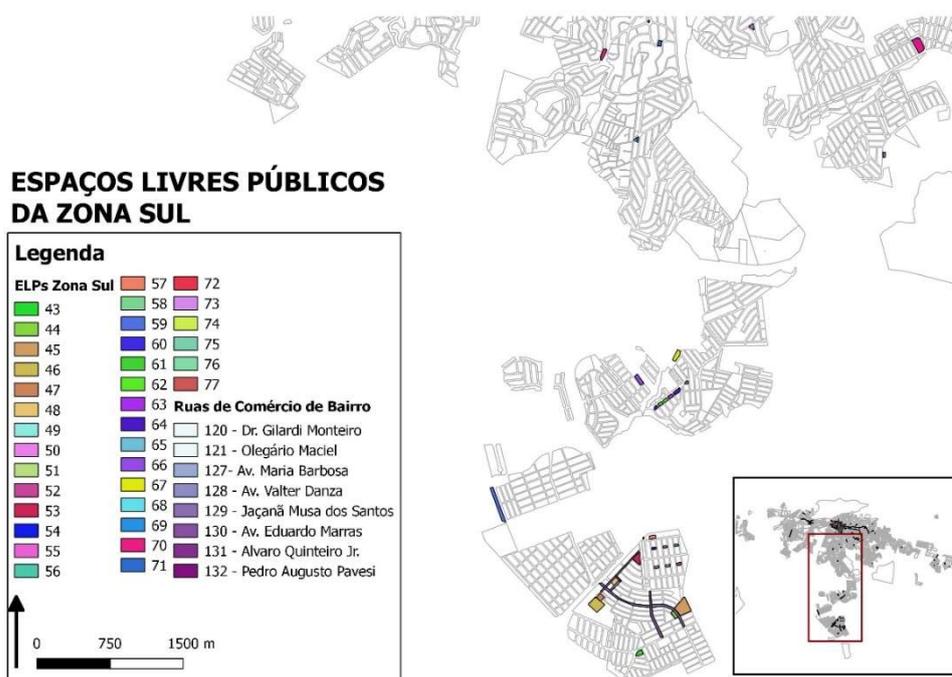


Figura 28 - Mapa dos Espaços Livres Públicos da Zona Sul.

Fonte: a autora, 2017.

A zona Sul é a região da cidade com a maior quantidade de espaços com pouco tratamento paisagístico, fruto da legislação urbana, já que a zona sul passa por seu período de expansão por volta dos anos 1980. Alguns espaços não apresentam qualquer tipo de tratamento paisagístico, como demonstra o mapa acima. São espaços que, na aprovação dos loteamentos, foram destinados a áreas verdes e de lazer mas que até o momento não receberam nenhum equipamento que incentivasse a apropriação, permanecendo como áreas gramadas, com poucas árvores, sem tamanho suficiente para uma apropriação voltada a atividades esportivas, o que, na maioria deles, faz com que esses espaços virem depósitos de lixo e sucata. Os demais espaços se dividem entre os tipos de espaços já apresentados, praças em rotatórias e trevos, quadras esportivas, parques infantis, academias ao ar livre e espaços próximos a zona rural em que pastam animais como cavalos e vacas.



Figura 29 - Mapa de localização dos espaços 50, 51, 52, 55 e 56.

Fonte: a autora, 2017.



Figura 30 - Fotografia do espaços 56.

Fonte: a autora, 2016.



Figura 31 - Mapa de localização dos espaços 60, 61, 62, 63 e 64.

Fonte: a autora, 2017.



Figura 32 - Fotografia do Espaço 61.

Fonte: a autora, 2017.

Outra situação de espaços encontrada na zona sul é a intensa ocupação de uma grande área no bairro do Conjunto Habitacional Dr. Pedro Affonso Junqueira, nesta área estão localizadas duas grandes praças que abrigam espaços para atividades variadas como pista de skate, área comercial, quadra de areia, parquinho infantil, área de lazer contemplativo e quadra poliesportiva aberta. Essas praças são margeadas pelas ruas já destacadas (126, 127, 128, 129, 130 e 131) e promovem um espaço onde o intenso fluxo de pessoas traz segurança e movimentam as praças, além de transforma-las em ponto de encontro e centralidade da região.



Figura 33 - Mapa de localização dos espaços 48 e 53.

Fonte: a autora, 2017.



Figura 34 - Fotografia da dinâmica do espaço 48.

Fonte: a autora, 2017.

Além dos espaços mencionados por área, existem as minas d'água que se fazem presente em toda a cidade, algumas, mais centrais, possuem utilização mais intensa do que outras mas no geral todas elas são utilizadas como ponto de encontro e abastecimento de água para a população. As principais são as das da zona oeste, central e início da zona leste que se encontram mais próximas da mata e portanto despertam maior confiança na população quanto ao consumo da água.

Alguns outros espaços que se encontram espalhados pela cidade são os que recebem festas uma ou mais vezes ao ano. As mais tradicionais delas são a festa de São Benedito, que acontece de 1º a 13 de maio na praça de mesmo nome (20 Centro), a Festa UAI que acontece em agosto ao redor da rodoviária (42 Zona Oeste), encontros de carros antigos (01, 03 e 04 Centro), festivais de *Food Truck* e o “Julho Fest” que ocorre nos espaços livres públicos da área central. Durante os dias de evento, todo o entorno dos espaços ganha vida, são pessoas caminhando para acessar as praças e barracas vendendo comidas típicas de festa, brinquedos infantis e atividades durante o dia e a noite. A primeira quadra da Rua São Paulo (112 Centro), é aberta aos pedestres diversas vezes ao ano, com na abertura do “Natal Encantado”, carnaval, “Rua Livre”, quermesse da Igreja de São Antônio (que se localiza no primeiro quarteirão da rua), festa junina, entre outros eventos. Contudo, os eventos não criam na população o costume de frequentar os espaços, com o findar das atividades há também a redução da ocupação.



Figura 35 - Praça Martinho de Freitas Mourão (01) com evento.

Fonte: a autora, 2016.



Figura 36 - Praça Martinho de Freitas Mourão (01) sem evento.

Fonte: a autora, 2016.



Figura 37 - Praça da Igreja de São Benedito (20) em período de festa.

Fonte: a autora, 2016.



Figura 38 - Evento Rua Viva 2016.

Fonte: Acervo Trama Ação Urbana, 2016.

No levantamento foram identificados 4 parques, sendo eles: o Parque Municipal Antônio Molinari (30 Zona Oeste), o Parque Bosque do Ipê (79 Zona Leste), o Parque Bosque do Monjolinho (77 Zona Leste) e o Parque Ecológico da Zona Sul. O parque do Bosque do Ipê e Parque do Bosque do Monjolinho são semelhantes, os dois estão inseridos em terrenos acidentados com alta cobertura vegetal, quadras esportivas e áreas destinadas ao lazer contemplativo, ambos os parques são voltados a atender a população dos bairros onde estão inseridos e a atividade realizada mais intensa é o consumo e venda de drogas. Já o Parque Ecológico da Zona Sul e o Antônio Molinari são destinados a atender as atividades da cidade como um todo, recebem eventos musicais e culturais, são espaços utilizados para a prática de atividades esportivas e de lazer.

No geral, os espaços livres públicos de Poços de Caldas podem ser agrupados em quatro categorias. Os espaços sem qualificação paisagística ou projetos arquitetônicos; os espaços destinados ao lazer ativo que contemplam parques, e praças com programas de academias ao ar livre, quadras poliesportivas e pequenos parques infantis; espaços destinados ao lazer contemplativo, que podem ser sub-agrupados nos espaços da área central, com maior complexidade de projetos arquitetônicos e paisagísticos; os espaços localizados no entorno mais próximo da região central que, por conta da legislação vigente durante a aprovação dos loteamentos tiveram algum tipo de tratamento paisagístico, mesmo que simplificado; e os espaços residuais implantados em trevos, rotatórias, terrenos de divisa com a área rural ou terrenos com alto grau de inclinação.

Para o aprofundamento dos estudos foram selecionadas três áreas: área central, Vila Cruz e COHAB. Dentre as áreas inventariadas poucas utilizam os espaços livres públicos como sistema, integrando as ruas nas funções cotidianas e eventuais. As áreas elencadas foram aquelas onde identificou-se uso mais intenso do conjunto de ELPs, são utilizadas tanto as ruas como os espaços pontuais (praças, praças, minas d'água, entre outros) nas manifestações diárias da vida pública. Além da alta movimentação de pessoas e da variedade de atividades realizadas, cada um deles possui diferentes intensidades da influência dos modos de vida metropolitanos, dessa forma, o aprofundamento contemplará os mais distintos casos no universo apresentado pela cidade.

3.1 ÁREA CENTRAL

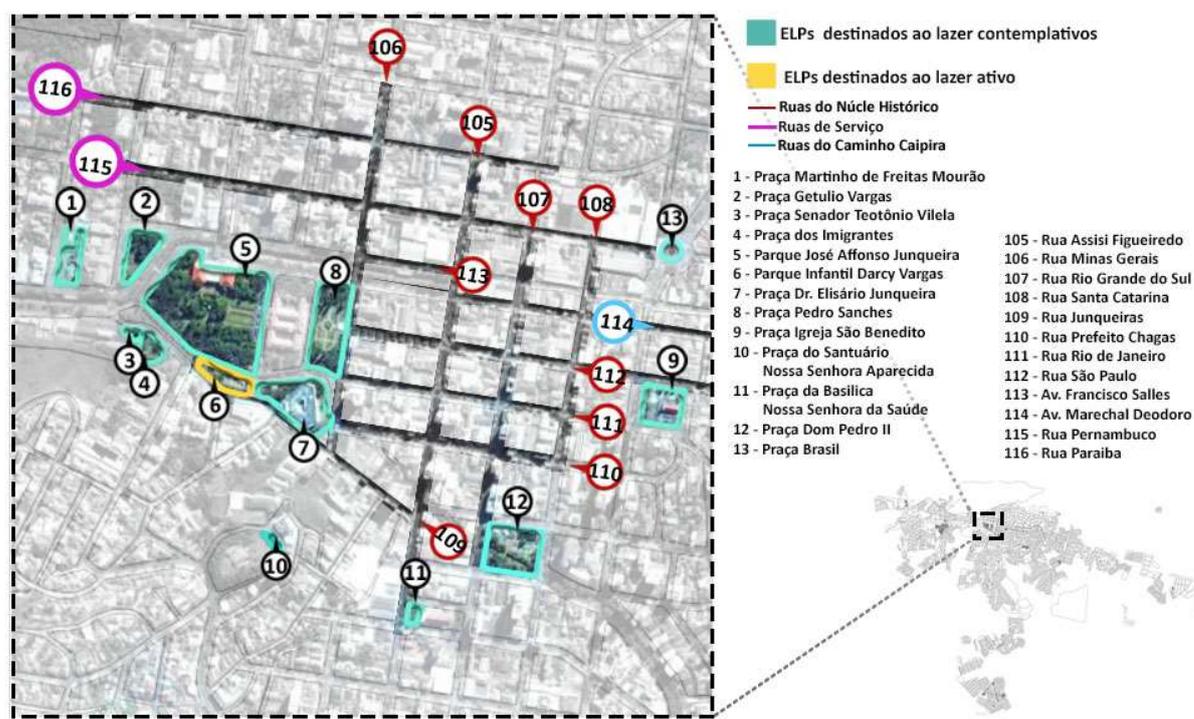


Figura 39 - Espaços definidos para estudo da área central.
 Fonte: a autora, 2017.

A área central foi inicialmente projetada para atender às necessidades e aos desejos dos turistas que sustentavam a economia da estância. Portanto, são abundantes, tanto em quantidade como em dimensão, possuem distâncias curtas entre uns e outros, estimulando os percursos peatonais e movimentando o comércio da região, assim como a participação nas atividades eventuais ocorridas nas diversas praças.

As praças da área central podem ser divididas por tipo de uso, tendo aquelas de caráter intensamente turístico como as praças Getúlio Vargas (2), Senador Teotônio Vilela (3) e a Praça dos imigrantes (4); existem também as praças que abrigam tanto os turistas como as atividades cotidianas e eventuais dos habitantes da cidade, são elas: Praça Martinho de Freitas Mourão (1), Parque José Affonso Junqueira (5), Praça Elisário Junqueira (7), Praça Pedro Sanches (8) e Praça Dom Pedro II (12).

As Praças de caráter turístico possuem dimensões pequenas para a realização de atividades eventuais como shows, teatros, apresentações, entre outras; e não possuem grande fluxo peatonal em seu entorno para que possam ser pontos de encontro, área de convívio ou local de descanso nos horários de almoço ou intervalo dos trabalhadores, pois grande parte dos fluxos são absorvidos pelo Parque José Affonso Junqueira (5). A Praça Getúlio Vargas, mais conhecida como Praça do Relógio, por possuir em seu centro um grande relógio floral, recebe eventualmente um pequeno contingente de estudantes das escolas existentes no entorno. Esses fazem uso pra praça em grupos, durante o intervalo entre as aulas, quando conversam e aproveitam o tempo livre. Nesta praça também ocorre outra atividade distinta das demais, ao redor dela estão localizados os pontos dos charreteiros que levam os turistas para passeios pela Av. João Pinheiro, realizando paradas nas lojas de cristais, suvenires e alimentos típicos da região. As charretes ainda são um forte atrativo turístico, principalmente aos turistas dos grandes centros urbanos por remeter a experiência de um estilo de vida rural. Portanto, nessas praças, o maior fluxo de pessoas ocorre nos dias dos finais de semana, quando a quantidade de turistas é intensificada.



Figura 40 - Praça Teotônio Vilela (3).
Fonte: a autora, 2016.



Figura 41 - Praça dos Imigrantes (4).
Fonte: a autora, 2016.



Figura 42 - Praça Getúlio Vargas (2), Relógio Floral.

Fonte: a autora, 2016.



Figura 43 - Praça Getúlio Vargas (2), pontos de charrete.

Fonte: a autora, 2016.

As demais praças, por possuírem dimensões superiores as já mencionadas, com ruas movimentadas e intenso fluxo de pessoas, possuem maior diversidade de usos.

O Parque José Affonso Junqueira, possui usos mais voltados a contemplação e ao lazer. Pela manhã pessoas caminham dando voltas em seu entorno; estudantes do ensino médio das escolas do entorno se encontram após as aulas ou mesmo no período da tarde para conversarem; Idosos passeiam pelos caminhos, sentam-se ao sol e passam horas contemplando a paisagem e conversando com os vendedores ambulantes; as crianças menores brincam de bola, entre outras brincadeiras, nos grandes solários.

Além das atividades cotidianas o espaço recebe algumas atividades eventuais, programadas pela prefeitura ou por associações. Tais eventos como Sinfonia das Águas, encontros de carros antigos, festivais de música, entre outros que atraem grande quantidade de frequentadores, principalmente turistas.



Figura 44 - Fotografia das dinâmicas identificadas no Parque José Affonso Junqueira.
Fonte: a autora, 2016.



Figura 45 - Fotografia das dinâmicas identificadas no Parque José Affonso Junqueira.
Fonte: a autora, 2017.

A Praça Pedro Sanches (8) é a praça de maior movimentação porque essa, além de intensa, é constante. Essa praça recebe o fluxo de pessoas vindas da Rua Prefeito Chagas, Rua Rio de Janeiro, Rua São Paulo, Av. Francisco Salles, além do

fluxo de pessoas que vindas da zona oeste, que cruzam o Parque José Affonso Junqueira e cruzam por ela para acessar as ruas principais. Grande parte da movimentação é referente aos fluxos, pessoas que para chegarem do ponto “A” ao ponto “B” cruzam o espaço da praça, contudo, parte dessas pessoas acabam por parar para descansar ou assistir a alguma atividade que esteja acontecendo.

Por conta da grande movimentação de pessoas, a praça se torna um ímã de atividades, e assim recebem os mais variados eventos, sendo esses tanto programados pela Prefeitura como fruto da utilização espontânea da população. Aos finais de semana o coreto, localizado na extremidade norte da praça, recebe apresentações musicais diversas que vão desde bandas instrumentais clássicas ao sertanejo de raiz. Ao entardecer alguns jovens músicos se apresentam nos corredores para divulgar seus trabalhos e complementarem a renda, outras atividades informais ocorridas nos corredores da referida praça são: desenhos de caricaturas, pinturas com tinta spray, estatuas vivas, venda de acessórios artesanais, entre outros.

Existem ainda alguns outros eventos programados como o Natal Encantado e algumas atividades do Julho Fest, que assim como as outras, atraem usuários não pertencentes a região que após a utilização dos mesmos vão embora sem a criação de vínculos.



Figura 46 - Praça Pedro Sanches em dias de semana.

Fonte: a autora, 2016



Figura 47 - Praça Pedro Sanches em finais de semana. Ao fundo apresentação de grupo de sertanejo de raiz.

Fonte: a autora, 2016



Figura 48 - Praça Pedro Sanches em dias de atividades eventuais anuais como Julho Fest.
Fonte: a autora, 2015.



Figura 49 - Praça Pedro Sanches com atividades eventuais ligadas a cultura Hip Hop.
Fonte: a autora, 2015.

A Praça Elisário Junqueira abriga a edificação das Thermas Antonio Carlos, o calendário floral e a Fonte Pedro Botelho, mais conhecida como “Fonte do Leãozinho” por possuir no centro um fontanário de mármore esculpido com cabeças de leões. A Praça em si é um local de passagem, acesso as Thermas e ponto turístico por conta do Calendário Floral. Aos finais de semana a praça recebe uma feira de artesanatos que atende tanto a população poços-caldense quanto os turistas. O destaque da praça fica com a “Fonte do Leãozinho”, no entorno da fonte são realizadas os mais diversos tipos de atividade, recebe as danças dos idosos, os ensaios de Break Dance e batalhas de MC’s dos membros do grupo de Hip Hop, além de ser ponto turístico.



Figura 50 - Praça Elisário Junqueira durante a tarde em dias de semana.
Fonte: a autora, 2015.



Figura 51 - Praça Elisário Junqueira em finais de semana com usos sobrepostos da música e dança e a feira de artesanatos.
Fonte: a autora, 2015.

Por não ser uma cidade polinucleada, a área central é a principal fornecedora de serviços e comércio, contendo uma quantidade reduzida de habitações. Como é também o centro geográfico da cidade ela condensa grande parte dos fluxos e

encontros, principalmente dos encontros de grupos não pertencentes a um território específico, como o caso dos membros do grupo do Hip Hop¹⁹, em que cada membro sai de uma área da cidade e o centro se torna o ponto de referência por estar acessível a todos.

A estrutura espacial da área central contempla ruas e calçadas largas e iluminadas, fachadas ativas, multifuncionalidade de atividades sociais, culturais e comerciais. Apresenta também variedade de atividades em diferentes horários do dia. Todas essas características são apontadas por Jane Jacobs (2001), Isabel Guerra (2003), Luis Balula (2010), entre outros, como características positivas de espaços urbanos que atraem e estimulam o uso e a apropriação.

A área central é a principal fornecedora de comércio e serviços, abastecendo não só a cidade de Poços de Caldas, mas todas as demais cidades do entorno. Dessa forma, o fluxo de pessoas e a rotatividade comercial é maior, impossibilitando a produção artesanal ou o contato mais íntimo com os consumidores. Esse distanciamento é característico dos grandes centros urbanos, que, como apontado por Simmel, os habitantes criam mecanismos para filtrar o impacto da quantidade de informações e sentimentos que os circundam.

Por ser o principal centro de negócios e também o centro geográfico, é ponto de encontro de grande parte das tribos urbanas que utilizam os espaços em diferentes horários, sem relacionamento umas com as outras. Grande parte dos usuários do local não residem nas proximidades, se deslocam diariamente para realizar os mais variados tipos de atividades, parte dos encontros, atualmente, são organizados via equipamentos de comunicação virtuais que possibilitam o contato entre pessoas com interesses comuns que dificilmente se conheceriam sem tais utensílios. Esses fatores são também relacionados com os modos de vida contemporâneo, onde a influência da tecnologia é forte o suficiente para impactar nas dinâmicas sociais e urbanas.

Considerando a mesma região, o turismo resgata alguns elementos das pequenas cidades de interior, como o uso das charretes, as apresentações musicais no coreto que convidam a dançarem ao seu redor, estimulando o contato pessoal

¹⁹ O Hip Hop se apropria das áreas centrais não só pela questão do fácil acesso, é também uma forma de reivindicar o uso das áreas centrais pela população da periferia.

entre os frequentadores. A área central possui um sistema de ELPs fortemente conectada e utilizada, mesmo com o intenso fluxo de veículos os trajetos são percorridos a pé, em baixa velocidade, absorvendo melhor as informações.

3.2 VILA CRUZ

O estudo de caso do bairro da Vila Cruz é o de menor dimensão dentre as áreas elencadas para o aprofundamento. Mesmo distando apenas 2,5Km da área central é o estudo que apresenta a mais intensa representação dos modos de vida mais lento, característico de cidades pequenas.

Até por volta dos anos 1920/1930, toda a terra localizada a oeste da área central era considerada como Vila Cruz. A Vila Cruz era o local da população de faixa de renda mais baixa, daqueles que não tinham condições de consumir e habitar a “glamurosa e sofisticada” área central. Era o local do matadouro, do cemitério, da cerâmica, do horto municipal e do posto de meteorologia, espaços que abrigavam funções por vezes consideradas “sujas” voltadas a atender as necessidades da população, principalmente a frequentadora da área central.

Por volta dos anos 1917 inicia-se um processo de segregação na zona oeste, por conta da instalação de equipamentos de lazer destinados aos turistas e aos moradores pertencentes à elite da época, na área ao sul da Av. João Pinheiro, a mesma recebe pavimentação apenas próxima à esses espaços. O antigo posto meteorológico foi arrendado para a construção do Country Clube (31) proporcionando atividades esportivas durante os dias e bailes durante a noite. O antigo matadouro foi transformado em campo de golfe permanecendo com esse uso até a inauguração do Parque Municipal Antônio Molinari (30) por volta da década de 1970.

As terras de Sebastião da Gama Cruz foram sendo vendidas e nelas foram abertos novos loteamentos. O loteamento da Vila Cruz, segundo a PMPC, nunca chegou a ser aprovado ou registrado em cartório, tendo seus limites imprecisos até os dias de hoje. Portanto, por ser a primeira aglomeração a ocupar a área o bairro teve um desenvolvimento quase auto-suficiente.

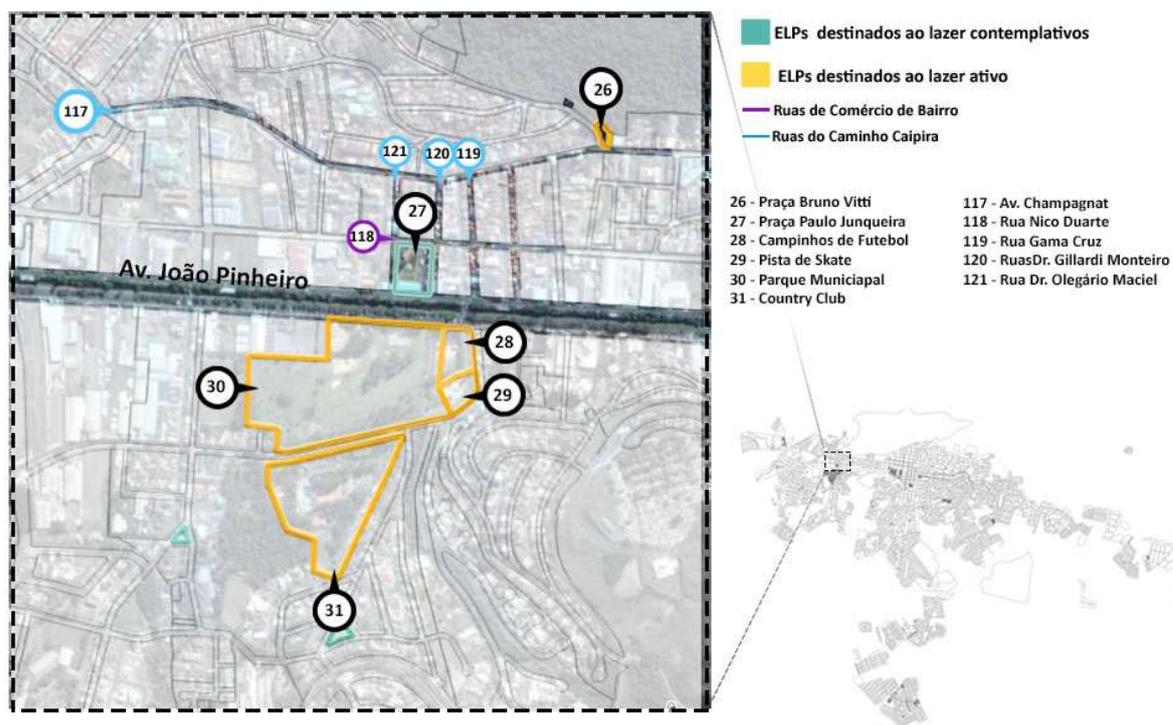


Figura 52 - Mapa localizando os espaços livres públicos disponíveis na Vila Cruz.

Fonte: a autora, 2017.

A área a ser trabalhada no aprofundamento deste estudo de caso apresenta diferentes temporalidades em curtos trechos territoriais. O trecho que margeia a Av. João Pinheiro (margem norte) vem perdendo seu caráter de pequena cidade de interior. Possui algumas poucas residências e comércios de pequeno porte como padarias, locadoras de filmes e jogos, que resistem à fagocitação da atividade comercial e prestadora de serviços predominante nessa região. As atividades comerciais estão, a cada dia mais, associadas às funções automobilísticas como postos de gasolina, venda de peças e acessórios para carros e motos, concessionárias de veículos, entre outras. Outro tipo de estabelecimento que vem se firmando na face norte da Av. João Pinheiro são as agências bancárias, antes restritas à área central da cidade. Portanto, conforme previsto e reintegrado pelo PDI de 1968 a região oeste, com destaque para o bairro da Vila Cruz, vem se estabelecendo como sub-centralidade e se fortalece por apresentar alternativas fora do congestionamento da região central.

O trecho estudado nesse aprofundamento, apesar da proximidade com as atividades acima apresentadas, suporta dinâmicas completamente distintas. Possui estabelecimentos comerciais menores, voltados a atender o público do bairro, como padarias, quitandas, sorveterias, casa de produtos de pesca, gráficas rápidas, bares, imobiliárias, bicicletarias, açougue, farmácia entre outros, estando esses inseridos

juntamente com residências. Grande parte dos estabelecimentos citados são de propriedade de moradores do bairro.

A Praça Paulo Junqueira (27) não teve seus limites definidos pelas edificações do entorno, tal como as praças do núcleo central, ela é fruto da doação de terras realizada por Sebastião da Gama Cruz para a construção de uma capela e uma praça que atendesse as necessidades do bairro já consolidado. Os padres Oblatos edificaram a Igreja, a praça e um galpão para abrigar o primeiro grupo um grupo escolar da zona oeste.

O trecho compreendido pelas ruas Olegário Maciel (121), Nico Duarte (118) e Dr. Gilardi Monteiro (120) fazem o contorno da praça (27) voltados para dentro do bairro. Nessas vias estão localizados: um bar que faz frente com a Av. João Pinheiro e recebe fregueses de muitas partes da cidade, movimentando o trecho durante o período noturno; cerca de dez residências, algumas térreas e outras assobradadas com edificações de uso misto; costureira, farmácia, casa lotérica, restaurante, a Igreja, salão de festas da Igreja; um estabelecimento voltado ao reparo de bicicletas e a escola da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) Poços de Caldas.

A praça é utilizada das mais diversas formas e por todas as faixas etárias, integrando os usos das edificações do entorno imediato e estimulando o convívio entre os frequentadores. Os idosos a utilizam para a realização de caminhadas, convívio social; as crianças a utilizam para andar de bicicleta e demais brincadeiras infantis; Os alunos da APAE utilizam a praça durante o período de aulas para a prática de atividades diversas ao ar livre; os adultos supervisionam as atividades infantis e socializam nos intervalos do trabalho. Recentemente, por volta dos anos 2010, o programa da praça passou a abrigar um terminal de transportes urbanos intensificando o uso como local de espera e encontro. Existe ainda os moradores de rua que ocupam o coreto, gerando reclamação constante da população mas sem causar inibição nos usos.

Ao redor da praça, principalmente nas ruas Nico Duarte (118) e Dr. Gilardi Monteiro (120) acontece a feira livre do bairro, todas as terças-feiras. Acontecem também as quermesses, festas juninas das escolas e algumas apresentações culturais do Festival de Inverno da cidade, o Julho Fest.



Figura 53 - Dinâmica da praça em dias de feira livre.
Fonte: a autora, 2016.



Figura 54 - Ocupação da praça por atividades infantis sob supervisão dos adultos.
Fonte: a autora, 2016.

As vias, que apresentam maior intensidade de fluxo de pessoas e de atividades comerciais são: Rua Gama Cruz (119) e Av. Champagnat (117) que fazem parte das ruas do caminho caipira. A Rua Gama Cruz (119) foi uma das primeiras ruas do agrupamento, tendo sido nomeada em homenagem ao Sebastião da Gama Cruz. Nela se encontra o açougue, o mercado, a farmácia, a imobiliária, costureira, entre outras atividades comerciais que suprem as necessidades cotidianas dos moradores do bairro. As calçadas são estreitas, muitas vezes fazendo com que os usuários caminhem pela rua, com isso a velocidade dos veículos tem de ser reduzida, reforçando o caráter de pequena cidade. Na Av. Champagnat além do intenso comércio existem também grande número de residências. Os moradores se conhecem, conhecem os comerciantes e grande parte de seus clientes. As edificações são ainda fruto do primeiro momento do bairro (por volta de 1920), dessa forma as janelas fazem fronteira com as ruas, sem os jardins frontais característicos dos anos 1940 e também sem a garagem na frente das casas. Com isso os moradores ficam em contato direto com o ocorrido nas ruas, reafirmando a segurança e também o cuidado de quem pertence ao lugar.

Na Av. Champagnat os usos das calçadas se destacam de quaisquer outras ruas da cidade, os vizinhos ainda colocam cadeiras sobre elas e sentam-se para conversarem ao findar do dia, as crianças andam de bicicleta dividindo o espaço com os pedestres, alguns dos comércios também demonstram grande apropriação das ruas, colocando mesas e cadeiras para os clientes ou ainda expondo seus produtos nas mesmas. Tais relatos em muitas vezes remetem a ilegalidade dos usos dos espaços livres públicos, ou ainda, o abuso dos comerciantes em estenderem seus estabelecimentos sob solo público. No caso da Vila Cruz, pode ser visto como a liberdade em utilizar um espaço do qual se consideram próprios, não se veem pessoas reclamando, acidentes por tropeços nos produtos ou atropelamentos pelas crianças com as bicicletas, o ambiente é harmônico.

Os moradores da área possuem forte noção de comunidade, a economia local é forte e bem estruturada, disponibilizando grande variedade de comércios e serviços.



Figura 55 - Av. Champagnat, os produtos expostos nas calçadas.
Fonte: a autora, 2016.



Figura 56 - Pessoas reunidas ocupando as calçadas.
Fonte: a autora, 2016

3.3 CONJUNTO HABITACIONAL DR. PEDRO AFFONSO JUNQUEIRA – COHAB

A COHAB é o bairro periférico que apresenta maior intensidade e variedade de usos em seus espaços livres públicos, além de apresentar a mais complexa situação de temporalidades.

O bairro da COHAB, oficialmente chamado de Conjunto Habitacional Dr. Pedro Affonso Junqueira é fruto de uma parceria entre a PMPC e a COHAB- MG que visava reduzir o déficit habitacional da cidade. Inaugurada nos anos 1981, o loteamento destinado à população de baixa renda, foi instalado há cerca de 10 Km da área central, tendo por acesso apenas a rodovia BR 146, que liga Poços de Caldas à Andradas. Portanto, ainda hoje a ligação do bairro com a área central da cidade não se dá por um viário de características urbanas (pista de rolamento, passeio público e edificações no entorno), mas por um viário com características de rodovias inter municipais, onde a velocidade permitida é superior à 60 Km/h e não possui área destinada à locomoção do pedestre ou ciclista.

O bairro foi projetado para abrigar 1475 unidades unifamiliares com população estimada em cerca de 7.755 habitantes (Decreto nº2.020, 1980). Foram entregues quatro tipos de unidades, de um à quatro dormitórios. Os lotes residenciais representam 56,30% da área total do loteamento e o restante se dividiu entre áreas institucionais, comerciais e malha viária.

As áreas destinadas ao lazer e recreação foram entregues à população como áreas descampadas e sem equipamentos que propiciassem qualquer tipo de utilização, seja de lazer ativo ou contemplativo. Com o tempo e fruto de reivindicações específicas dos moradores junto ao Governo Municipal, os espaços livres passaram por melhorias e adequações, como instalação de academias ao ar livre, parques para recreação infantil, pistas de skate, quadras esportivas, quadras para vôlei de praia, e praças destinadas ao lazer contemplativo. As áreas propostas em projeto não foram utilizadas tais como foram propostas, muitas delas levaram outras destinações, como pode ser visto no comparativo entre a Figura 57 e a Tabela 06.

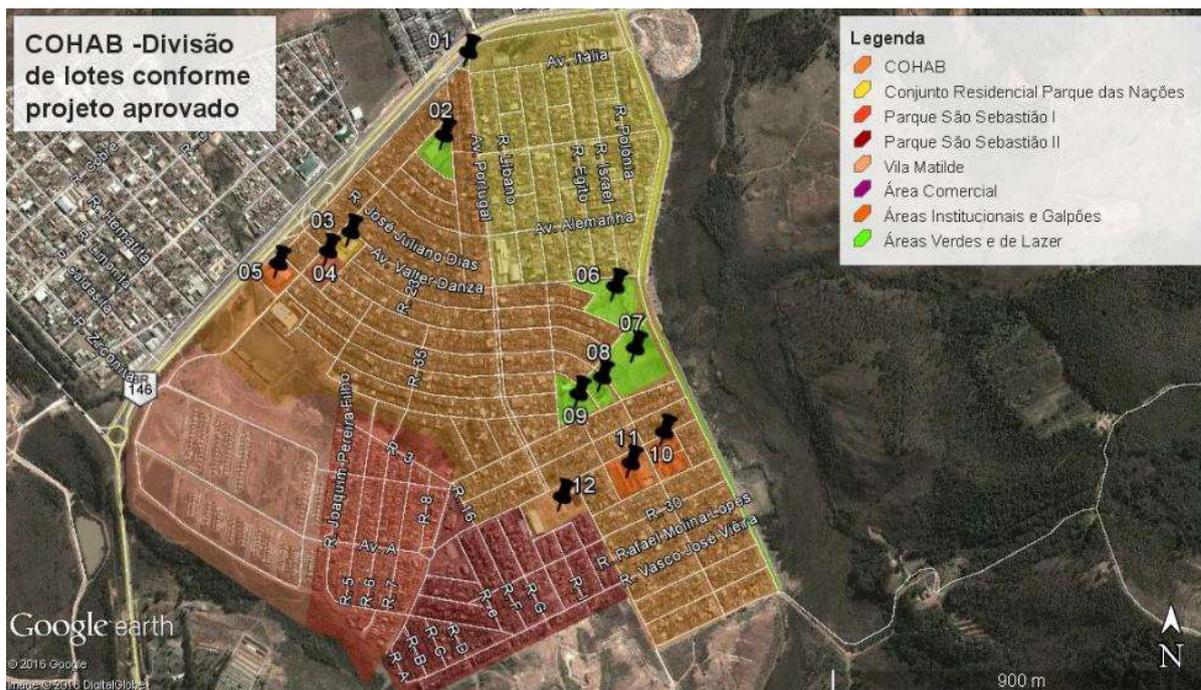


Figura 57 - Divisão de áreas conforme projeto aprovado para o loteamento Conjunto Habitacional Doutor Pedro Affonso Junqueira com demarcação dos itens mencionados.

Fonte: a autora, 2016.

TABELA 06 – COMPARAÇÃO ENTRE DESTINAÇÃO EM PROJETO E UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES.

| ITEM | DESTINAÇÃO EM PROJETO | OCUPAÇÃO ATUAL |
|------|---|--|
| | | Possui parte de uma academia ao ar livre |
| 1 | Área verde Lazer | |
| | | Praça das Mães (Parque infantil, quadra de vôlei de praia e área de lazer contemplativo) |
| 2 | Área verde Lazer | |
| | | Pista de skate, quadra poliesportiva e a agencia bancaria |
| 3 | Área Institucional | |
| 4 | Galpão comercial | |
| 5 | Ginásio poliesportivo | |
| 6 | Área verde Lazer | |
| | | Escola |
| | | Parque Infantil e área verde sem tratamento paisagístico |
| 7 | Área verde Lazer | |
| | | Área verde sem tratamento paisagístico |
| 8 | Área verde Lazer | |
| 9 | Área verde Lazer | |
| | | Hospital, velório e escola infantil |
| 10 | Área Institucional | |
| | | Escola |
| 11 | Área Institucional | |
| | | Quadra Poliesportiva |
| | | Abriga um templo religioso, terreno não ocupado onde se dá a apropriação popular através de atividades de recreação infantil e |
| 12 | Área não constava na aprovação do projeto | infanto-juvenil e a casa do caminho, |

instituição sem fins lucrativos que busca proporcionar um futuro melhor para crianças carentes.

Dentre os espaços acima mencionados, os que possuem maior movimentação de veículos e pessoas são os espaços identificados na legenda da

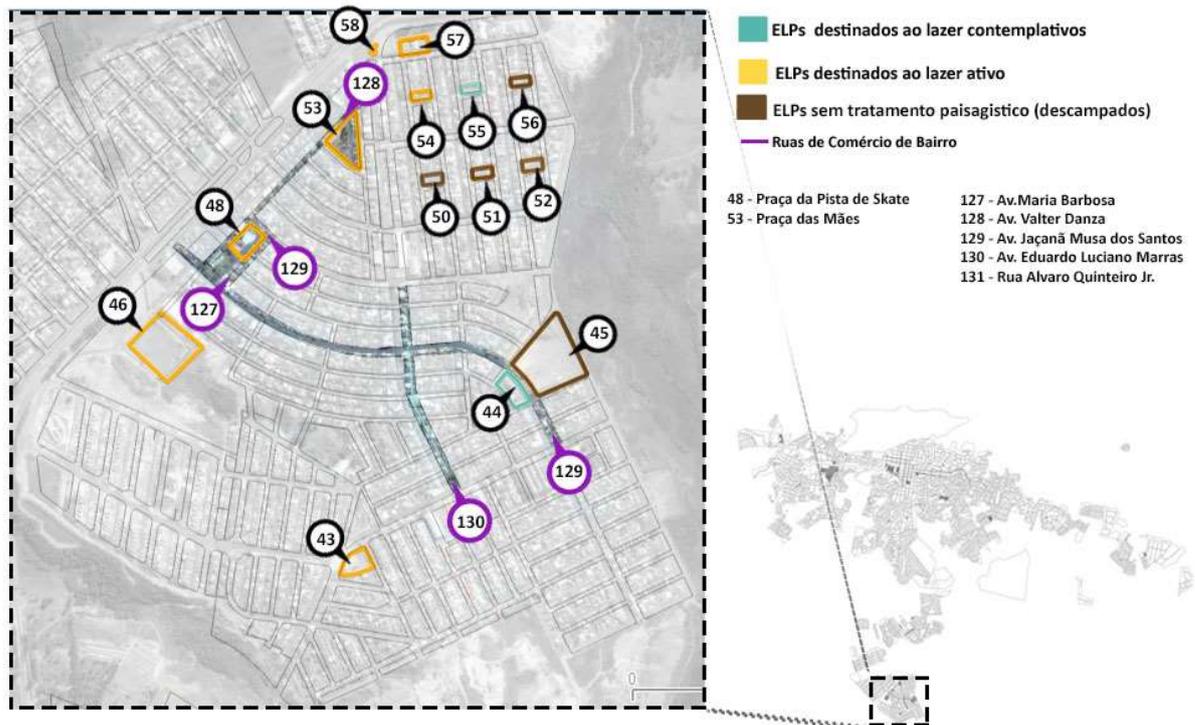


Figura 58 - Mapa localizando os espaços livres públicos disponíveis na COHAB.
Fonte: a autora, 2017.

Com exceção ao bairro da COHAB, os demais bairros desta região não possuem muitos espaços equipados que deem suporte à vida pública, com exceção das ruas. Esta situação pode, em parte, ser explicada pelo fato de que quando foram construídos os demais loteamentos a COHAB já estava consolidada. Com isso, a nova população que acedeu à área logo se apropriou dos espaços e equipamentos disponíveis e a COHAB que se transformou em uma sub-centralidade para todo o conjunto urbano. Acrescenta-se à isso o fato de grande parte dos habitantes não possuírem veículos individuais e o transporte coletivo se apresenta insuficiente para atender a demanda da região. Com isso, a realização das atividades cotidianas apresentava grande grau de dificuldade, incentivando o fortalecimento de uma comunidade colaborativa que buscava resolver suas necessidades no âmbito do próprio bairro. Com a implantação dos loteamentos ao redor da COHAB, a

quantidade de habitantes usuários dos espaços e serviços aumentou, consolidando as características de centralidade. Portanto, a área apresenta duas das mais relevantes características apontadas como fundamentais à vitalidade urbana: multifuncionalidade e densidade populacional (BALULA, 2010).

O Bairro da COHAB possui uma relação muito viva com os diferentes tipos de espaços públicos. Observa-se crianças brincando nas ruas, soltando pipa nos terrenos vazios e rotatórias, utilizando as praças e quadras; os jovens conversam nas calçadas, caminham pelo bairro, jogam vôlei nas quadras, andam de skate, utilizam o parquinho infantil como local de encontro e espaço para utilização da rede wi-fi; os adultos conversam nas portas das residências enquanto observam as crianças, fazem uso das praças, caminham, utilizam os bares e comércios (tanto o formal, quanto o artesanal informal, em sua maioria negociado nas calçadas em frente as residências dos produtores) sempre com os olhos voltados as atividades exercidas nas ruas. Grande parte dos contatos feitos nas ruas são triviais, contudo, a junção deles não é, “resulta na compreensão da identidade pública das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos” (JACOBS, 2001, p. 60).

A “Praça das Mães” é um dos espaços que se destaca por sua apropriação. A praça possui três ambientes escalonados de forma que as atividades exercidas em ambiente não impactem nas exercidas em outro. O primeiro espaço possui um parque infantil frequentado por crianças e adolescentes, o segundo uma praça voltada ao lazer contemplativo e o terceiro uma quadra de areia. Os espaços abrangem diversas atividades para diferentes faixas etárias. Seu entorno é composto, quase totalmente, por residências unifamiliares. Neste caso, portanto, o espaço livre associado ao comércio não é a base da vitalidade urbana.



Figura 59 - Imagem apresentando a “Praça da Pista de Skate” e seu entorno imediato.

Fonte: autora, 2015.

A “Praça da Pista de Skate” é outro espaço que demanda um olhar mais atento, por oferecer maior variedade de opções de lazer, recreação, serviços e comércio com uma intensa utilização. Parte da quadra é destinada ao comércio e serviços, a outra abriga a pista de skate, uma pequena quadra poliesportiva e uma agência bancária. O espaço era composto por duas grandes quadras poliesportivas, uma delas recebeu obstáculos de skate em madeira (tendo sido utilizada como pista de skate até a execução do projeto idealizado pela comunidade em 2013). A segunda quadra poliesportiva foi reduzida para abrigar a construção da agência bancária. As alterações desta área foram direcionadas pela própria população que desenvolveu um espaço adequado aos seus desejos e necessidades, portanto, possui intensa apropriação por todas as faixas etárias.



Figura 60 - Ocupação da pista de skate.
Fonte: a autora, 2015.



Figura 61 - Ocupação da pista de skate.
Fonte: a autora, 2015.



Figura 62 - Ocupação da quadra esportiva na Praça da Pista de Skate.
Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Buga, 2015.

Existem outras atividades executadas fora dos locais propostos para lazer e recreação. As ruas de todo o bairro são amplamente utilizadas. As crianças menores brincam nas ruas onde residem, outras podem ir até as ruas vizinhas ou em terrenos vazios nas proximidades. Existem ainda os projetos sociais que buscam envolver as crianças e jovens em atividades extras nas quadras esportivas ou nas escolas como forma de mantê-los ocupados e longe da criminalidade. A avenida principal, que

atravessa toda a extensão do bairro, possui um canteiro central repleto de mesas e bancos de concreto, onde é comum ver pessoas de todas as idades caminhando pelo canteiro, sentadas conversando, jogando cartas ou xadrez, especialmente os idosos.

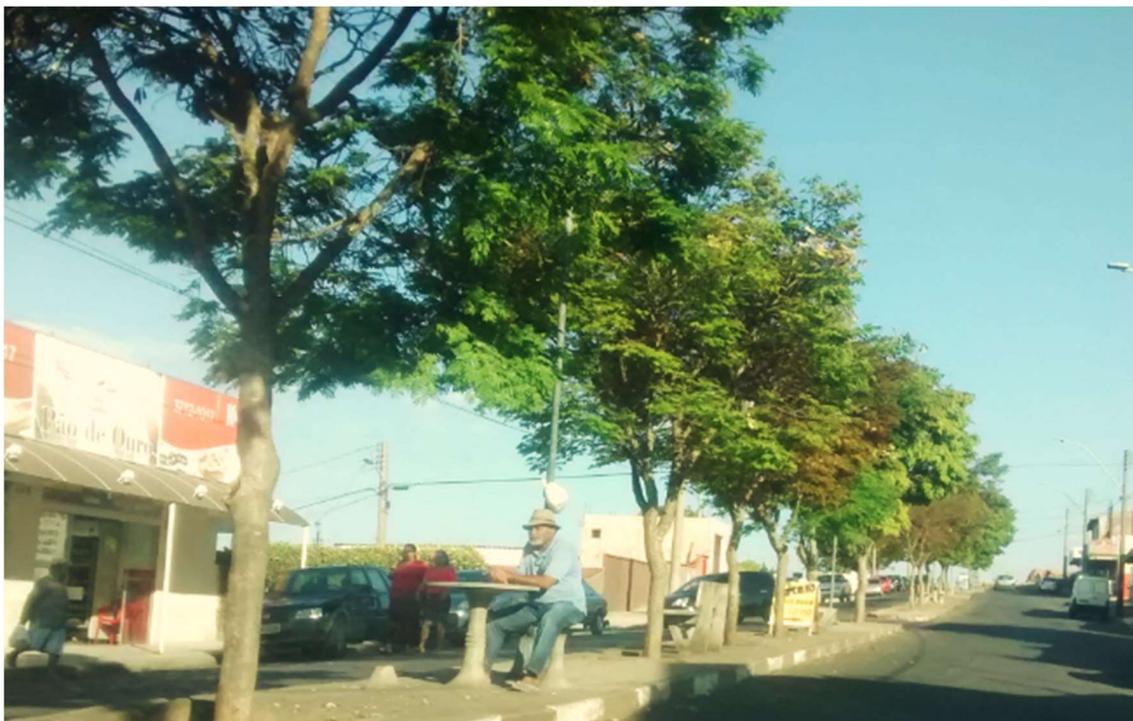


Figura 63 - Canteiro da avenida principal.

Fonte: a autora, 2015.

Considerando que as praças e áreas livres oferecem rede de internet sem fio os moradores utilizam esses espaços para atividades que em outras localidades são, em sua maioria, realizadas indoors.

A análise do Bairro da COHAB traz algumas outras questões para refletir sobre espaço público, não exatamente ligadas aos elementos tipicamente contemporâneos, mas a noções já um pouco em desuso, como a noção de identidade, de pertencimento e de apropriação, características fortemente presentes em cidades menores com cotidiano mais lento.

Assim, na análise do estudo de caso temos que a distância da COHAB em relação à área central - principal fornecedor de serviços e comércio - foi decisivamente um fator que contribuiu para o desenvolvimento da economia local, e da quase independência em relação à cidade de Poços de Caldas. Por ter sido o primeiro bairro a ocupar a área, a COHAB, se tornou centralidade regional e sub

centralidade municipal, agregando funções e atendendo as necessidades da população do entorno.

Acredita-se que a formação e desenvolvimento do bairro, onde a população local, através de suas reivindicações, passou a se sentir coautora das principais melhorias, contribuiu para a formação de identidade, da noção de comunidade e forte sensação de pertencimento. Com esses elementos os habitantes se sentem responsáveis pelos espaços livres públicos e se sentem no dever de zelar por eles, usufruindo com maior liberdade.

Tais fatores contribuem para o incremento da complexidade do bairro em relação as temporalidades existentes. A noção de comunidade e forte identidade estão mais próximas da vivencia das cidades pequenas, onde a velocidade do cotidiano não inibiu o contato entre os moradores, contudo, o motivo para o fortalecimento da comunidade advém de situações de expansão e especulação urbana, características relacionadas com as grandes cidades contemporâneas.

Os usos dos espaços livres públicos também corroboram a complexidade de situações existentes. A pista de skate, modalidade esportiva pertencente à determinada tribo urbana se relaciona com a contemporaneidade, onde a cultura de tribos se faz mais presente. Da mesma forma, o processo que resultou na construção da referida pista está relacionado com o convívio e organização social dentro de um mesmo bairro onde os moradores estão familiarizados uns com os outros e conseguem se articular em busca de interesses comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho foi compreender de que forma as diferentes temporalidades relacionadas aos modos de vida dos cidadãos se apresentam na utilização dos espaços livres públicos em Poços de Caldas.

O termo “espaço público” é tratado tanto pelo espaço físico de propriedade pública como pelo espaço, sendo esse físico ou virtual, onde ocorre o contato entre diversas pessoas tornando possível a publicização de informações e opiniões, esfera pública. O espaço público onde a esfera pública ocorre de forma mais intensa é o espaço livre público, ou seja, praças, parques, jardins, entre outros, espaços onde não há restrições quanto a quem os utiliza permitindo maior liberdade e diversidade de usos, estimulando o desenvolvimento da esfera pública.

A forma de utilização dos espaços livres públicos vem sendo alterada ao longo dos anos por inúmeros fatores. O desenvolvimento tecnológico que possibilitou a expansão urbana, intervindo no modo como os habitantes vivem e no ritmo cotidiano, foi o principal dos fatores. O crescimento urbano, tal como descrito por Simmel (1900) alterou a forma como os habitantes reagem aos estímulos externos desenvolvendo resistência ao impacto das informações e racionalizando as diversas formas de relacionamentos. Já, nas pequenas cidades, os habitantes respondem a grande parte dos estímulos, desenvolvendo relações, tanto com outros habitantes como com os espaços, baseados nos sentimentos e vínculos afetivos, apresentando formas distintas nas relações entre pessoa-espaço.

Mais recentemente, com o avanço das tecnologias voltadas à disseminação de informações e comunicação instantâneas, parte da esfera pública passou a se deslocar para a virtualidade, novamente interferindo nas formas de utilização dos espaços livres públicos. O acesso às diversas tecnologias que alteraram o ritmo de vida da sociedade, é maior nas grandes cidades do que nas pequenas, desta forma, nos espaços com característica de pequenas cidades ainda persistem usos distintos, com mais envolvimento sentimental, noção de comunidade, relação entre os moradores o que reflete nos espaços públicos através da apropriação social dos espaços, usos coerentes e similares, atividades realizadas pela população usuária e moradora do entorno mais próximo.

Poços de Caldas está situada nas bordas da Megalópole do sudeste, sendo influenciada pela velocidade dos modos de vida cotidiano característico dos grandes centros urbanos e, concomitantemente, apresentando persistências dos modos de vida característicos de cidades pequenas, como as descritas por Simmel por volta dos anos 1900.

A fundação da cidade ocorreu de forma distinta das tradicionais cidades mineiras (pouso, capela, freguesia, vila e cidade). De um lado havia a glamorosa estância termal formada para atender os turistas oriundos dos grandes centros urbanos. Portanto, até mesmo as funções realizadas na região central tendiam a imitar a modernidade dos grandes centros e se distanciar das características do rural. Do outro lado estavam os trabalhadores, aqueles que não tiveram contato com a vida cotidiana das grandes cidades e como descrito por Simmel, esses construíam e viviam da forma como conheciam, mais próximo ao cotidiano rural ou das pequenas cidades. Por volta dos anos 1960 a instalação de diversas indústrias aproximou a vivência dos habitantes da vivência das grandes cidades. Foi necessário a introdução de novos conhecimentos e uma intensificação na comunicação com outras cidades. Dessa forma, os habitantes de Poços de Caldas passaram a se locomover dentro de maior raio de abrangência, fazendo contatos profissionais, buscando informação e também conhecimento nos centros mais próximos. Intensificando a sobreposição de temporalidades no território através da importação de um novo modo de vida, os locais onde os frequentadores tinham mais acesso à tecnologia e informações se alteraram com maior intensidade face aos demais.

Para o aprofundamento dos estudos de caso de como as diferentes temporalidades afetem os usos dos espaços livres públicos em uma cidade de médio porte, foram elencados três áreas, cada uma com predominâncias diferentes de influência.

A área central é o local que apresenta maior influência das grandes cidades. A forma de utilização se dá por usuários de todos os lugares, sem o sentimento característico das cidades pequenas. Os encontros, as atividades, entre outros são fruto das redes de relacionamentos contemporâneas, desprendidas do território. A baixa densidade habitacional somada ao costume dos moradores da área de

consumirem em outras regiões ou mesmo em outras cidades. Os espaços, tanto praças como ruas são bastante movimentadas, pois a região central ainda se estabelece como a principal área de comércio e serviços, atraindo grande quantidade de pessoas. Há ainda a questão da centralidade geográfica, sendo a cidade estruturada na forma da letra “T” a região central é o ponto de mais fácil acesso para o encontro, fortalecendo o uso dos espaços livres. Já o comércio nessa área é caracterizado por lojas onde não se produz a mercadoria, nem se conhece o consumidor, assim como descrito por Simmel como tendência dos grandes centros urbanos. A área central possui também algumas permanências dos modos de vida associados às pequenas cidades, as ruas denominadas como “caminho caipira” fazem parte do principal exemplo. O caminho caipira apresenta permanências de outros tempos por apresentar pequenos comércios familiares onde os vendedores conhecem seus clientes e possuem um relacionamento mais próximo, com mais sentimento com eles, conhecem também seus vizinhos, outros comerciantes da rua, que em geral estão instalados nos mesmos pontos por duas ou três gerações. No caso da área central, grande parte das características associadas aos modos de vida das pequenas cidades, estão nas bordas, resistindo à ação do tempo.

O caso da Vila Cruz se apresenta como oposto. Os moradores se apropriam de todos os espaços livres públicos. O espaço em geral possui uma identidade forte que condiz com a forma como é utilizado pela população. As ruas e calçadas são amplamente utilizadas, seja pelo comerciante que coloca mesas e cadeiras para seus clientes, seja por crianças ao andar de bicicleta ou outras brincadeiras ou ainda pelos moradores que ao findar do horário comercial se apropriam das calçadas colocando cadeiras para conversar com os vizinhos. A noção de pertencimento e identidade é mais intensa, tal como nas pequenas cidades. Há também o comércio familiar onde vende-se o material produzido, conhecem grande parte dos consumidores podendo realizar o atendimento personalizado, com mais sentimento, atenção e tempo. A influência dos grandes centros se apresenta de forma mais intensa na borda ao sul do bairro, a Av. João Pinheiro, que mesmo estando em processo de modernização, cedendo cada vez mais espaço aos carros e as atividades dependentes do mesmo, ainda possui charretes circulando.

Já o Conjunto Urbano da COHAB apresenta a maior complexidade de temporalidades dentre os demais casos analisados. Na COHAB a sobreposição das

temporalidades não se dá em diferentes áreas próximas uma da outra, a sobreposição se dá dentro das mesmas áreas. A formação do bairro e o contínuo desenvolvimento tiveram grande influência da forma como os espaços são utilizados e nos modos de vida das pessoas que ali convivem. A formação que data dos anos 1980, foi fortemente alterada por conta das carências com as quais o bairro foi entregue aos moradores. A noção de comunidade e pertencimento foram fruto das mobilizações para que os espaços fossem qualificados, a rede de esgoto instaladas, dentre outras melhorias obtidas através da união dos moradores. Nas ruas comerciais há tanto o comércio familiar como lojas de grandes franquias, nacionais como regionais. Os modos de vida da população vem se alterando e se aproximando dos modos de vida dos grandes centros, as resistências podem estar fadadas a acabar com o passar dos anos, dependendo das novas gerações manterem o estreito relacionamento uns com os outros, característica primordial das pequenas cidades.

A fundação e desenvolvimento da cidade ainda impactam nas temporalidades encontradas em cada uma das diferentes áreas, contudo, sobreposição dos tempos tornam-se inevitável criando em todas as áreas diferentes nuances de cada período de tempo.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, S. L. **Espaço Público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume, 2008.

ALEX, S. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Senac, 2011.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária - Rio, 1958/1997.

ASCHER, F. **Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade**. Lisboa: Celta, 1998.

ASCHER, F. **Novos Compromissos Urbanos - Um Léxico**. In: ASCHER, F. **Novos Princípios do Urbanismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010a.

ASCHER, F. **Os Novos Princípios do Urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010b.

BALULA, L. **Espaço Público e Criatividade Urbana: a dinâmica dos lugares em três bairros culturais**. **Cidades - Comunidades e Territórios**, Dezembro 2010. 43 - 58.

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENFATTI, D. M.; QUEIROGA, E. F.; SILVA, J. M. P. **Megalópole, Urbanização Fragmentada e Esfera da Vida Pública Contemporânea**. 10o ENEPEA - Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Urbanismo no Brasil. Porto Alegre: ediPUCRS. 2010.

BRASIL. **Decreto-Lei nº9215, de 30 de Abril de 1946. Proíbe a prática ou exploração de jogos de azar em todo o território nacional**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1946.

BRASIL. **Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências**. Brasília: [s.n.], 1979.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

BRILL, M. Transformation, Nostalgia, and Illusion in Public Life and Public Place. **Public Places and Spaces**, New York, p. 02-29, 1989.

CALDAS, P. D. **Decreto nº2020, de 30 de maio de 1979. Aprova o Loteamento Denominado "Boa Esperança"**. Poços de Caldas: [s.n.], 1979.

CALDAS, P. M. D. P. D. **Contém disposições sobre abertura de ruas e disposições de lotes**. 58, 9 out. 1935.

CARLOS, A. F. A. Metamorfoses Urbanas. **GeoTextos**, v. 3, n. 1 e 2, p. 187-200, 2007.

CAVALCANTE, J. C. et al. **Projeto Sapucaí; Estado de Minas Gerais e São Paulo**. Brasília: Departamento Nacional de Produção Mineral, Série Geologia, 1979.

CHIESA, P. et al. **O Sistema de Espaços Livres e a Paisagem Urbana de Curitiba - PR**. São Paulo: [s.n.], 2012.

CHOAY, F. **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FLORIDA, R. L. **The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life**. Nova York: Basic Books, 2002.

GOSLING, D. ATRIBUTOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NO DOWNTOWN David Gosling. In: MEYER, R. M. P. (.). **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Associação Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Terceiro Nome, 2001.

GUERRA, I. Novas Tensões do Urbanismo quotidiano. **Políticas urbanas: tendências, estratégias e oportunidades**, Lisboa, 2003. 236-251.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOSPERS, G.-J. Creative cities: breeding places in the knowledge economy. **Knowledge, Technology, & Policy**, v. 16(3), p. 143-62, 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUET, B. Espaços Públicos, Espaços Residuais. In: MEYER, R. M. P. (.). **Os centros das metrópoles. Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Associação Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Terceiro Nome, 2001.

JACOBS, J. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 7ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. 589 p.

MACEDO,

S. **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea brasileira**. São Paulo: Edusp, 2011.

MACEDO, S. S. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAUUSP, 1999.

MACEDO, S. S. **Paisagismo Brasileiro na Virada do Século: 1990 - 2010**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MARRICHI, J. **A Cidade Termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 e 1931**. São Paulo: Annablume, 2015.

MOURÃO, B. M. **O Quarteto Construtor de Poços de Caldas e Epopéia de Pedro Sanches**. Poços de Caldas: Gráfica Sulminas, 1998.

MOURÃO, M. **Poços de Caldas**. Poços de Caldas: [s.n.], 1960.

OLIVEIRA, E. M. Produção do Espaço Urbano em Poços de Caldas. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 50, p. 100 - 113, Junho 2014.

OTTONI, H. B. **Poços de Caldas**. São Paulo: Anhambi, 1960.

PLANO de Desenvolvimento Integrado. Poços de Caldas: [s.n.], 1968.

POÇOS DE CALDAS. **Ato Municipal nº35, de 9 de Outubro de 1935. Contém Disposições Sobre Aberturas de Ruas e Divisões de Lotes**. Poços de Caldas: [s.n.], 1935.

POÇOS DE CALDAS. **Plano de Desenvolvimento Integrado**. Poços de Caldas: CONSULTEC, 1968.

POÇOS DE CALDAS. **Decreto nº1980, de 21 de dezembro de 1978. Aprova o Loteamento "Conjunto Residencial Parque das Nações"**. Poços de Caldas: [s.n.], 1978.

POÇOS DE CALDAS. **Decreto nº4391, de 15 de agosto de 1991. Aprova o Loteamento Parque São Sebastião I - 1ª Fase**. Poços de Caldas: [s.n.], 1991.

POÇOS DE CALDAS. **Decreto nº4427, de 14 de Novembro de 1991. Aprova o Loteamento Parque São Sebastião II - 2ª Fase**. Poços de Caldas: [s.n.], 1991.

POÇOS DE CALDAS. **Plano Diretor**. Poços de Caldas: [s.n.], 1992.

POÇOS DE CALDAS. **Lei Complementar nº18, de 31 de Agosto de 2000. DISPÕE SOBRE O PARCELAMENTO DO SOLO URBANO DO MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS**. Poços de Caldas: [s.n.], 2000.

POÇOS DE CALDAS. **Plano Diretor**. Poços de Caldas: [s.n.], 2006.

PORTAS, N. Reurbanização. In: _____ **Políticas Urbanas II: As Transformações do Espaço Urbano**. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, 2012. p. 163-207.

POZZER, C. E. **Poços de Caldas: a construção de uma paisagem urbana**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC. Poços de Caldas. 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS. **Ato Municipal 58**. Poços de Caldas: [s.n.], 1935.

QUEIROGA, E. F.; BENFATTI, D. M. Entre o nó e a rede, dialéticas espaciais contemporâneas: O caso da metrópole de Campinas diante da megalópole do Sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 41-52, 2007.

QUINTANA, E. B. **Muros, proteção para quem?** Anais Encontros Nacionais da Anpur. [S.l.]: [s.n.]. 2013. p. 1-17.

REIS, N. G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SANTOS, C. N. F. D. **Quando a Rua Vira Casa**. 3ª Edição. ed. São Paulo: Finep, 1985.

SEABRA, O. A Insurreição do uso. In: (ORG), J. D. S. M. **Henri Lefebvre e o retorno a dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEGAWA, H. **Ao Amor do Público**: jardins no Brasil. São Paulo: FAPESP, 1996.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: As tiranias da intimidade. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1974/1988.

SERPA, A. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

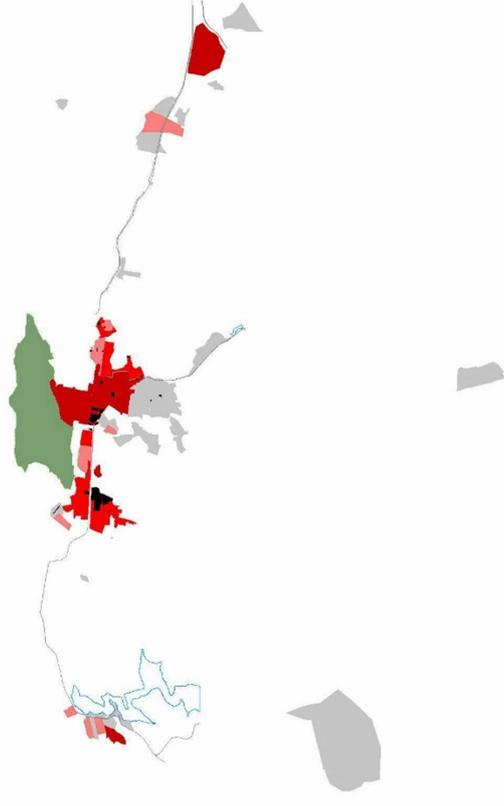
TINÓS, T. M. **Mapeamento geológico-geotécnico a partir de metodologia de análise integrada**: ensaio de aplicação no município de Poços de Caldas - MG. Rio Claro: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2011.

TOPALOV, C. et al. **A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades**. Tradução de Alicia Novick. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

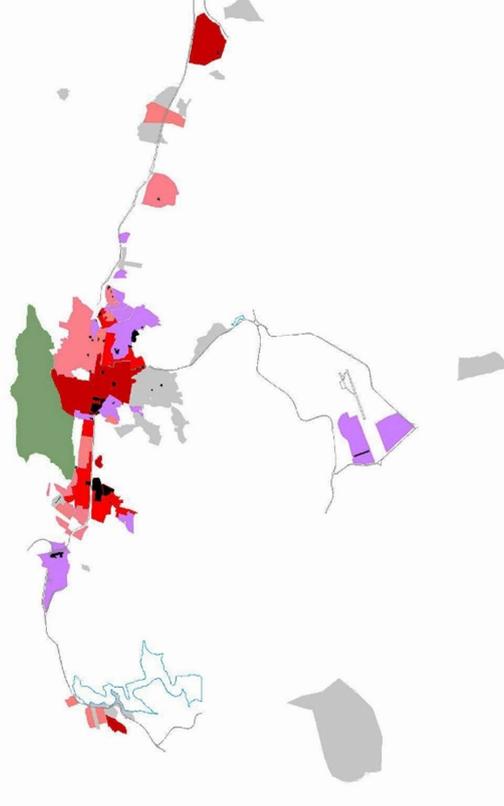
VARGAS, H. C. Prefácio. In: ALEX, S. **Projeto da Praça**: Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Senac, 2011.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1998.

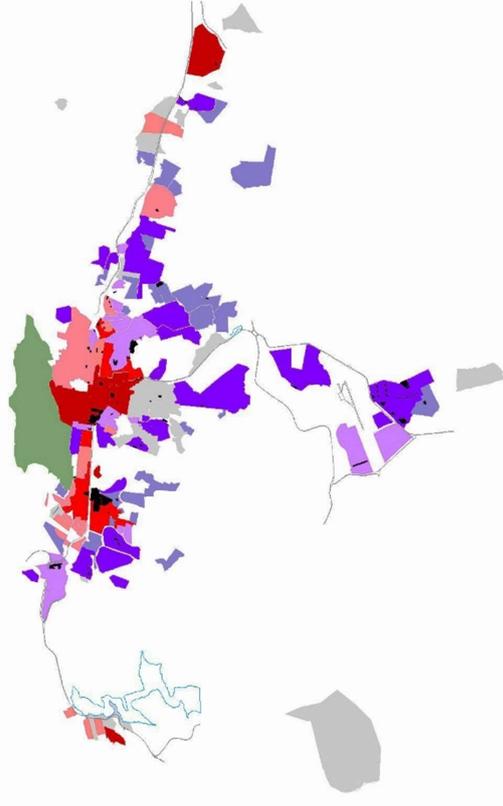
APENDICE



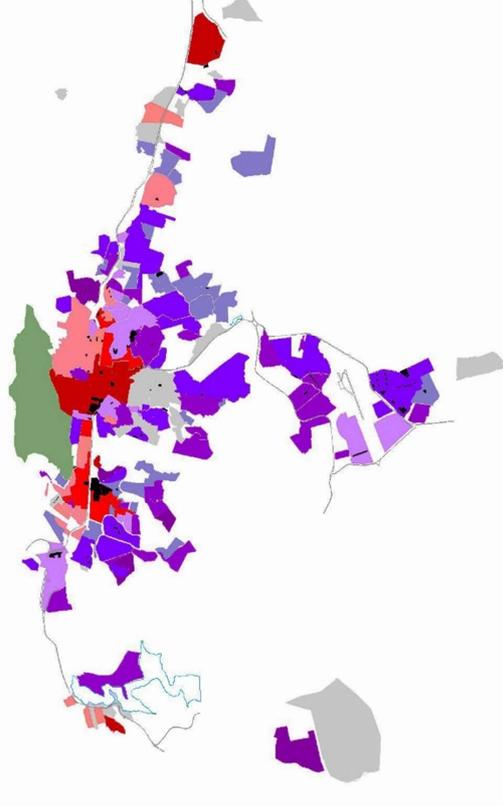
Até 1959



Até 1979



Até 2000



Até 2016

LEGENDA

- 1900 – 1909
- 1910 – 1949
- 1950 – 1959
- 1960 – 1969
- 1970 – 1979
- 1980 – 1989
- 1990 – 1999
- 2000 – 2009
- 2010 – 2015
- PARQUE SERRA DE SÃO DOMINGOS
- ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

MAPA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E LOCALIZAÇÃO DOS
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE POÇOS DE CALDAS – MG

Fonte:
Fernanda Buga

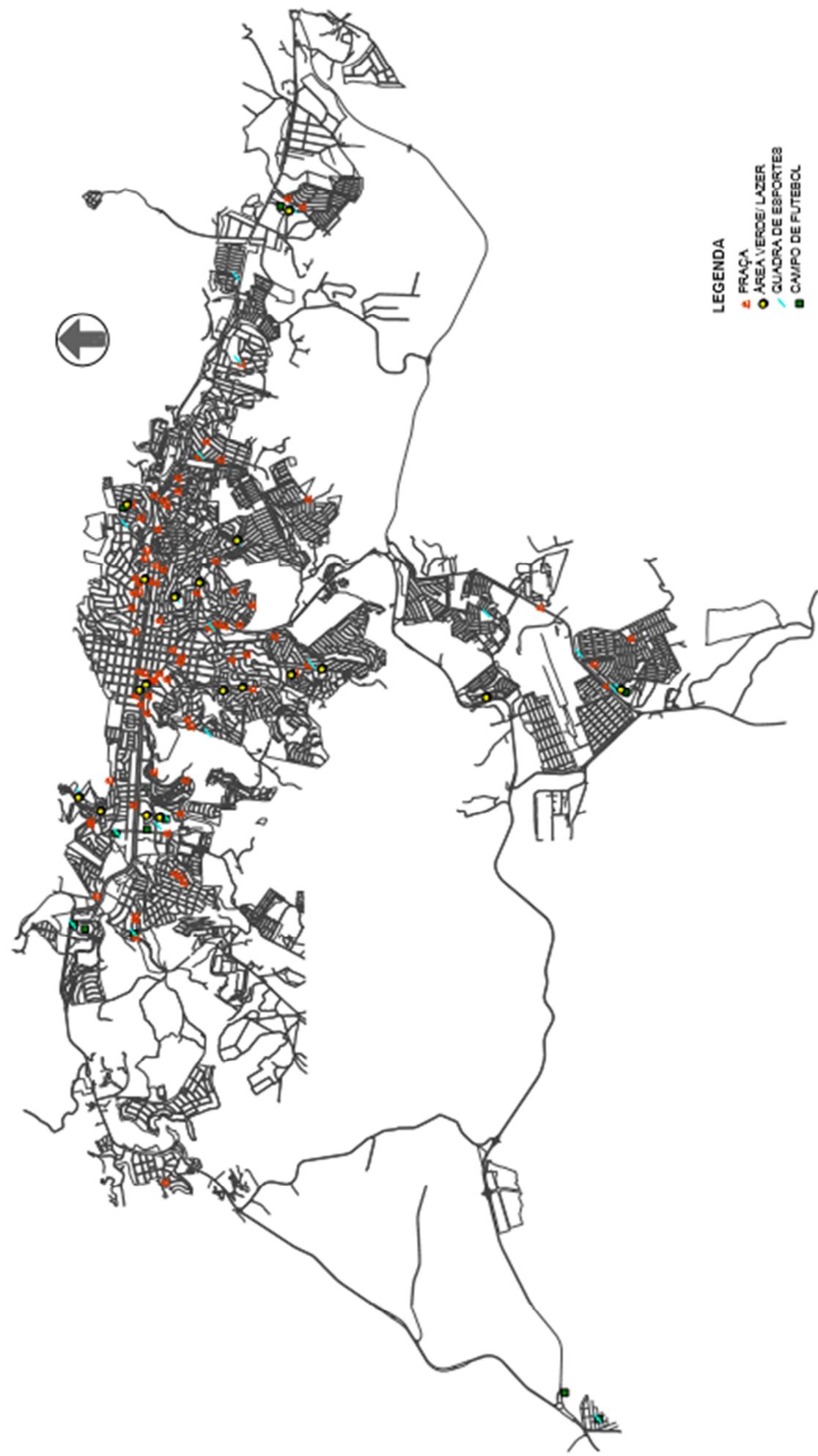
Obs.: Mapa elaborado com base nos decretos de aprovação dos loteamentos e dados fornecidos pela Sec. de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente.



ESCALA GRÁFICA



ANEXOS



0

2

4

quilômetro

PONTE:

- SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO, 2005

EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS - LAZER

PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS
Secretaria de Planejamento e Coordenação

JULHO/2006

1.2